



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Daise Fabiana Ribeiro Pereira Carpes

Comportamento prosódico e sintático do foco em PB:
um estudo experimental de interface

Florianópolis

2019

Daise Fabiana Ribeiro Pereira Carpes

Comportamento prosódico e sintático do foco em PB:
um estudo experimental de interface

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de doutor em
Linguística.
Orientadora: Prof.^a Dra. Sandra Quarezemin

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carpes, Daise Fabiana Ribeiro Pereira
Comportamento prosódico e sintático do foco em PB : um
estudo experimental de interface / Daise Fabiana Ribeiro
Pereira Carpes ; orientadora, Sandra Quarezemin, 2019.
161 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Foco. 3. Prosódia. 4. Sintaxe. 5.
Interfaces da gramática. I. Quarezemin, Sandra. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Linguística. III. Título.

Daise Fabiana Ribeiro Pereira Carpes
Comportamento prosódico e sintático do foco em PB:
um estudo experimental de interface

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Juan Manuel Sosa, Dr.
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Simon Fraser University (SFU)

Prof.(a) Karina Zendron da Cunha, Dr.(a)
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Prof.(a) Roberta Pires de Oliveira, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Humberto Borges, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Linguística.

Prof. Atilio Butturi Junior, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística

Prof.(a) Sandra Quarezemin, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2019.

Dedico esta tese aos meus grandes amores: Zúnio, Victor, Rafael e Nina (doce menina que foi gestada e nasceu enquanto eu terminava o doutorado).
Eu sou mais feliz por ter vocês na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Izabel Christine Seara e Sandra Quarezemin, que me acompanharam de perto nesta trajetória de pesquisa e muito me ensinaram e inspiraram. Obrigada por tudo.

Aos professores Juan Manoel Sosa e Roberta Pires de Oliveira, com quem tanto conversei sobre a pesquisa e o andamento da tese, que sempre me incentivaram demais – acredito que nem saibam o quanto!

Aos professores Maria Cristina Figueiredo Silva, Albert Rilliard e Núbia Saraiva Ferreira, pela presença e pela colaboração na banca de qualificação desta tese. A contribuição de vocês foi muito importante.

Aos professores Juan Manoel Sosa, Karina Zendron da Cunha, Roberta Pires de Oliveira e Humberto Borges, membros da banca avaliadora de defesa da tese, por aceitarem nosso convite, pela leitura atenta e pelas sugestões que muito acrescentaram ao texto final.

Aos colegas do Laboratório de Fonética Aplicada (Fonapli) e do Núcleo de Estudos Gramaticais (NEG), pelos anos de parceria, trocas, aprendizado e crescimento acadêmico.

Aos informantes que participaram dos experimentos e gentilmente emprestaram suas vozes a favor da pesquisa e da ciência.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), pela oportunidade de estudos, reflexão e aprendizado, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

O objetivo desta tese é analisar e descrever o comportamento prosódico e sintático, em português brasileiro (PB), de sentenças com foco. São três os tipos de foco sob investigação, foco de informação, foco de identificação/exaustivo e foco contrastivo, realizados em duas posições gramaticais diferentes: sujeito e objeto. Para isso, procedeu-se com a elaboração e a realização de um experimento de fala semiespontânea que contou com a participação de 17 informantes falantes do PB. Nesse experimento, foram coletadas amostras de fala que os participantes do experimento realizaram para todos os contextos de foco em análise, e eles tinham liberdade de escolher a estrutura sintática que julgassem adequada para cada situação. Esses registros de fala compuseram o *corpus* do experimento, e a partir deles foi feita a análise prosódica – descrevendo-se variação da frequência fundamental (por meio da notação prosódica), *pitch range* e alinhamento do pico entoacional – e a análise sintática – observando quais foram as estruturas sintáticas escolhidas para cada contexto e posição de focalização e quais eram as posições da projeção de foco na estrutura, numa abordagem cartográfica. No que diz respeito à análise da prosódia, não foram encontradas diferenças consistentes que distinguissem os tipos de foco, e quando era considerada a posição do foco, encontrou-se alguma consistência apenas para os contextos com foco no objeto. Quanto à análise sintática, em todos os seis contextos de combinação de tipo e posição de foco, os informantes deram preferência à estrutura sujeito–verbo–objeto (SVO), o que foi chamado de foco *in situ* combinado a foco prosódico, com menos casos de marcação do foco na sintaxe visível. Apesar de a estrutura SVO ter sido maioria em todos os seis contextos, houve uma diferença perceptível quanto à posição de foco: quando o foco era no sujeito, a distribuição entre estrutura SVO e reordenamento sintático era quase equilibrada, com uma pequena vantagem para a opção SVO. Já quando o foco recaía sobre o objeto, a realização das sentenças como SVO era de quase 100% dos casos, com pouquíssimas ocorrências de foco marcado na sintaxe. Quando o foco recai sobre o objeto, os falantes optam por mantê-lo em sua posição, pois ela coincide com o acento nuclear da sentença, então eles não precisam deslocá-lo para outra posição, que é o que acontece quando o foco é o sujeito na estrutura SVO. Essa parece ser uma evidência de que, no PB, os falantes preferem marcar o foco por meio da prosódia, e não reordenar a sentença.

Palavras-chave: Foco. Prosódia. Sintaxe. Interfaces da gramática.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze and describe the prosodic and syntactic behavior, in Brazilian Portuguese (BP), of sentences with focus. There are three types of focus under investigation, information focus, identificational / exhaustive focus and contrastive focus, held in two different grammatical positions: subject and object. For this, we proceeded with the elaboration and conduction of a semi-spontaneous speech experiment with 17 BP speakers. In this experiment, we collected speech samples produced by the participants for all focus contexts under analysis. They were free to choose the syntactic structure they considered appropriate for each situation. These speech records made up the corpus of the experiment, and from them the prosodic analysis was performed – describing fundamental frequency variation (through prosodic notation), pitch range and intonation peak alignment – and syntactic analysis – observing what were the syntactic structures chosen for each context and focus position and what were the positions of the focus projection in the structure, with a cartographic approach. With respect to prosody analysis, no consistent differences distinguishing the focus types were found, and when considering the focus position, some consistency was found only for object-focused contexts. Concerning the syntactic analysis, in all six contexts combining type and position of focus, the informants gave preference to the subject – verb – object (SVO) structure, which was called focus in situ combined with prosodic focus, with fewer cases of focus marking in the visible syntax. Although the SVO structure was the majority in all six contexts, there was a noticeable difference in focus position: for the focus on the subject, the distribution between SVO structure and syntactic reordering was almost balanced, with a slight advantage for SVO. However, when the focus was on the object, the participants produced SVO sentences in almost all the cases, with very few occurrences of focus marking in the visible syntax. When the focus is on the object, speakers prefer to keep it in its original position because it coincides with the nuclear accent of the sentence. Thus, they don't have to move it to another position, which is what happens when the focus is on the subject in the SVO structure. This seems to be evidence that, in BP, speakers prefer to mark focus by prosody rather than reordering the sentence.

Keywords: Focus. Prosody. Syntax. Interfaces in grammar.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Forma de onda da sílaba “fo”, da palavra “foram”, com pulsos glotais ampliados com duração média de 0,003865 s, que vai corresponder a uma F0 de cerca de 259 Hz. 57
- Figura 2 – Exemplo de notação prosódica, baseada na Fonologia Métrica Autossegmental de Pierrehumbert (1980), realizada para o contorno entoacional da sentença *A Marina namora o Danilo*, com foco contrastivo no sujeito, e que compõe o *corpus* desta pesquisa. 61
- Figura 3 – Sobreposição de duas produções de uma sentença (*O Marcelo carrega as cadeiras*) com foco no objeto: uma produzida com foco não exaustivo (em preto) e outra produzida com foco contrastivo (em vermelho). 63
- Figura 4 – Impressão de tela do *slide 5*, mostrando como ele era exibido para o informante. 70
- Figura 5 – *Slide 1*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “O que a Lorena está vendo?”. Tipo de foco: informacional no objeto. 72
- Figura 6 – *Slide 2*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Me disseram que o Danilo ganhou um gato”. Tipo de foco: contrastivo no objeto. 73
- Figura 7 – *Slide 3*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “A Vanusa não sabia se comprava uma bolsa, uma carteira ou um sapato. O que a Vanusa comprou?”. Tipo de foco: identificacional no objeto. 73
- Figura 8 – *Slide 4*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Me disseram que a Viviane namora o Danilo”. Tipo de foco: contrastivo no sujeito. 74

Figura 9 – <i>Slide 5</i> . Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “A Maria, a Regina e a Renata saíram juntas. Quem pediu o sorvete?”. Tipo de foco: identificacional no sujeito.....	74
Figura 10 – <i>Slide 6</i> . Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Quem ganhou o presente?”. Tipo de foco: informacional no sujeito.	75
Figura 11 – <i>Slide 7</i> . Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Não sei se a Betina comprou um carro, uma casa ou uma moto”. Tipo de foco: identificacional no objeto.	75
Figura 12 – <i>Slide 8</i> . Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Qual fruta a Melina comeu?”. Tipo de foco: informacional no objeto.....	76
Figura 13 – <i>Slide 9</i> . Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “A Samira tá lendo um livro?”. Tipo de foco: contrastivo no objeto.	76
Figura 14 – Primeira versão do <i>slide 3</i> (mostrado na Figura 7).	80
Figura 15 – Primeira versão do <i>slide 7</i> (mostrado na Figura 11).	81
Figura 16 – Curva de F0 da sentença “ <i>Não. A Marina namora o Danilo</i> ”, com sujeito foco contrastivo, mostrando a má qualidade do traçado da curva.	90
Figura 17 – Exemplo de espectrograma de uma voz feminina, que apresenta diferenças claras entre os segmentos, o que facilita a segmentação das sentenças em palavras e em sílabas:	91
Figura 18 – Contorno de F0 da sentença “A Lorena tá vendo uma novela”, dita por um informante do sexo feminino; <i>pitch range</i> (Hz) 180 a 350.	92
Figura 19 – Curva de F0 da sentença “A Lorena tá vendo uma novela”, dita por um informante do sexo masculino; <i>pitch range</i> (Hz) 70 a 110.	93

Figura 20 – Curva de F0 da sentença <i>Ela comprou uma carteira</i> , dita por um informante do sexo masculino; <i>pitch range</i> (Hz) 75,2 a 99.	94
Figura 21 – Curva da sentença declarativa neutra <i>Pedro correu sem perceber que estava sendo seguido</i> , demonstrando a declinação no contorno de F0, descrita como padrão das declarativas neutras em PB.	95
Figura 22 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no sujeito: <i>A Cibele ganhou um presente</i>	96
Figura 23 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no objeto: <i>Lorena tá vendo uma novela</i>	98
Figura 24 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no objeto: <i>Melina comeu uma laranja</i>	99
Figura 25 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no objeto: <i>A Lorena tá vendo novela</i>	99
Figura 26 – Curva de F0 da sentença com foco informacional no objeto <i>Lorena tá vendo novela</i> , mostrando que no núcleo entoacional o pico prosódico está localizando no meio da sílaba tônica.	100
Figura 27 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco identificacional no sujeito: <i>A Regina pediu o sorvete</i>	101
Figura 29 – Curva de F0 da sentença com foco identificacional no objeto <i>Betina comprou uma casa</i> , mostrando que a sentença só possui acentos baixos e não tem, portanto, pico acentual no sintagma focalizado.	103
Figura 30 – Curva de F0 da sentença com foco identificacional no objeto <i>A Betina comprou uma casa</i> , mostrando que no núcleo entoacional o pico prosódico está localizando no meio da sílaba tônica, com a subida iniciando-se na pré-tônica e a descida terminando na pós-tônica.	104
Figura 31 – Curva de F0 da sentença com foco contrastivo no sujeito <i>Marina namora o Danilo</i> , mostrando que no núcleo entoacional o pico prosódico está	

localizando à direita da sílaba tônica, quase na fronteira com a sílaba pós-tônica..... 106

Figura 32 – Curva de F0 da sentença com foco contrastivo no objeto *Não, ele ganhou um cachorro*, mostrando a impossibilidade de se localizar o pico prosódico no núcleo entoacional..... 109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Traços, valores e nomenclatura de tipos de foco.....	36
Quadro 2 – Tipos de foco veiculados pelas estratégias de focalização em PB.....	51
Quadro 3 – Informação sobre os participantes da coleta do experimento.....	85
Quadro 4 – Resumo da descrição prosódica dos três tipos de foco nas duas posições: notação do núcleo entoacional (no sintagma focalizado), alinhamento do pico tonal no núcleo entoacional e <i>pitch range</i> médio.....	114
Quadro 5 – Estruturas realizadas pelos participantes, por posição de foco e tipo de focalização, já excluídas as sentenças que apresentavam apenas o sintagma focalizado (que não tinham estrutura para análise: S e O) e o número de ocorrências.....	117
Quadro 6 – Estruturas realizadas pelos participantes e porcentagem de ocorrência, por posição de foco e tipo de focalização, já excluídas as sentenças que apresentavam apenas o sintagma focalizado (que não tinham estrutura para análise – S e O).....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Núcleo entoacional foco no sujeito.....	110
Tabela 2 – Núcleo entoacional foco no objeto	110
Tabela 3 – Pré-núcleo foco no objeto	111
Tabela 4 – Alinhamento do pico entoacional, foco no sujeito	112
Tabela 5 – Alinhamento do pico entoacional, foco no objeto.....	112
Tabela 6 – Variação do <i>pitch range</i> (valor máximo e mínimo na curva de F0) no pico entoacional, em semitons.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de sujeito foco de informação	120
Gráfico 2 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de objeto foco de informação	123
Gráfico 3 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de sujeito foco de identificação	125
Gráfico 4 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de objeto foco de identificação	129
Gráfico 5 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos.....	133
Gráfico 6 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de objeto foco contrastivo	136

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO E ESTABELECIMENTO DO PROBLEMA	17
1.2	OBJETIVO E HIPÓTESES DE PESQUISA	18
1.3	RELEVÂNCIA DO ESTUDO	22
1.4	ORGANIZAÇÃO DA TESE	22
2	REVISÃO TEÓRICA	24
2.1	FOCO	24
2.2	FOCO E GRAMÁTICA	27
2.2.1	Menuzzi (2012)	29
2.3	FOCO E SINTAXE	33
2.3.1	Foco amplo e foco estreito	33
2.3.2	Tipos de foco estreito: informacional (não contrastivo / não exaustivo), identificacional (exaustivo) e contrastivo	34
2.3.2.1.1	<i>Reflexões sobre uma possível equivalência na nomenclatura dos tipos de foco</i>	38
2.3.3	Programa cartográfico	40
2.3.3.1	Periferia esquerda da sentença (em CP) e periferia de VP	43
2.3.3.2	Focalização do sujeito e do objeto	49
2.4	FOCO E PROSÓDIA.....	52
2.4.1	Entoação e prosódia	55
2.4.1.1	Frequência fundamental, duração e núcleo entoacional.....	56
2.4.2	Fonologia entoacional	59
3	METODOLOGIA	62
3.1	PERCURSO METODOLÓGICO – PRIMEIROS EXPERIMENTOS	62
3.2	SOBRE OS DESAFIOS DE MONTAR UM EXPERIMENTO	64
3.3	NOVA METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS	66
3.3.1	Instruções que foram dadas aos participantes antes de começar a coleta	77

3.3.2	Sugestões dos participantes	77
3.3.3	A coleta de dados.....	81
3.3.3.1	Os equipamentos	84
3.3.3.2	Seleção de participantes	84
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	86
4.1	RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DO EXPERIMENTO	86
4.1.1	Análise prosódica e resultados	88
4.1.1.1	Sentenças SVO.....	89
4.1.1.1.1	<i>Foco informacional no sujeito.....</i>	<i>95</i>
4.1.1.1.2	<i>Foco informacional no objeto</i>	<i>97</i>
4.1.1.1.3	<i>Foco identificacional no sujeito</i>	<i>100</i>
4.1.1.1.4	<i>Foco identificacional no objeto</i>	<i>102</i>
4.1.1.1.5	<i>Foco contrastivo no sujeito.....</i>	<i>104</i>
4.1.1.1.6	<i>Foco contrastivo no objeto</i>	<i>107</i>
4.1.1.1.7	<i>Resumo da análise prosódica</i>	<i>109</i>
4.1.2	Análise das estruturas das sentenças e resultados	115
4.1.2.1	Sujeito foco de informação	119
4.1.2.2	Objeto foco de informação	122
4.1.2.3	Sujeito foco de identificação.....	124
4.1.2.4	Objeto foco de identificação	129
4.1.2.5	Sujeito foco contrastivo	132
4.1.2.6	Objeto foco contrastivo.....	135
5	CONCLUSÕES	138
5.1	Futuro da pesquisa.....	149
REFERÊNCIAS.....		151
Anexo A – Parecer do comitê de ética		158
Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)		160

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa dá continuidade aos estudos publicados em Carpes (2014)¹. A investigação realizada durante o mestrado apontou caminhos para aprimorar nosso estudo, que ampliamos no doutorado.

1.1 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO E ESTABELECIMENTO DO PROBLEMA

Na busca de entendimento sobre o foco no português brasileiro, então dando ênfase à prosódia, realizamos alguns experimentos de produção e de percepção para os quais desenvolvemos metodologias para a coleta de dados (CARPES, 2014). À época, não encontramos estudos que pudessem nos auxiliar na montagem dessas metodologias, nem mesmo bibliografia que abordasse o tema – foco não exaustivo em português brasileiro (doravante PB), então nosso objeto de pesquisa. Dessa forma, elaboramos uma metodologia de pesquisa e montamos um *corpus* de análise inédito para investigar esse tema.

Nosso objeto de pesquisa à época era o foco não exaustivo, e nossa hipótese era a de que haveria uma curva de frequência fundamental (F0) específica para esse tipo de foco, que o diferenciaria dos demais tipos. Para sabermos se havia uma curva prosódica exclusiva ou não, era preciso comparar o foco não exaustivo com outros tipos de foco. Portanto, nossos experimentos acabaram por avaliar a prosódia dos focos não exaustivo, exaustivo e contrastivo.

Nosso ponto de partida foi um artigo sobre foco não exaustivo na língua basca (ELORDIETA, IRURTZUN, 2010), e foi a partir dele que usamos a nomenclatura adotada em nossa pesquisa (focos não exaustivo, exaustivo e contrastivo). Pesquisando mais a fundo a literatura sobre foco, optamos por adotar nesta tese a seguinte nomenclatura para os três tipos de foco sob investigação: foco informacional (ou de informação), foco identificacional (ou de identificação) e foco contrastivo (KISS, 1998; ZUBIZARRETA, 1998; MIOTO, 2003; MENUZZI, 2012). Há uma aproximação entre essa nomenclatura e a nomenclatura que adotamos

¹ Um resumo dessa publicação será apresentado na seção 3.1.

anteriormente, embora não possamos dizer que elas sejam totalmente intercambiáveis. Podemos dizer, de modo superficial, que o foco de informação estaria para o foco não exaustivo e que o foco de identificação estaria para o foco exaustivo – foco contrastivo é o nome dado nas duas abordagens para o foco de contraste e correção. Falaremos mais sobre essa questão da nomenclatura dos tipos de foco na seção 2.3.2.1.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é dar continuidade a nossos estudos anteriores (CARPES, 2014), agora tendo os três tipos de foco (informacional, identificacional e contrastivo) como objeto de estudo.

À época da análise dos dados coletados nos experimentos do mestrado, percebemos que os resultados que tínhamos complementavam alguns estudos sobre focalização na área da sintaxe, razão pela qual, agora no doutorado, decidimos conduzir a pesquisa em interface com essa área de estudo. Percebemos que para falar de foco, mesmo que do ponto de vista da fonética, é importante relacionar hipóteses e resultados com o que diz a sintaxe, e que a área da sintaxe tem muito a contribuir e colaborar com algumas questões em aberto e discussões teóricas interessantes. Partimos desse “diálogo” para elaborar nossas hipóteses e metodologia de pesquisa.

1.2 OBJETIVO E HIPÓTESES DE PESQUISA

Os experimentos que realizamos antes da pesquisa para esta tese apontaram que havia diferenças nos padrões prosódicos de sentenças com diferentes tipos de foco. Mas percebemos que, muitas vezes, a prosódia sozinha não é capaz de dizer exatamente ao ouvinte qual é o tipo de interpretação que ele deve dar ao sintagma focalizado. Isso pôde ser percebido tanto durante a rodagem dos experimentos de produção quanto na rodagem dos experimentos de percepção (mais detalhes sobre esses experimentos serão dados na seção 3.1). Além disso, consideramos fundamental relacionar nossos achados prosódicos com o que diz a teoria sobre a sintaxe do foco, dentro do quadro teórico da cartografia (RIZZI, 1997; MIOTO, 2001; BELLETTI, 2004; CINQUE e RIZZI, 2010), então este é um estudo de interface sintaxe-prosódia.

Para a elaboração de nossas hipóteses de pesquisa, partimos:

- 1) dos resultados de nossa pesquisa anterior (CARPES, 2014);
- 2) da teoria cartográfica (RIZZI, 1997; MIOTO, 2001; BELLETTI, 2004; CINQUE e RIZZI, 2010) e do que ela afirma com relação à projeção e à posição do foco na estrutura e de quais estruturas seriam mais esperadas para cada tipo de focalização em PB (MIOTO, 2003; FERNANDES, 2007, QUAREZEMIN, 2009; GUESSER, 2011; QUAREZEMIN, TESCARI-NETO, 2015);
- 3) e de um artigo de Menuzzi (2012), no qual o autor defende que a prosódia apenas indicaria que um sintagma ou uma sentença recebe marcação de foco, mas não qual seria o tipo de foco – os tipos de foco seriam marcados pragmaticamente, apenas pelo contexto. Carpes, Sosa e Seara (2013) e Carpes (2014), porém, conduziram experimentos de produção e percepção que mostravam que a prosódia sozinha seria capaz, pelo menos em alguns casos, de marcar o tipo de foco veiculado na sentença e de ser assim percebida pelos interlocutores.

Ao defender a hipótese de que o foco seria um fenômeno apenas pragmático, Menuzzi (2012) estaria dizendo que o traço foco está codificado na estrutura da sentença, mas a diferença entre os tipos de foco não. Haveria, portanto, uma posição na estrutura para foco (FocP), mas a distinção entre os tipos de foco (se é foco informacional, identificacional ou contrastivo) seria pragmática, e não sintático–semântica. Para o autor, a distinção sintático–semântica seria entre foco e tópico, e a distinção entre os tipos de foco seria puramente pragmática. Além disso, o autor acredita não haver diferenças perceptíveis de acento nas sentenças proferidas com os diferentes tipos de foco. Essa hipótese não foi confirmada pelos resultados obtidos em Carpes (2014), provenientes de experimentos prosódicos – Menuzzi não apresenta no artigo citado nenhum experimento fonético que embase sua hipótese; para o autor, teoricamente, o fato de não haver um traço formal que diferencie os tipos de foco seria a evidência de que também não haveria distinção prosódica.

Porém, segundo alguns autores (RIZZI, 1997; BELLETTI, 2001, 2004; KISS, 1998; CINQUE e RIZZI, 2010; MIOTO, 2001 e 2003), o foco seria um fenômeno sintático com posição específica na estrutura: a periferia esquerda, uma posição

alta, para os focos de identificação e contraste, e uma posição baixa para o foco de informação/não exaustivo (BELLETTI, 2001, 2004).

A partir dessas colocações, decidimos conduzir um experimento que tentasse apontar se a diferenciação dos tipos de foco seria apenas marcada pragmaticamente, como propõe Menuzzi, ou se os diferentes tipos de foco apresentariam diferenças na configuração prosódica, o que poderia ser um indicativo de que haveria diferenças na estrutura sintática também.

Em nosso trabalho, nós assumimos o modelo computacional proposto por Chomsky (1993), em que o componente fonológico recebe pistas da sintaxe para acentuar corretamente a sentença / os sintagmas. Tal modelo apresenta o conceito da Faculdade da Linguagem (FL) como um conjunto de módulos onde interagem os sistemas cognitivo e de desempenho. Então, a partir de uma coleção de itens lexicais, seria construído

um par de representações estruturais interpretáveis nas interfaces. Uma das interfaces é a Forma Fonética (FF) e a outra a Forma Lógica (FL). Falando simplesmente, temos aí a relação som-significado. A FF faz a interface com os sistemas articulatórios e perceptuais e a FL o faz com os sistemas conceituais e intensionais (KATO, 1997).

Como PF e LF² não “dialogam” diretamente, entende-se que se há diferença prosódica entre os tipos de foco, isso deve sim estar marcado na sintaxe, para que o tipo de foco seja marcado prosodicamente, mesmo PF não tendo acesso a LF. Para Beletti (2004), no que se refere ao contorno prosódico de uma sentença e sua entoação geral, ambos devem ser diretamente determinados a partir da configuração sintática.

A nossa hipótese é a de que há diferenças prosódicas e estruturais entre os tipos de foco – acreditamos que é justamente o fato de haver diferenças na estrutura que leva a diferenças na prosódia, e que a focalização em PB seja uma combinação de prosódia, sintaxe e pragmática, e não que seria marcada por um desses componentes isoladamente.

² É mais usual na literatura do PB usar as siglas em inglês para forma lógica (LF) e forma fonética (PF).

Como Othero e Figueiredo-Silva (2012, p. 124), acreditamos na possibilidade de

investigar o fenômeno buscando evidências que mostrem que a marcação de foco em PB – e, imaginamos, nas línguas naturais, de maneira geral – é o resultado de um conflito de exigências diferentes, tais como reestruturação sintática e marcação prosódica de elementos informacionalmente relevantes.

Falta, para o PB, um trabalho aprofundado sobre a marcação prosódica do foco baseado em experimentação que investigue ao mesmo tempo os três tipos de focalização que estamos investigando. Nosso objetivo é trazer contribuições para esses dois campos importantes de estudos linguísticos que são a sintaxe e a fonética.

Apresentamos agora, de forma pontual, nossas perguntas e hipóteses de pesquisa:

Pergunta e hipótese 1 – Haverá diferença na escolha das estruturas das sentenças pelos informantes que esteja relacionada aos diferentes contextos de focalização?

Acreditamos que nossos informantes darão preferência a estruturas SVO³, ou seja, com foco *in situ*, para os contextos de foco de informação, e preferirão reordenamento sintático para os contextos de foco de identificação e contrastivo.

Perguntas e hipótese 2 – Duas perguntas nortearam nossa segunda hipótese:

a. As configurações prosódicas apresentarão diferenças entre os três tipos de foco analisados?

b. Será que, como proposto por Menuzzi (2012), a prosódia apenas identifica o sintagma focalizado, mas sem dar pistas sobre o tipo de foco, e a diferença entre os tipos de foco seria apenas pragmática, não codificada – portanto, não diferenciada – na estrutura?

³ Que se apresentam com a seguinte estrutura sintática: Sujeito–Verbo–Objeto.

Assumimos, seguindo a teoria cartográfica – Rizzi (1997), Cinque (1999), Belletti (2004) e Cinque e Rizzi (2010) –, que há duas posições diferentes para alojar constituintes focalizados, a saber, uma posição de foco baixa para contextos de foco de informação e uma posição de foco alta, na periferia esquerda da sentença, para contextos de foco de identificação e contrastivo. Nossa hipótese é que encontraremos, no mínimo, diferenças prosódicas relacionadas a essas duas posições estruturais, mas acreditamos ser possível identificar e descrever configurações prosódicas particulares para cada um dos três tipos de foco.

A partir desses questionamentos e das hipóteses previamente levantadas por nós, procedemos com a leitura de bibliografia teórica de referência na área, analisamos alguns experimentos em foco já conduzidos para o PB e, então, construímos uma metodologia experimental de coleta de dados na busca por confirmar ou não nossas hipóteses de pesquisa.

1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A focalização é um fenômeno bastante estudado, com várias teorias desenvolvidas sobre ele. Porém, estudos com base em experimentos são relativamente recentes, especialmente na área da sintaxe, e têm colaborado imensamente para melhorar a compreensão e a descrição desse fenômeno.

Esta pesquisa oferece contribuições importantes para as áreas da prosódia e da sintaxe do português brasileiro, uma vez que pretende, com base em dados coletados experimentalmente, testar hipóteses já estabelecidas e consolidadas nessas áreas para o fenômeno da focalização.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese está assim organizada:

Capítulo 1 – Introdução: apresenta o tema de investigação, as perguntas de pesquisa e a relevância deste estudo.

Capítulo 2 – Revisão teórica: situa a pesquisa e seu campo teórico de atuação.

Capítulo 3 – Metodologia: apresenta o percurso metodológico desta investigação, desde os primeiros experimentos que realizamos (CARPES, 2014), e detalha a metodologia criada para a etapa atual da pesquisa.

Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados: apresenta e analisa os resultados obtidos experimentalmente, correlacionando-os com o que diz a literatura da área.

Capítulo 5 – Conclusões: apresenta os achados deste estudo, correlacionando-os com as perguntas de pesquisa feitas inicialmente e resumindo o que foi demonstrado neste trabalho; apresenta possíveis próximas etapas de investigação, caminhos que podem ser percorridos para maior aprofundamento a partir daquilo que este trabalho nos mostrou.

Referências bibliográficas: lista as obras de referência que embasaram o estudo e que foram inspiração para o desenvolvimento de nossa fundamentação teórica e nossa metodologia de pesquisa.

2 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos a revisão teórica que serviu de base para a nossa fundamentação teórica, a análise de dados, bem como a discussão dos resultados desenvolvidos.

2.1 FOCO

Línguas naturais recorrem a diferentes recursos para identificar um sintagma focalizado em uma sentença: prosódia, morfologia ou uma posição específica na estrutura (sintaxe).

Definiremos o conceito de foco a partir da noção discursiva de pressuposição, com base em Zubizarreta (1998), Chomsky (1971, 1976) e Jackendoff (1972), ou seja: foco é a porção não pressuposta da sentença proferida. A parte pressuposta da sentença é *background*, o conhecimento compartilhado entre os falantes, aquilo que o falante assume como verdadeiro e que acredita que o interlocutor também assumirá como verdadeiro – no caso de foco contrastivo,⁴ vamos perceber que falante e interlocutor não assumem como verdadeiro o mesmo pressuposto, mas apresentaremos e explicaremos as diferenças dos tipos de foco e suas características mais adiante, nas seções 2.3.1 e 2.3.2.

É importante notar que uma sentença vai receber valor de foco com base no contexto no qual ela foi proferida. Assim, uma sentença *out of the blue* (fora de contexto) não tem como receber valor de foco, pois não deixa claro o que é pressuposição e o que é informação não pressuposta. A pressuposição e a informação não pressuposta estarão presentes no contexto conversacional em que a sentença é proferida, como mostra o exemplo de um par pergunta–resposta em (1):

⁴ Bianchi (apud GUESSER e LUZ, 2015, p. 856) propõe a existência de dois tipos de contraste: o corretivo, em que o falante rejeita uma asserção prévia do interlocutor, e o admirativo, por meio do qual “o falante indica que a informação assertada foi adquirida recentemente e ainda não está completamente integrada ao seu sistema de crenças” (Idem, ibidem). Neste trabalho vamos tratar apenas do foco contrastivo do tipo corretivo.

- (1) a. Quem tirou dez na prova?
b. O JOÃO⁵ tirou dez na prova

Em (1), a pressuposição compartilhada por ambos os participantes da conversa é a de que alguém tirou dez na prova, e o sintagma nominal O JOÃO é o elemento focalizado, ou seja, a informação não pressuposta no contexto.

Foco também pode ser definido como o elemento de uma proposição pragmaticamente estruturada cuja ocorrência tornaria possível transmitir novas informações a um interlocutor. Para Lambrecht (1994), o foco é o elemento pelo qual o pressuposto e a afirmação diferenciam-se um do outro, na forma em que o falante assume o que é informação compartilhada e o que é informação nova. O autor propõe, ainda, que foco seja definido como uma categoria semântico-pragmática, não formal.

Quando uma sentença veicula foco, o elemento focalizado exibe proeminência prosódica/entoacional (ROOTH, 1997). Mencionando Chomsky (1971) e Jackendoff (1972) como teóricos pioneiros a tratar de foco e proeminência prosódica na gramática gerativa, Fernandes (2007, p. 38) escreve que para esses autores “o acento principal da sentença é assinalado automaticamente por regras fonológicas [...]. O foco de uma sentença é definido como qualquer constituinte contendo o acento principal da sentença.”

Em línguas que usam o acento tonal para marcar o foco, muitos teóricos assumem que, quando a sentença possui um único acento tonal proeminente, ele recairá necessariamente sobre a informação focalizada, embora haja alguma divergência na literatura sobre essa questão (GUNDEL e FRETHEIM, 2006).

Pode-se definir o foco do ponto de vista sintático, semântico e pragmático. Jackendoff (1972, apud KLEIN, 2003, p. 129-130) considera o foco “um traço semântico marcado na sintaxe cuja realização fonológica é o acento principal que se dá em todo o constituinte focalizado ou em um subconstituinte deste, conforme as regras de acento nuclear da língua em questão”. Lambrecht (1994) dá uma definição semântico-pragmática de foco, considerando-o como o componente semântico de

⁵ Neste trabalho destacaremos com letras maiúsculas os sintagmas focalizados nas sentenças, independentemente do tipo de foco.

uma proposição pragmaticamente estruturada em que a afirmação difere do pressuposto.

O foco também é visto como um recurso do falante para chamar especial atenção do interlocutor a um trecho do seu enunciado (KLEIN, 2003; QUAREZEMIN, 2009; MENUZZI, 2012). Os falantes modificam “a forma da modelagem semântica das frases” (ROOTH, 1997, p. 275) para que, assim, sentenças com diferenças na posição do foco tenham diferentes valores semânticos. Dessa forma, o acento principal de uma sentença deve recair sobre o elemento focalizado (CHOMSKY; HALLE, 1968), de modo a destacá-lo em relação aos demais sintagmas.

Do ponto de vista da sintaxe, uma forma de identificar qual informação da sentença é pressuposta e qual informação não é pressuposta é aplicar o teste da negação (MIOTO, 2003, p. 170), em que a pressuposição deve ser mantida.

Em (2), apresentamos um teste de negação em uma sentença clivada,⁶ que se caracteriza por marcar em sua estrutura sintática o constituinte focalizado.

- (2) a. Foi A MARIA que viajou pro Japão.
b. Não, foi A MARTA que viajou pro Japão.

Em (2a), temos A MARIA como constituinte focalizado, localizado entre a cópula *foi* e o complementizador *que*. O que se nega em (2b) é que tenha sido a Maria a viajar para o Japão, mas a pressuposição de que alguém viajou para o Japão foi mantida. O trecho focalizado em uma sentença pode ser “um constituinte lexical, uma sílaba, um grupo entoacional ou parte dele” (QUAREZEMIN, 2012, p. 100).

Por fim, uma mesma sentença (mesmo conteúdo segmental, na mesma sequência) apresentará interpretações diferentes apenas pela modificação da posição do acento de foco na sentença. Vejamos algumas das interpretações possíveis para a sentença em (3):

⁶ Sentenças clivadas são designadas para focalizar, pois destacam sintaticamente o foco. Constituem-se por apresentar cópula (verbo ser) + o constituinte focalizado + um complementizador + a pressuposição (o que segue o foco deve ser a parte pressuposta da sentença). Eis um exemplo de sentença clivada: “Foi UM CARRO que o Pedro comprou”. Para entender a diferença entre sentenças clivadas e sentenças relativas, remetemos o leitor a Mioto e Negrão (2007).

- (3) a. O Artur deu um livro para a Lúcia
 b. O ARTUR deu um livro para a Lúcia (a pessoa que deu o livro foi o Artur) – foco no sujeito
 c. O Artur DEU um livro para a Lúcia (a ação em relação ao livro foi dá-lo a alguém) – foco no verbo
 d. O Artur deu UM LIVRO para a Lúcia (o objeto que o Artur deu foi um livro) – foco no complemento do verbo, objeto direto
 e. O Artur deu um livro para A LÚCIA (a pessoa para quem Artur deu o livro foi a Lúcia) – foco no complemento do verbo, objeto indireto

Aqui se percebe que, sem nenhuma alteração de constituintes ou intervenção sintática, apenas por meio da modificação da posição do acento prosódico marcador de foco, foi possível identificar pelo menos quatro interpretações diferentes para a sentença (3) – lembrando que além da focalização de um sintagma, como o que foi apresentado nos exemplos (3b) – (3e) (foco estreito), existe a interpretação com foco em toda a sentença (foco amplo), em (3a)⁷. Rooth (1985, p. 1) argumenta que uma vez que as estruturas conversacionais de sentenças como as do exemplo 3 (mesma sequência de palavras carregando significados diferentes) são diferentes entre si, há diferenças entoacionais entre elas, marcadas por proeminências prosódicas sobre os sintagmas focalizados.

2.2 FOCO E GRAMÁTICA

O foco é marcado por diferentes componentes da gramática, como morfologia, prosódia, sintaxe e estrutura informacional, que, muitas vezes, atuam paralelamente (OTHERO; FIGUEIREDO-SILVA, 2012, p. 119).

As quatro estratégias mais comuns de marcação de foco nas línguas naturais são:

Morfológica: o constituinte focalizado é marcado por um morfema ou uma partícula designada para essa função;

⁷ Explicaremos mais detalhadamente o que é foco estreito e o que é foco amplo na seção 2.3.1.

Sintática: o constituinte focalizado é movido para uma posição de destaque na estrutura e checa o traço [FOC].

Prosódica: um acento especial, de destaque, é atribuído o constituinte focalizado;

Lexical: a focalização é destacada por meio do uso de marcadores lexicais, tais como advérbios⁸ (LONGHIN, 1998; SOUZA, 2004; QUAREZEMIN, TESCARI-NETO, 2015): *não*, para foco contrastivo, e *só/apenas*, para foco identificacional/exaustivo, por exemplo. Observamos, porém, que existe uma diferença entre o uso de marcadores como “*não*” e “*só/apenas*”, pelo menos em PB. Marcadores como “*só/apenas*” precedem imediatamente o constituinte focalizado, tendo escopo sobre ele, destacando-o. Já um marcador como “*não*” não opera somente sobre o sintagma focalizado na sentença, mas também pode operar sobre a sentença do interlocutor, aquela que o falante pretende corrigir com a sua sentença.

Muitas vezes, mais de uma estratégia de focalização é combinada na mesma sentença para marcar o sintagma focalizado. Em PB, são utilizadas as estratégias sintática e prosódica; o foco em PB não é marcado morfológicamente⁹ e assumimos também que não seja marcado lexicalmente.

O contexto é muito importante para a identificação do sintagma focalizado caso este não esteja explícito por meio da sintaxe através de uma operação de focalização, como é o caso das sentenças clivadas, que são sentenças que explicitam o elemento em foco. Essa operação tem como resultado uma sentença com estrutura que apresenta uma posição destinada ao constituinte focalizado (MIOTO E NEGRÃO, 2007; QUAREZEMIN, 2009, 2012). Segue abaixo um exemplo de sentença clivada, em (4), como resposta à pergunta “Quem comprou um carro?”:

(4) Foi O JOÃO que comprou o carro

⁸ Referente à marcação lexical por meio de advérbios em PB, Quarezemin e Tescari-Neto (2015, p. 73, grifo dos autores) mostram que advérbios focalizadores, “embora possam associar-se (acidentalmente) ao foco, não constituem mecanismos de marcação de foco”. Há ainda bastante discussão sobre esse assunto, mas não vamos nos aprofundar nele por não ser o escopo deste trabalho.

⁹ Línguas como hindi-urdu, tembé, tzotzil e jakalteq fazem marcação morfológica de foco (Fernandes-Svartman, 2008).

O sintagma focalizado está localizado entre a cópula *foi* e o complementizador *que*. Para identificar o elemento focalizado em uma sentença que não é sintaticamente marcada para destacar o elemento focalizado, deve-se recorrer ao contexto discursivo e, quando se tratar de conversação oral, também ao marcador prosódico, já que o elemento focalizado é marcado prosodicamente com o acento mais proeminente da sentença, como mencionado anteriormente.

2.2.1 Menuzzi (2012)

Nesta seção, vamos apresentar os pontos que Menuzzi (2012) defende em seu artigo que são mais relevantes para a nossa pesquisa. Nesse texto, o autor levanta alguns questionamentos sobre relações entre foco, contraste e exaustividade: (i) se os focos informacional, exaustivo e contrastivo seriam diferentes pela sua “composição de traços”; (ii) se contraste e exaustividade seriam traços que poderiam ser adicionados ao foco; (iii) se há diferença significativa (fonológica) entre acentos de foco de informação e foco contrastivo.

Menuzzi argumenta que foco, contraste e exaustividade “são noções semântico-pragmáticas complexas e, por isso, têm propriedades muito diferentes – não adequadamente descritas por meio de recursos como ‘traços’ discretos” (p. 97). Para o autor, o que define foco é uma operação pragmática marcada por acento sinalizando um conjunto de alternativas contextualmente relevantes (nos termos de Rooth (1992)). Contraste cobriria diferentes tipos de ações verbais (como atos de fala de denegar asserções e pressuposições, por exemplo), enquanto exaustividade seria uma inferência pragmática associada ao foco, acrescentando que “provavelmente nem focalização contrastiva nem as clivadas são ‘especializadas’ para expressar contraste e/ou exaustividade” (p. 97). O autor ainda defende que não há diferenças significativas entre os acentos de foco informacional e foco contrastivo. Menuzzi assume uma linha oposta àquela que assume diversidade de funções de foco; ele vai sugerir que “as distinções formais são poucas, e as funcionais, em larga medida, derivadas pragmaticamente” (p. 100).

O autor aponta que é frequente a assunção de que a representação sintática das construções focais é especificada para distinções sintático-semânticas, e que

isso é resultado da ideia de relação entre “função focal” e “construção focal especializada” (p. 100). Ele traz o exemplo de Mioto (2003), que, numa abordagem cartográfica (RIZZI, 1997), reúne as distinções apresentadas por Kiss (1998) e Zubizarreta (1998) e propõe a seguinte análise para os focos de informação, de identificação e contrastivo: a) distinguem-se pelos traços [\pm contraste] e [\pm exaustividade]; em PB, focos com marcadores positivos para contraste ou exaustividade são checados na periferia de TP (em CP), e foco de informação é checado na periferia de VP.

O autor defende que:

“(i) É possível que ‘contraste’ esteja ligado a ‘denegação’ (‘correção’), mas certamente este não é o único elemento que autoriza uma leitura ‘contrastiva’ do foco em um certo contexto – ao menos quando consideramos os casos de ‘foco contrastivo’ apresentados na literatura.” (p. 108)

(ii) existem noções gradientes de contraste, o que ele demonstra por meio de exemplos¹⁰, pois em alguns casos o “contraste” parece ser de fácil percepção, mas, em outros, parece ser difícil distinguir se seria foco contrastivo ou de informação.

(iii) “o ‘contraste’ parece variar de acordo com um conjunto grande de informações pragmáticas: atos de fala, pressuposições, implicaturas, exaustividade e a presença de alternativas explícitas no contexto imediato. Parece difícil que este conjunto de elementos pragmáticos possa ser unificado por algum traço discreto de significado ‘[+contraste]’ que tenha maior poder explicativo que a tradicional noção de ‘ênfase’, por exemplo. Isto é, parece que a noção de ‘foco contrastivo’ ainda é apenas um termo descritivo para um conjunto de efeitos pragmáticos associados ao foco que precisam ser melhor estudados.” (p. 109)

(iv) quando o que ele chama “casos de fronteira” (aqueles em que fica difícil determinar se são de foco contrastivo ou de informação) são colocados lado a lado com casos claros de foco contrastivo ou de informação, não fica evidente que haja

¹⁰ Não estamos trazendo os exemplos que o autor apresenta no texto, pois são muitos, cada um amplamente discutido, e numa abordagem muito mais semântico-pragmática; além disso, este não é o ponto relacionado à nossa discussão diretamente, por isso estamos sendo breves nessa descrição. Para mais detalhes, recomendamos a leitura do artigo aqui resenhado (MENUZZI, 2012).

diferença significativa (fonológica) entre os acentos que marcam sentenças com esses tipos de foco.

Ele tenta mostrar que a distinção entre foco contrastivo e foco de informação é gradiente e “certamente menos segura do que normalmente se presume, seja do ponto de vista de seus efeitos pragmáticos, seja do ponto de vista de sua forma de expressão (isto é, do ‘acento’ associado)” (p. 109).

Ele conclui que “é difícil que ‘contraste’ seja algum tipo de informação semântica ou pragmática ‘discreta’ (representável por algo como um ‘traço sintático’), que possa ser adicionada ao foco.” (p. 109) E acrescenta que “a diferença entre ‘foco informacional’ e ‘foco exaustivo’ também parece inapropriadamente caracterizada pela ideia de ‘adição de informação pragmática ou semântica discreta’ (isto é, representável pelo traço ‘[+exaustivo]’) ao foco” (p. 109).

O autor traz para a discussão o foco de identificação/exaustivo, dizendo que a distinção entre esse tipo de foco e o foco de informação já está bastante “sedimentada na literatura”, resumindo-a nas seguintes ideias: (i) a exaustividade *não* seria um “traço inerente” de foco informacional; (ii) a noção de exaustividade poderia ser adicionada ao foco, o que resulta no foco exaustivo; (iii) e que exaustividade seria um traço inerente de construções de foco identificacional.

Menuzzi apresenta alguns contextos de foco informacional e foco exaustivo como exemplo do que “a literatura presume ser o contraste pragmático básico entre ‘foco informacional’ e ‘foco exaustivo’” (p. 110), e depois os rebate, mostrando que mudanças contextuais podem transformar um foco que seria mero foco de informação em foco exaustivo, e vice-versa, com base em Wedgwood (2005 apud MENUZZI, 2012). Assim, ele observa que sob condições pragmáticas adequadas, foco informacional também veicula exaustividade. Além disso, num contexto em que há um conjunto de alternativas relevantes, o foco não exaustivo é que precisa ser marcado, ou seja, a exaustividade seria uma “inferência *default*” (p. 112) de foco informacional, se não indicado em contrário. “Isso claramente tem consequências para a distinção entre ‘foco informacional’ e ‘foco exaustivo’: *não* é o caso que, nas situações mais comuns em que se precisa expressar ‘exaustividade’, é preciso ou ‘adicionar’ esta informação ao foco, ou utilizar uma expressão ‘especializada’ para exaustividade, que seria a clivada” (p. 112, grifo do autor).

É apresentado ao leitor um exemplo em que, aparentemente, o contexto é de não exaustividade:

(5) [Contexto: B está contando a A que foi a uma festa]

A: Quem você encontrou lá?

B: Eu encontrei O PAULO lá.

B': # Foi O PAULO que eu encontrei lá.

Para Menuzzi, o contexto não implica exaustividade no sentido de que B não encontrou ninguém na festa além de Paulo, mas implica em exaustividade considerando que

das pessoas que são de algum modo relevantes para as relações de A e B (por exemplo, as pessoas que são amigas de A e B), B só encontrou Paulo. Ou seja: há exaustividade em relação a algum conjunto de alternativas evocado por “o Paulo”, embora este conjunto de alternativas não pareça imediatamente relevante ou saliente no contexto (p. 117, grifos do autor).

Menuzzi apresenta ainda uma discussão sobre sentenças clivadas, lembrando que a proposição expressa por esse tipo de oração traz uma pressuposição do termo que segue o complementizador. Ele apresenta o seguinte exemplo (p. 112, grifo do autor):

(6) Era O JOÃO [que a Maria queria encontrar ____]

Pressuposição: A Maria queria encontrar *alguém*.

Ao final da exposição de mais alguns exemplos, ele concluiu que “é preciso adicionar uma condição de uso às clivadas: uma *pressuposição de unicidade* – isto é, é preciso incorporar o ‘efeito da exaustividade’ da clivada como parte da *pressuposição caracterizada*” (p. 114, grifos do autor).

Termina concluindo que (i) exaustividade é uma implicatura do foco informacional, e não que ela seja “adicionada” a ele; (ii) “o ‘traço’ que parece melhor explicar a distribuição das clivadas é a ‘pressuposição de unicidade’, que está vinculada à oração clivada, e não ao constituinte clivado” (p. 114-115); (iii) o

elemento que caracteriza foco exaustivo ou identificacional, tal como expresso por clivadas, seria um traço associado à pressuposição (à oração clivada em si), não ao foco (o constituinte clivado).

Lembrando que a argumentação de Menuzzi nesse artigo parte de um pressuposto com base na análise de Rooth (1985) para a semântica do foco, “a de que o papel do foco é evocar um conjunto de proposições composto pela substituição do termo focalizado por termos alternativos contextualmente relevantes” (p. 116).

Sobre o acento de foco, o autor conclui que o termo marcado pelo acento prosódico de foco só indicaria um conjunto de alternativas contextualmente relevantes se tiver no contexto correlatos que possam ser concebidos como alternativas relevantes a ele.

2.3 FOCO E SINTAXE

2.3.1 Foco amplo e foco estreito

Existe uma divisão abrangente de foco, que divide a categoria em dois tipos: foco amplo e foco estreito. O foco amplo (*wide focus*) abrange toda a sentença, seria o tipo de foco como resposta para uma sentença como “O que aconteceu?”, por exemplo. Sintaticamente, pode-se dizer que esse tipo de foco “não desencadeia uma relação operador–variável” (QUAREZEMIN, 2012, p. 100). Do ponto de vista prosódico, sentenças com foco amplo têm acento neutro, ou não marcado.

Já o foco estreito (*narrow focus*) recai sobre um constituinte ou um sintagma da sentença. Para a sintaxe, esse tipo de foco “desencadeia a relação operador–variável por meio de uma configuração de escopo” (QUAREZEMIN, 2012, p. 100). Prosodicamente, sentenças com foco estreito apresentam um acento marcado no item ou sintagma focalizado, e esse acento seria o de maior proeminência na elocução.

Uma diferença básica entre foco amplo e foco estreito poderia ser assim resumida: foco amplo é sentencial e foco estreito é de constituinte.

O foco estreito pode ser subdividido em outras categorias de foco. As categorias de foco estreito que estamos investigando nesta pesquisa são: foco

informativa, foco identificacional e foco contrastivo, e as características de cada um deles serão discutidas na próxima seção.

2.3.2 Tipos de foco estreito: informativo (não contrastivo / não exaustivo), identificacional (exaustivo) e contrastivo

Nesta seção, apresentaremos os três tipos de foco de que trata esta pesquisa, todos do tipo estreito: foco informativo (ou não contrastivo ou não exaustivo), foco identificacional (exaustivo) e foco contrastivo.

A partir do traço [contraste], Zubizarreta (1998) define como contexto para o que ela chama de foco “não contrastivo” (foco informativo) uma interrogativa-Wh: a informação que a pergunta solicita estabelece o foco da sentença (informação nova a ser adicionada ao contexto conversacional) e o resto da sentença determina qual é a pressuposição compartilhada. Vejamos um exemplo no par pergunta-resposta apresentado em (7), abaixo:

- (7) a. O que a Maria comprou?
b. A Maria comprou UM LIVRO.

O constituinte UM LIVRO, que substitui a expressão Wh ao responder a pergunta (7a), é o foco da sentença (7b). A pressuposição compartilhada pelos falantes é encontrada ao se substituir a expressão Wh por um indefinido, como mostrado em (8):

- (8) A Maria comprou *alguma coisa*

Para a identificação de foco contrastivo, o contexto seria como o apresentado em (9):

- (9) a. A Maria comprou um caderno
b. A Maria comprou UM LIVRO (não um caderno)

O constituinte focalizado em (9b), UM LIVRO, veicula informação que funciona como correção e apresenta contraste em relação a outro constituinte, na expressão entre parênteses. O sintagma focalizado nega o valor da variável da sentença (9a) (um caderno) e atribui-lhe novo valor (um livro).

Zubizarreta (1998) “elabora a interpretação do foco postulando uma estrutura de asserção (AS) que se constrói depois da LF. A AS se constitui de duas asserções A_1 e A_2 ” (MIOTO, 2003, p. 173), e no caso do nosso exemplo em (9), a AS seria como em (10):

- (10) A_1 – Existe um x tal que a Maria comprou x
 A_2 – O x tal que a Maria comprou x = UM LIVRO

A_1 corresponde à pressuposição e contém uma quantificação existencial, enquanto “ A_2 , denominada asserção principal, é uma sentença do tipo equativa cujo predicado é o elemento focalizado” (QUAREZEMIN, 2009, p. 48).

O foco contrastivo seria representado como na AS abaixo:

- (11) A_1 – Existe um x tal que a Maria comprou x
 A_2 – Não é o caso que o x (tal que a Maria comprou x) = *um caderno* & o x (tal que a Maria comprou x) = UM LIVRO

A A_1 em (10) e (11) é constituída pela pressuposição existencial. A A_2 em (11) apresenta duas asserções: uma que nega o valor previamente atribuído à variável x (*um caderno*) e outra que lhe atribui um novo valor (*um livro*).

Já Kiss (1998) considera o traço [exaustividade] como um traço semântico importante para diferenciar dois tipos de foco (que ela chama de foco de informação e foco de identificação). Quando um constituinte tem marcador positivo para o traço [exaustividade], ele deve ser lido como [x e apenas x], e é foco identificacional. Vejamos a sentença (12):

- (12) Foi UMA LARANJA que o Pedro comeu

Esta sentença apresenta o objeto focalizado deslocado na sentença (uma laranja), marcando exaustividade: dentre um conjunto de frutas que Pedro poderia ter comido, foi somente UMA LARANJA que ele comeu. Mioto e Negrão (2007) postulam a seguinte AS para o foco de identificação:

(13) A_1 – Existe um x tal que o Pedro comeu x

A_2 – Para todo y , foi y que o Pedro comeu se e somente se $y = x$ & o x (tal que o Pedro comeu x) = UMA LARANJA

A A_2 do foco de identificação, em (13), contém uma fórmula de unicidade que define a exaustividade da sentença. A propriedade de exaustividade é realizada como identificação por exclusão. Desse modo, o único valor que a variável x pode assumir é *uma laranja*.

Kiss (1998) chama de foco de informação o constituinte que veicula informação nova / não pressuposta sem expressar identificação exaustiva – esse constituinte se comporta como o foco não contrastivo proposto por Zubizarreta (1998). Foi a partir dos traços [exaustividade] e [contrastividade], propostos por Zubizarreta (1998) e Kiss (1998), apresentado acima, e de seus valores (positivo ou negativo), que Mioto (2003) propôs o seguinte quadro:

Quadro 1 – Traços, valores e nomenclatura de tipos de foco

a. [–contrastivo, –exaustivo]	informativo (Kiss), não contrastivo (Zubizarreta)
b. [–contrastivo, +exaustivo]	identificacional (Kiss) ¹¹
c. [+contrastivo, –exaustivo]	* [essa combinação não seria possível]
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Zubizarreta)

Fonte: Adaptado de Mioto (2003)

Foco de informação / informativo / não contrastivo / não exaustivo: Quando há apenas informação não pressuposta, sem outras características, como contraste ou exaustividade, considera-se o foco como informativo (KISS, 1998; MIOTO, 2003; KLEIN, 2003; MENUZZI, 2012) ou não contrastivo (ZUBIZARRETA,

¹¹ Nós também chamamos esse foco de “exaustivo”.

1998). Não possui marcador positivo para nenhum dos traços de foco, ou seja, é [–exaustivo] e [–contrastivo]. Por ser [–exaustivo], não impede que outras sentenças sejam verdadeiras para a mesma afirmação. Segue um exemplo de sentença com foco informacional, em (14).

(14) a. Alguém já terminou o trabalho de geografia?

b. A CARLA terminou. = é verdade que a Carla terminou, mas é possível que outras pessoas também tenham terminado, essa sentença com foco informacional não eliminaria tal possibilidade.

Foco de identificação / identificacional / exaustivo: Possui valor positivo apenas para o traço de exaustividade [+exaustivo]. Para Kiss (1998, p. 245), o foco identificacional “representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextual ou situacionalmente para os quais o predicado pode potencialmente se aplicar; ele é identificado como o subconjunto exaustivo daquele conjunto para o qual o predicado realmente se aplica”.

Uma sentença com foco identificacional automaticamente exclui outras possibilidades de afirmação. Segue um exemplo de sentença com foco identificacional em (15):

(15) a. Qual dos dois filhos do Jorge é o que está fazendo intercâmbio?

b. O AUGUSTO está fazendo intercâmbio = Apenas um dos dois filhos do Jorge faz intercâmbio, e esse filho é o Augusto.

Foco contrastivo (corretivo): Sentenças com esse tipo de foco possuem marcador positivo para os dois traços que definem foco: são [+exaustivo] e [+contrastivo]. Numa sentença com esse tipo de foco, o falante rejeita uma asserção prévia do interlocutor e a corrige. A seguir, em (16), um exemplo de sentença com foco contrastivo:

(16) a. Ouvi dizer que o Lucas está fazendo intercâmbio

b. O AUGUSTO está fazendo intercâmbio (não o Lucas). = nega a afirmação do interlocutor (a de que o Lucas estaria fazendo intercâmbio) e faz uma

afirmação corretiva exaustiva (só o Augusto, no conjunto formado por Augusto + Lucas, está fazendo intercâmbio).

O foco na sentença (16b) também pode ser chamado de *corretivo*, já que além de negar o pressuposto do interlocutor, corrige a informação previamente afirmada, adicionando ao contexto conversacional a informação correta.

2.3.2.1.1 *Reflexões sobre uma possível equivalência na nomenclatura dos tipos de foco*

Em Carpes (2014), a referência aos três tipos de foco em estudo foi feita de acordo com a seguinte nomenclatura: foco não exaustivo, foco exaustivo e foco contrastivo. Quem nos sugeriu o foco não exaustivo como tema de pesquisa para a dissertação foi o professor Carlos Gussenhoven, da Radboud University Nijmegen. Numa troca de *e-mails* com o professor, ele sugeriu esse tema e nos indicou um artigo dos autores Elordieta e Irurtzun (2010), que abordava foco não exaustivo na língua basca. Lemos o artigo, procuramos bibliografia sobre foco não exaustivo em PB e não encontramos bibliografia específica, mas assumimos a nomenclatura em nossa dissertação, desenvolvendo experimentos sobre o tema.

Quando começamos a elaborar esta tese e estudar mais sobre o foco na sintaxe, acreditávamos que foco não exaustivo seria a mesma coisa que foco informacional, ou seja, que eles seriam equivalentes, e essas seriam apenas duas formas de se referir ao mesmo fenômeno. Porém, ao nos aprofundarmos na revisão bibliográfica e analisarmos nossos dados e os contextos do experimento que criamos (descrito no capítulo 3), percebemos que essa nomenclatura parece não ser assim tão intercambiável, pelo menos não sem algum tipo de reflexão a respeito.

O foco informacional não tem marcação positiva para os traços [exaustividade] e [contraste], da mesma forma que o foco não exaustivo. Porém, enquanto uma sentença com foco informacional se basta quanto ao seu conteúdo lexical, uma sentença produzida para o um contexto de foco não exaustivo parece pedir um complemento como “pelo menos”, “só posso garantir que x, mas não posso afirmar que não haja outras possíveis respostas/alternativas para o que estou afirmando” – verificamos isso em todas as rodadas de experimentos apresentados

em Carpes (2014) por meio do *feedback* dado pelos participantes. Daremos um exemplo para tentar deixar essa questão mais clara. Tomemos a situação conversacional em (17):

Contexto: João e Pedro estavam juntos no *shopping*. Maria encontra Pedro mais tarde e pergunta (7a):

- (17) a. O João comprou alguma coisa?
 b. O João comprou UMA CAMISETA

Esse tipo de diálogo, como em (17), basta para exemplificar uma sentença com foco informacional. Da forma como é apresentado o diálogo e seu contexto, fica praticamente implícito que uma camiseta foi tudo o que João comprou, já que Pedro não acrescenta nenhuma informação a mais – cumprindo a máxima de quantidade proposta por Grice (1982)¹² – Menuzzi (2012, p. 115-116) levantou essa discussão em seu artigo numa análise sobre foco exaustivo: para o autor, exaustividade não seria “uma inferência a ser ‘adicionada’ ao foco, já que é uma ‘implicatura *default*’ de foco – antes, é a ausência de exaustividade que exige ser ‘marcada’ contextualmente”.

Porém, em uma sentença com foco não exaustivo, para ficar claro que o falante não tem como garantir que não haja outras respostas alternativas para aquela que ele está fornecendo, parece ser preciso acrescentar essa informação à sentença (ou pelo menos ao contexto), como em (18):

Contexto: João e Pedro estavam juntos no *shopping*. O Pedro acompanhou o João em uma compra, mas precisou ir embora, e o João continuou no *shopping*. Um pouco mais tarde, Pedro encontra Maria, que sabe que os dois estiveram juntos fazendo compras. Maria pergunta (18a):

¹² A máxima de quantidade diz que se deve dar o máximo de informação possível sem fornecer mais do que a informação necessária e faz parte das máximas conversacionais propostas pelo autor, um conjunto de regras e parâmetros linguísticos que, resumidamente, descreve o raciocínio que o ouvinte faz para interpretar o que é dito pelo falante. As outras máximas são as de: qualidade, relevância e modo.

(18) a. O João comprou alguma coisa?

b. Eu sei que o João comprou UMA CAMISETA [, mas não sei se ele não comprou mais alguma coisa depois que eu saí do *shopping*].¹³

Ainda de modo intuitivo, pois essa questão precisaria ser mais bem elaborada, parece-nos que existe uma diferença, mesmo que sutil, entre dar uma resposta com mero foco de informação e dar uma resposta querendo destacar que ela pode ser apenas uma resposta parcial para a informação que é requerida. O foco não exaustivo parece requerer “algo mais” para marcar a não exaustividade na fala do interlocutor¹⁴, que não sabemos ainda como classificar, se seria um marcador discursivo, por exemplo – precisaria ser feito um estudo gramatical que excede o escopo deste trabalho, mas achamos importante apontar essa questão, já que utilizamos nomenclaturas diferentes para os tipos de foco estreito que abordamos ao longo de nossa pesquisa, nomeadamente no texto da dissertação e no texto desta tese.

2.3.3 Programa cartográfico

Este trabalho assume o Programa Cartográfico, proposto por Rizzi (1997), Cinque (1999), Belletti (2004) e Cinque e Rizzi (2010), uma vertente da teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa.

O Programa Cartográfico assume que diferentes projeções funcionais são universais para todas as línguas em número e mesmo em ordem. Isto é, se uma língua apresenta evidência para a existência de uma determinada projeção, então essa projeção estará presente em todas as demais línguas, quer elas apresentem evidência para isso ou não – ou, no mínimo (versão menos aceita), que as línguas podem diferir em número e tipo de projeções que elas admitem, mas que todas

¹³ O complemento entre colchetes poderia ser verbalizado pelo falante ou a prosódia deixaria marcado que a resposta não é exaustiva, ou seja, que o falante não pode afirmar que a resposta que ele dá seja única, completa.

¹⁴ Em Carpes (2014) encontramos diferenças prosódicas: sentenças com foco não exaustivo têm seu pico entoacional mais alto comparativamente com sentenças com foco contrastivo. Mas apesar de termos encontrado diferenças entoacionais entre as sentenças produzidas para esses dois tipos de foco, não achamos que a prosódia seja usada isoladamente para marcar essa diferença. Mais informações sobre foco prosódico serão fornecidas na seção 2.4.

essas projeções seriam selecionadas de um inventário linguístico universal (CINQUE; RIZZI, 2010, p. 55).

Tomemos como exemplo a língua gungbe, que tem marcação morfológica para foco. Nessa língua, os sintagmas focalizados (e topicalizados) aparecem na periferia esquerda da sentença, numa posição específica entre complementizador, como demonstra o exemplo em (19) (ABOH, 2004; 2007 apud BOCCI, 2008):

(19)

Ùn sè ɖɔ	xwé	lɔ	yà	Kòfí	wè	Àsibá	gbá-è	na
I heard that	house	Det	TOP ^o	Kofi	FOC ^o	Asiba	build-3sg	for

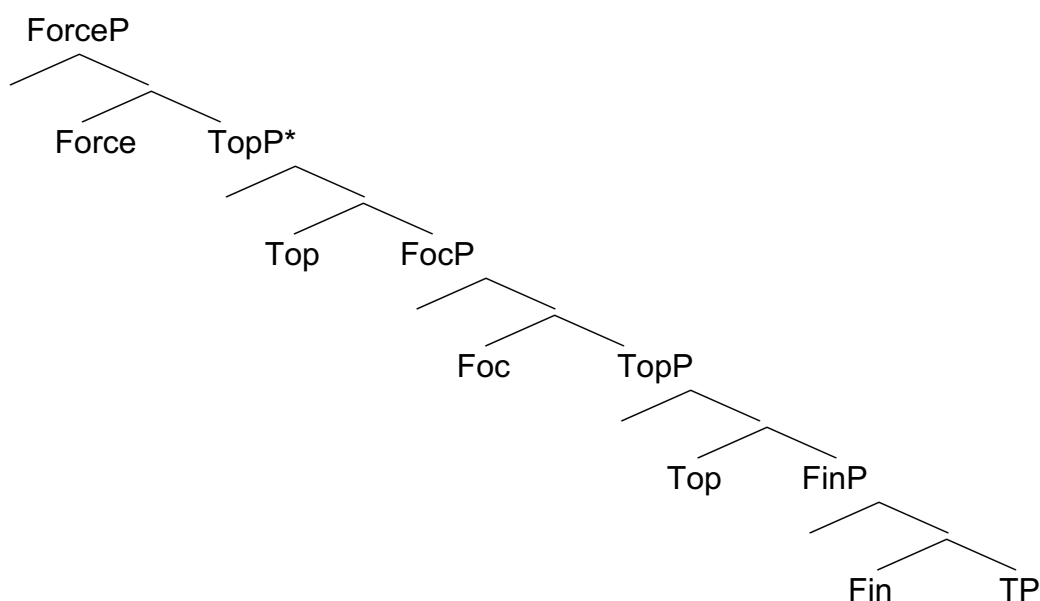
I heard that, as for the house, for KOFI Asiba built (tradução: “eu ouvi que, no que diz respeito à casa, Asiba a construiu para KOFI”)

No que diz respeito à periferia esquerda, Aboh (apud BOCCI, 2008) demonstra que a língua gungbe e as línguas românicas têm praticamente a mesma estrutura e compartilham muitas propriedades, exceto pelo fato de que as línguas românicas nunca lexicalizam os núcleos de foco e tópico. Já na língua gungbe, como demonstra o exemplo (19), foco e tópico são seguidos de partículas (morfemas) marcadoras específicas – foco é sempre seguido de “wè” e tópico é sempre seguido de “yà”. Esses dois marcadores discursivos não têm nenhum significado lexical, apenas a função de indicar que o que os precede é um sintagma focalizado ou topicalizado, além de não serem associados com nenhuma proeminência prosódica especial; apenas a presença desses morfemas sinaliza que há foco ou tópico na sentença. Além disso, a língua gungbe não permite focalização *in situ*, sendo o movimento do foco para a periferia esquerda obrigatório; sintagmas não podem ser fronteados sem suas partículas correspondentes, e as partículas marcadoras jamais aparecem *in situ*.

Aboh (2004; 2007 apud BOCCI, 2008) argumenta ainda que partículas discursivas determinam a estrutura sintática em gungbe, acrescentando que não há razão clara para que se aceite que na estrutura haja projeção para morfemas de sentenças interrogativas (em línguas como o inglês e o francês, por exemplo), mas que não haja para morfemas de foco ou tópico. O que o autor propõe é que

propriedades informativas são codificadas na estrutura e direcionam a derivação sintática.

O domínio CP é uma estrutura complexa formada de uma série de categorias funcionais, na periferia esquerda da sentença, com função de acomodar constituintes de propriedades discursivas e de escopo. Rizzi (1997, p. 285) propõe a divisão do CP em dois subsistemas, ForceP e FinP, de um lado (que fecham o sistema CP em cima e embaixo e determinam o tipo e a forma da sentença), e TopP e FocP, de outro. ForceP e FinP expressam relações de seleção entre o CP e sistemas estruturais imediatamente acima ou abaixo dele, a depender de a sentença em questão ser matriz ou encaixada. Nessa proposta, as categorias são nomeadas, têm valor estrutural ou semântico-pragmático próprio, são previamente ordenadas e se estruturam conforme o modelo X-barra, cada uma projetando seu especificador e seu complemento (RIZZI, 1997 apud MIOTO, 2001):



ForceP – categoria encarregada da força ilocucional da sentença, identifica o tipo de sentença (se interrogativa, declarativa, exclamativa etc.) – no caso das sentenças encaixadas, a categoria ForceP está equipada para conectar o sistema CP com o núcleo que a subcategoriza;

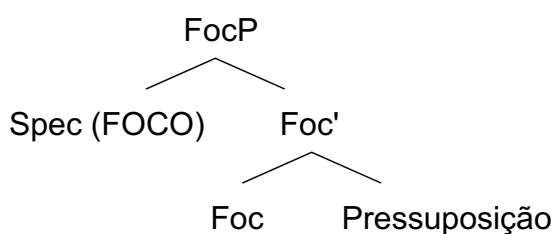
FinP – categoria que conecta o sistema CP com o TP e identifica se a sentença é finita ou infinita. “Quando o CP se expande para alojar tópico ou foco, ForceP e FinP são expressos necessariamente por duas categorias, cada uma com

sua função em cima e embaixo. Porém, quando não há expansão do CP, ForceP e FinP são expressos sincreticamente” (MIOTO, 2001, p. 104);

TopP – categoria destinada a alojar constituintes com traços de tópico;

FocP – categoria destinada a alojar constituintes com traços de foco.

De acordo com a abordagem cartográfica (RIZZI, 1997; MIOTO, 2001; BELLETTI, 2004; CINQUE e RIZZI, 2010), os processos de focalização envolvem o movimento do sintagma focalizado para a posição de especificador da projeção FOCO (FocP), e a pressuposição aparece como complemento da projeção FocP (MIOTO, 2001; MIOTO, 2003; BOCCI, 2007; GUESSER e QUAREZEMIN, 2013). Para um constituinte ser interpretado como foco da sentença, ele precisa ocupar a posição de especificador, obrigatoriamente:

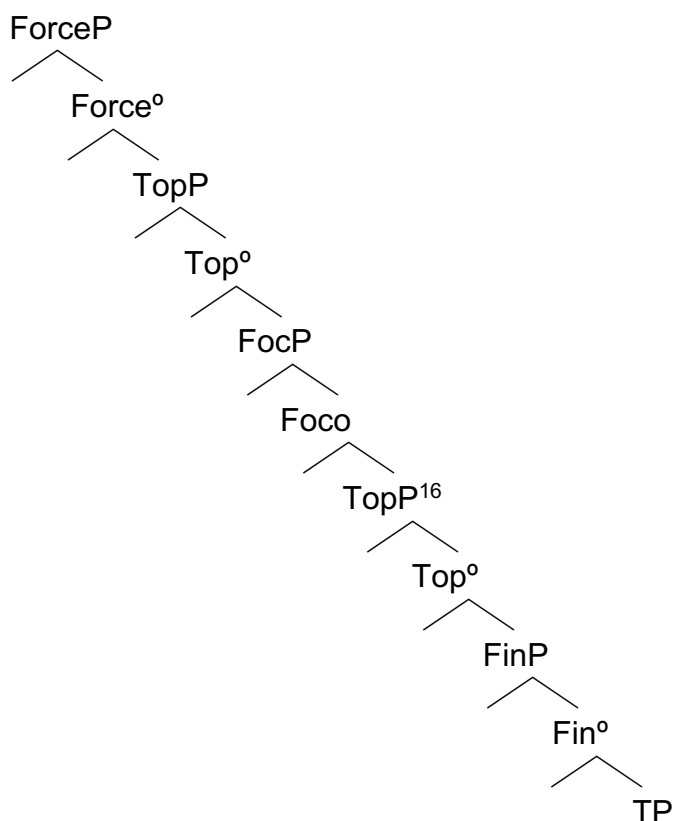


É a partir dessa configuração sintática que o sintagma será interpretado como foco da sentença. A interface interpretativa (LF) lê a configuração sintática para determinar que um sintagma seja interpretado como foco, ao preencher o especificador da projeção FocP. Da mesma forma acontece com a definição do acento da sentença: o componente fonológico recebe a instrução da sintaxe de que o constituinte que preenche Spec,FocP deve receber o acento entoacional que marca sintagmas focalizados (BELLETTI, 2004; BOCCI, 2013).

2.3.3.1 Periferia esquerda da sentença (em CP) e periferia de VP

A periferia esquerda da sentença engloba as categorias que integram o CP, citadas na seção anterior – ou seja, os constituintes alojados dentro de um desses

subsistemas (ForceP, TopP, FocP e FinP)¹⁵ são constituintes que ocupam a periferia esquerda (RIZZI, 1997, 2001, 2013; RIZZI, BOCCI, 2017). O domínio CP teria a seguinte configuração:



O contexto também é fundamental, como já mencionamos, para identificar o trecho ou o sintagma focalizado de uma sentença, a não ser que a sintaxe deixe evidente a existência de uma operação de focalização com a reordenação de constituintes ou com o uso da clivagem. O foco, então, pode aparecer *in situ* ou pode estar deslocado na sentença.

A representação de uma sentença é organizada em três domínios estruturais: um domínio lexical, encabeçado pelo verbo (VP); um domínio flexional, encabeçado por núcleos funcionais que correspondem a especificações do verbo,

¹⁵ Em trabalhos posteriores, como RIZZI (2004), o autor ampliou ainda mais a periferia esquerda da sentença, com o que ele chamou de “extensões” – [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Mod [Top* [Qemb [Fin [IP ...]]]]]]]]]] –, mas que não vamos abordar em detalhe neste trabalho, já que estamos trabalhando exclusivamente com a posição de foco [FocP].

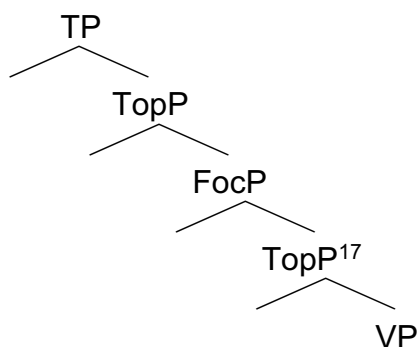
¹⁶ A categoria TopP é recursiva, enquanto FocP aparece uma única vez na estrutura.

com morfemas ou especificações abstratas, onde são alojadas informações como caso e concordância (TP); e o domínio do complementizador (CP), que aloja foco (e tópico e pronomes interrogativos e relativos, por exemplo) (RIZZI, 1997).

A partir da proposta de Pollock (1989 apud RIZZI, 1997), que sugeriu uma subdivisão do TP em uma série de projeções funcionais, cada uma correspondendo à especificação de uma característica particular, como concordância, tempo e aspecto, Kayne (1994 apud RIZZI, 1997) postulou múltiplas camadas em VP para verbos com mais de um argumento. Rizzi (1997) observa que propostas mais recentes na literatura indicavam que CP deveria compartilhar a mesma característica e ser composto de subdivisões internas, como já proposto para VP e TP.

Em uma das seções de seu artigo, Rizzi (1997) analisa especificamente o sistema que ele chama de tópico-foco. Como já mencionamos, o constituinte focalizado deve ser movido para Spec,Foc, e a pressuposição, para o complemento dessa projeção, da mesma forma que acontece com tópico e comentário, respectivamente.

Beletti (2004), ao analisar sentenças na ordem VS (verbo-sujeito) do italiano, postula uma área acima de VP e interna a TP que demonstra uma semelhança significativa com a periferia esquerda da sentença e aloja constituintes discursivos como tópico e foco, que se comportam da mesma forma que essas projeções em CP. Ela identifica essa posição como periferia “interna da sentença” (BELLETTI, 2004, p. 3), e a categoria FocP alojada nessa posição baixa seria destinada a constituintes com foco de informação / não contrastivo. Essa categoria “domina VP e, como a da periferia esquerda da sentença, tem o especificador destinado ao foco. Assim, cada fase [...] da sentença, o CP e o VP, teria uma área onde se constrói a focalização” (MIOTO, 2003, p. 183). Belletti (2004) diz que entoações parcialmente diferentes estão associadas a essas posições em oposição às posições paralelas na periferia esquerda da sentença. Segundo essa proposta, a área de VP tem a seguinte configuração:



Desse modo, a categoria FocP pode ser projetada em duas áreas distintas, uma na periferia esquerda da sentença e outra mais baixa, na periferia esquerda de VP. Belletti (2004) diz que diferentes interpretações estariam associadas às posições da periferia interna da sentença, em oposição àquelas da periferia esquerda. Ela mostra que, para o italiano, a posição de foco na periferia esquerda da sentença é associada com foco contrastivo/corretivo e recebe acento prosódico específico. Abaixo, um exemplo da autora de uma sentença com foco contrastivo, ocupando a periferia esquerda da sentença (X) e de outra com foco de informação, ocupado a periferia de VP (Y):

(20)a. A GIANNI ho dato il libro (non a Piero)
 AO JOÃO eu dei o livro (não ao Pedro)

(20)a. Chi è partito?
 b. È partito Gianni
 Quem partiu?
 Partiu JOÃO

Constituintes focalizados que apresentam deslocamento visível na sintaxe – deslocados para a periferia esquerda da sentença, ou seja, que ocupam a posição Spec,FocP na periferia de CP – devem ter valor positivo para pelo menos um dos traços: [contraste] ou [exaustividade]. O foco informacional não é associado a sintagma deslocado. Se há movimento do elemento focalizado, então o sintagma

¹⁷ Há mais de uma posição disponível para tópico, como acontece em CP.

carrega algum traço discursivo associado, além de acrescentar nova informação ao discurso – ou seja, apenas foco de identificação e foco contrastivo podem aparecer deslocados (BELLETTI, 2004, p. 16; MIOTO 2003, pp. 169-170). Vejamos alguns exemplos de foco com deslocamento visível e foco *in situ*:

- (22)a. O João comprou UM LIVRO (foco *in situ*, sem reordenamento de constituintes)
 b. Foi UM LIVRO que o João comprou (sentença clivada, foco objeto deslocado na estrutura, movido para a periferia esquerda da sentença)

Foco *in situ* pode estar associado a qualquer tipo de foco. Vejamos exemplos dos três tipos de focalização com foco *in situ*, colocadas em um contexto conversacional. Em (23) temos foco de informação, em (24) temos foco de identificação e em (25) temos foco contrastivo.

- (23) a. Algum aluno tirou dez na prova?
 b. O ANDRÉ tirou dez na prova.

- (24) a. Qual foi o aluno que tirou dez na prova?
 b. O ANDRÉ tirou dez na prova.

- (25) a. O Ricardo tirou dez na prova.
 b. O ANDRÉ tirou dez na prova (não o Ricardo)

Para um constituinte ser interpretado como mera nova informação, a exemplo de “O ANDRÉ”, na sentença (23), ele não pode ser movido para a periferia esquerda, “mas deve permanecer em posição interna a TP [...]. O movimento de um elemento com um traço [+foco] para a periferia esquerda implica necessariamente uma leitura contrastiva” (GUESSER, QUAREZEMIN, 2013, p. 193). O PB, da mesma forma que o italiano, faz uso da periferia esquerda de CP pra alojar sintagmas com foco contrastivo e da periferia de VP para alojar sintagmas com foco de nova informação (MIOTO, 2001; 2003; QUAREZEMIN, 2005; 2009). Desse modo, sentenças SVO com objeto foco de informação são analisadas com o objeto

ocupando Spec,FocP na periferia de VP (GUESSER, QUAREZEMIN, 2013). Quando o constituinte focalizado é sujeito, nota-se que com os verbos monoargumentais, ao menos, ele pode aparecer em posição pós-verbal (MIOTO, 2003). Abaixo um exemplo, em (26).

(26) Caiu O JOÃO

Mioto apresenta um exemplo em que o teste de exaustividade elaborado por Szabolcsi (1981 apud MIOTO, 2003, p. 174-175) “mostra que o foco *in situ* na posição de objeto pode ter interpretação diferente da daquele que aparece deslocado”. O teste consiste em relacionar uma proposição que apresenta foco em dois constituintes coordenados com outra proposição em que aparece apenas um desses constituintes, para então verificar se a segunda proposição seria uma inferência da primeira.

(27)a. A Ana comeu UMA MAÇÃ E UMA LARANJA

b. Foi UMA MAÇÃ E UMA LARANJA que a Ana comeu

c. A Ana comeu UMA MAÇÃ

Se (27c) for uma consequência lógica de (27a), isso significa que não há exaustividade no foco UMA MAÇÃ E UMA LARANJA; por outro lado, se (27c) não pode ser uma consequência lógica de (27b), é porque o foco tem marcação positiva para o traço [exaustividade]. Nesse exemplo, em que dois constituintes coordenados formam o sintagma focalizado, os constituintes *in situ* poderiam ser interpretados como sendo foco de informação, de identificação ou contrastivo, mas quando deslocados poderiam ser interpretados apenas como foco de identificação, pois seriam necessariamente exaustivos ou contrastivos. Em (28) temos uma sentença com reordenação de constituintes, com o objeto (complemento do verbo) da sentença sendo movido para a periferia esquerda. Para Mioto, uma sentença como (28a) só pode ser contrastiva. Em (28b) temos um exemplo de sentença clivada.

(28)a. PIZZA a Dora comeu

b. Foi PIZZA que a Dora comeu

Para Miotto e Negrão (2007) e Quarezemin (2012), há uma operação nesse tipo de sentença em (28b) (clivada) por meio da qual a estrutura resultante guarda uma posição destinada ao constituinte focalizado. O foco é o constituinte localizado entre a cópula *foi* e o complementizador *que*. Assim, a própria estrutura da sentença permite a identificação do sintagma focalizado.

2.3.3.2 Focalização do sujeito e do objeto

Quarezemin (2009) conduziu um estudo sobre estratégias de focalização no PB, apontando diferenças na focalização dos sintagmas sujeito e objeto. A autora demonstra, por meio de experimentos com falantes do PB, que em se tratando de focalização informacional do objeto, a estratégia preferida dos falantes é a focalização *in situ*. A estratégia de clivagem só apareceu na forma de clivada reduzida (29b) ou pseudoclivada (29c), mas em poucas ocorrências, indicando que a estrutura SVO é mesmo a preferida pelos falantes nesse contexto de focalização.

- (29)a. Quem comeu o bolo?
 b. Foi A RITA.
 c. Quem comeu o bolo foi A RITA.

Quarezemin e Tescari Neto (2015, p. 48), destacam que focalização *in situ* não se refere ao foco prosódico, “mas a um processo que não envolve movimento do constituinte focalizado para uma parte alta da estrutura”. Ou seja, o sintagma com focalização *in situ* pode estar na projeção FocP mais baixa, e não como argumento interno do verbo, por exemplo.

No que se refere à focalização contrastiva do objeto, a estratégia que mais aparece é a da clivagem, nas seguintes formas: clivada plena, clivada reduzida e pseudoclivada. “O número elevado de ocorrências da estratégia clivada vai ao encontro da afirmação de Negrão (1999) de que o PB, por ser uma língua voltada para o discurso, privilegia marcar na sintaxe a função informacional dos constituintes na sentença” (QUAREZEMIN, TESCARI-NETO, 2015, p. 49).

Guessier (2007) conduziu experimentos que demonstram duas estratégias predominantes para a focalização do sujeito foco de informação em PB: sentenças

SV (38% dos dados coletados pela autora) e clivadas (divididas em: canônica, truncada, reduzida e pseudoclivada¹⁸; 58% dos dados) – havia essa variação de estruturas nos resultados gerais, mas não entre os participantes (20 pessoas) do experimento, já que cada um deles costumava dar preferência a uma estratégia de focalização. Em línguas como o italiano e o português europeu (PE) o sujeito pode ocupar a posição pós-verbal quando é simples foco de informação, caso em que o reordenamento de constituintes é suficiente para destacar o foco. No PB, apenas contextos restritos¹⁹ permitem a inversão do sujeito, então a clivada surge como estratégia sintática para a focalização desse tipo de constituinte (GUESSER, 2007; QUAREZEMIN; TESCARI-NETO, 2015, p. 50).

Assim como mostrou Guesser (2007), Quarezemin (2009) aponta em seus experimentos que sentenças clivadas são preferidas pelos falantes para a focalização contrastiva do sujeito, sendo elas de vários tipos: canônicas, invertidas, reduzidas, truncadas, e pseudoclivadas, além da possibilidade do foco *in situ*. Guesser e Quarezemin (2013, p. 193) elaboraram o quadro abaixo que apresenta as principais estratégias de focalização e o tipo de foco que cada uma delas pode veicular em PB.

¹⁸ (30) a. Quem comeu o bolo?
b. Foi A RITA que comeu o bolo [canônica]
c. A RITA que comeu o bolo [truncada]
d. Foi A RITA [reduzida]
e. Quem comeu o bolo foi A RITA [pseudoclivada]

¹⁹ Praticamente apenas com verbos inacusativos. Guesser (2007) encontra em seus dados poucos casos de estrutura VS com verbos intransitivos, propondo uma análise que assume que tais ocorrências resultam de uma topicalização de VP – do mesmo modo que o proposto para as estruturas VS com verbos transitivos encontradas nos dados experimentais de seu estudo.

Quadro 2 – Tipos de foco veiculados pelas estratégias de focalização em PB²⁰

Estratégia	Interpretação focal	Estratégia	Interpretação focal
SV	FI, FC	SVO	FI, FC
VS	FI*, FC	OVS	FC
Foco + que	FI, FC	Foco + que	FC
Clivada canônica	FI, FC	Clivada canônica	FC
Clivada invertida	FC	Clivada invertida	FC
Pseudoclivada canônica	FI, FC	Pseudoclivada canônica	FI, FC
Pseudoclivada invertida (foco pós-cópula)	FI, FC	Pseudoclivada invertida (foco pós-cópula)	FI, FC
Pseudoclivada invertida (foco pré-cópula)	FC	Pseudoclivada invertida (foco pré-cópula)	FC
Cópula + foco	FI, FC	Cópula + foco	FI, FC

* Com restrições.

Fonte: Adaptado de Guessser e Quarezemin (2013, p. 193)

As autoras destacam dois importantes fatos a partir da análise do Quadro 2:

O primeiro é que a ordem VS na focalização de nova informação é restrita: envolve verbos inacusativos e, em menor frequência, verbos intransitivos (cf. MIOTO, 2003; QUAREZEMIN, 2005, 2009; GUESSER, 2007). Por outro lado, frases VS com um sujeito contrastivo não apresentam tais restrições, podendo ocorrer com verbos transitivos [...] (cf. QUAREZEMIN, 2005). O segundo é que, em PB, a periferia esquerda não é uma posição adequada para a focalização de nova informação. Um constituinte, para que seja interpretado como informação nova, não pode se mover para a periferia esquerda, [...] mas deve permanecer em posição interna a TP [...]. O movimento de um elemento com um traço [+foco] para a periferia esquerda implica necessariamente uma leitura contrastiva (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 193).

O Quadro 2 ainda evidencia uma assimetria sujeito–objeto nas estratégias de focalização *clivada canônica* e *foco + que*: enquanto na focalização de sujeito ela é aceita para os casos de foco contrastivo e foco de informação, na focalização de

²⁰ FI: foco de informação. FC: foco contrastivo (no texto original as autoras chamam respectivamente de NI (nova informação) e C (contrastivo). As autoras não consideraram foco de identificação nesse trabalho.

objeto ela só é usada para foco contrastivo. Nas demais estratégias, podemos observar que o comportamento é o mesmo para os dois tipos de foco (uma exceção seria a estratégia VS, que aparece como válida para marcação de contraste em sujeito, mas as autoras deixam claro que essa é uma possibilidade com restrições, como já mencionamos anteriormente). O que todos esses autores estão dizendo é que uma sentença clivada canônica como (31b), abaixo, pode ser usada como resposta para uma pergunta sobre o sujeito, como em (31a):

- (31) a. Quem tirou dez na prova?
b. Foi A LIA que tirou dez na prova

No entanto, uma sentença clivada canônica como (32b), abaixo, não seria adequada como resposta para uma pergunta sobre o objeto, como em (32a):

- (32) a. O que a Lia cozinhou pro jantar?
b. #Foi UMA LASANHA que a Lia cozinhou pro jantar²¹

Esses são os mais recentes estudos sobre estratégias de focalização e tipos de foco em PB. É dentro desse recorte teórico que nossa pesquisa está inserida e que nossas hipóteses de pesquisa foram ancoradas.

2.4 FOCO E PROSÓDIA

A prosódia tem várias funções na comunicação humana. Em um texto escrito, há pausas entre palavras, pontuação demarcando constituintes e outras regras para facilitar a compreensão da escrita. Já a fala se apresenta em fluxo contínuo e acontece na presença de outros sons e estímulos que podem confundir/alterar a compreensão do ouvinte. “Em cada momento no tempo, o som de fala é nada mais do que uma perturbação momentânea da pressão do ar. Um momento está lá, no momento seguinte se foi” (NOOTEBOOM, 1997, p. 668).

²¹ O sinal diacrítico # é utilizado quando uma sentença é inadequada ao contexto.

Kadmon (2001) indica que a parte da sentença que é chamada de foco é marcada por uma proeminência prosódica e está envolvida nos efeitos pragmáticos e semânticos relevantes do enunciado. Há, portanto, uma relação entre o foco de uma sentença e o seu acento principal, que é também chamado de acento nuclear²². Nesse caso, há uma proeminência da frequência fundamental²³ (F0) nos constituintes focalizados. Qualquer que seja o tipo de foco (estrito), o constituinte focalizado da sentença deve conter a palavra com maior proeminência prosódica. A relação entre foco e prosódia

é relevante para a compreensão da correlação estrita entre o acento principal e o foco da sentença. Esta relação aparece sob a luz de duas abordagens na literatura prosódica: a abordagem fonética e a abordagem fonológica. A primeira abordagem está relacionada aos aspectos fonéticos do foco, enquanto a segunda analisa a estrutura fonológica. Os correlatos acústicos do foco são descritos em termos de frequência fundamental (F0), duração e intensidade. Na abordagem fonológica, o foco é identificado por receber a proeminência principal da sentença ou por receber um tipo de acento tonal específico (QUAREZEMIN, 2009, p. 52).

Cada língua possuiu regras próprias de acentuação que determinam como o acento principal deve ser marcado. Se considerarmos para o PB a Regra de Acento Nuclear (Nuclear Stress Rule – NSR) proposta por Chomsky e Halle (1968), o acento principal deve ser atribuído à sílaba mais encaixada do constituinte mais à direita da sentença. “Dessa forma, em um par pergunta–resposta a proeminência prosódica da sentença estará sobre a sílaba ou a vogal mais encaixada dentro do constituinte focalizado (ou um membro deste) na resposta” (QUAREZEMIN, 2009, p. 52).

Quarezemin (2009, p. 141), em seu estudo sobre as estratégias de focalização no PB, mostra como a focalização *in situ* é utilizada recorrentemente para a focalização de sujeito e de objeto, mas ressalta que os falantes utilizam essa

²² O acento nuclear é o acento mais à direita na sentença, desde que não haja nenhum acento enfático, como o de foco, em outra posição (CHOMSKY; HALLE, 1968). Numa sentença com foco, ele coincide com a sílaba tônica da palavra focalizada.

²³ Frequência fundamental é a faixa de frequência mais baixa de uma onda complexa de um som; neste caso, da voz humana. Ela é representada pelo símbolo F0 e corresponde ao primeiro harmônico. A frequência fundamental é muito importante na definição de entoação e seu correlato perceptual é o *pitch*.

estrutura em contextos de pergunta–resposta, para sujeito e objeto, e de correção para focalizar o sujeito. “Verificamos que os falantes do PB preferem empregar a estratégia SVO mais para os casos de sujeito foco de informação do que para os casos de sujeito foco contrastivo” (QUAREZEMIN, 2009, p. 142). Segundo a autora, quando a focalização do sujeito é contrastiva, os falantes preferem a estrutura clivada. Quando é o objeto que está focalizado, os falantes raramente o mantêm *in situ*. Nesses casos, o objeto com foco contrastivo deixa sua posição canônica, no final da sentença, e é movido para receber o acento de foco – derivando assim o foco sintático por meio de uma sentença OSV, de uma sentença clivada ou uma de suas variações.

Haveria também, ainda de acordo com Quarezemin, uma diferença entre as línguas no que se refere ao mecanismo de focalização de constituintes. Línguas como o italiano, o espanhol e o português europeu (PE) permitem flexibilidade na ordem dos constituintes das sentenças, modificando sua estrutura sintática e permitindo assim que “um sujeito apareça em posição pós-verbal na sentença quando tem a interpretação de foco de informação” (QUAREZEMIN, 2009, p. 111). Já línguas como o inglês e o francês não dispõem desse recurso. O francês, por exemplo, recorre muito à estratégia clivada sujeito por não permitir a posposição ao verbo.

No PB, parece que os constituintes tanto têm flexibilidade para se locomover dentro da sentença e receber acento de foco (como é o caso do foco contrastivo no objeto, quando os falantes preferem movê-lo para o início da sentença e marcar o foco por meio de uma clivada) quanto para manter os constituintes em suas posições canônicas, na estrutura SVO, e fazer a marcação por meio da prosódia (CARPES, 2014).

Para Lambrecht (1994), o acento da sentença seria uma instrução do falante para que o ouvinte estabeleça uma relação pragmática entre uma denotação e uma proposição. “Os elementos prosódicos servem para ponderar os valores semânticos dos enunciados, sendo uma das formas de que dispõe o falante para dizer a seu interlocutor como ele deve proceder diante do que ouve” (CAGLIARI, 2002, p. 43).

Tomemos como exemplo as interpretações em (33b), (33c) e (33d) para a sentença (33):

- (33) a. A Luísa ama o Paulo (sentença neutra, sem foco ou com foco amplo)
b. A LUÍSA ama o Paulo (foco no sujeito)
c. Luísa ama O PAULO (foco no objeto)
d. A Luísa AMA o Paulo (foco no verbo)

Cada uma dessas sentenças tem sua interpretação alterada a partir do sintagma destacado pela focalização. Em (33b), o foco está no sujeito da sentença, e a interpretação é a de que o Paulo é amado pela Luísa, não por outra pessoa. Em (33c), o foco está no objeto, e temos a interpretação de que é o Paulo que a Luísa ama, e não outra pessoa que ela ama. Em (33d), o foco recai sobre o verbo, a interpretação é de que ela ama o Paulo, não de que ela o odeie ou tolere, por exemplo.

Menuzzi (2012) diz que o papel da prosódia seria apenas marcar o sintagma focalizado, mas que ela não seria capaz de indicar o tipo de foco, pois esse seria um fenômeno pragmático. Nós acreditamos, porém, que a prosódia, combinada à sintaxe e à pragmática, tem um peso importante não apenas na marcação e na identificação do sintagma focalizado em uma sentença (quando se trata de foco do tipo estreito), mas também na marcação e na identificação do tipo de foco associado.

2.4.1 Entoação e prosódia

Prosódia é uma sub-área da fonética que estuda e analisa propriedades suprasegmentais²⁴ da fala, como ritmo, acento e entoação (CRISTÓFARO-SILVA, 2011). Tais propriedades – ou traços – são analisadas a partir dos parâmetros de frequência fundamental (F0), intensidade e duração e são percebidas a partir dos parâmetros *pitch* (correlato perceptual da frequência fundamental) e *loudness* (correlato perceptual da intensidade).

²⁴ Suprasegmental é o “nível de representação em que os elementos analisados se sobrepõem aos segmentos consonantais e vocálicos do nível segmental” (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 207). Compreende frequência fundamental, intensidade e duração (LADD, 1996).

Entoação é uma das faces da prosódia mais estudadas. Refere-se “ao estudo das modulações de altura (*pitch*) ao longo dos enunciados” (BARBOSA, 2010, p. 391). Ela é significativa, sistemática e específica de cada língua; por isso é fonológica. É a entoação que diferencia enunciados iguais (no conteúdo lexical), já que mudanças na entoação podem afetar o significado das sentenças.

A entoação refere-se “ao uso de características fonéticas suprasegmentais para expressar significados pragmáticos no nível da sentença de forma linguisticamente estruturada” (LADD, 1996). As alterações na fala que são chamadas de entoação correspondem a “modulações da frequência fundamental (medida em hertz [Hz]), da intensidade (medida em decibéis [dB]) e da duração (medida em milissegundos [ms])” (MADUREIRA, 1999, p. 55). Dos parâmetros acústicos da entoação, o mais importante é a frequência fundamental, termo usado para designar o número de repetições de ciclos de uma onda periódica numa unidade de tempo. “O correlato fisiológico da frequência fundamental é o número de vibrações (o abrir e fechar) das cordas vocais e o correlato perceptual é o *pitch*” (MADUREIRA, 1999, p. 55). Variações na frequência fundamental são usadas como referência para a demarcação de fronteiras prosódicas, como a elevação final da frequência fundamental numa sentença interrogativa no português, e para funções linguísticas, como a proeminência que marca os constituintes focalizados em uma sentença.

2.4.1.1 Frequência fundamental, duração e núcleo entoacional

Frequência fundamental, medida em hertz (1 hertz = 1 Hz = 1 ciclo por segundo) e representada por F0, é “a faixa mais baixa de uma onda complexa” (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 123).

Cada ciclo corresponde a uma vibração (abertura e fechamento) das pregas vocais, ou seja, a um pulso glotal. O tempo que dura cada ciclo corresponde ao período fundamental (T). O inverso do período fundamental corresponde à frequência fundamental (F0).

A frequência fundamental da voz humana é dada pelo ciclo de vibrações das pregas vocais e, sendo um parâmetro físico, está diretamente relacionado à espessura e ao comprimento das pregas de cada falante. Assim, as vozes de

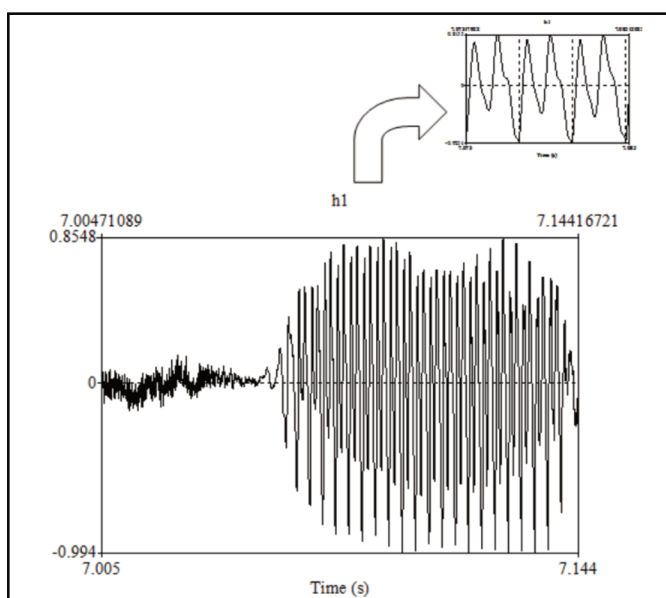
homens adultos têm em geral frequência fundamental mais baixa do que a de mulheres adultas, que, por sua vez, têm frequência fundamental em geral mais baixa que a da voz de crianças. Isso se deve ao fato de homens adultos terem as pregas vocais mais espessas e menos tensas, e, por isso, elas vibram mais lentamente – menos vibrações por segundo = frequência fundamental menor, já que a frequência fundamental (F_0) é inversamente proporcional ao período (T). A fórmula para calcular a frequência fundamental é:

$$F_0 = \frac{1}{T}$$

Na Figura 1, podemos observar três ciclos (três pulsos glotais) que foram ampliados de um segmento de fala vozeado. Assim, a frequência fundamental é calculada como:

$$F_0 = 1/T = 1/0,003865 = 258,73 \text{ ciclos por segundo} = 258,73 \text{ Hz.}$$

Figura 1 – Forma de onda da sílaba “fo”, da palavra “foram”, com pulsos glotais ampliados com duração média de 0,003865 s, que vai corresponder a uma F_0 de cerca de 259 Hz.



Fonte: Carpes (2014).

É importante salientar que a frequência fundamental tem valor relativo, e seu valor em hertz pode ser considerado alto ou baixo, dependendo de quem o proferiu.

Assim, uma sílaba proferida em 300 Hz pode ser considerada alta para um homem, e pode não ser considerada alta se proferida por uma mulher, cujo espectro de fala, em geral, é mais alto do que o dos homens, como mencionamos anteriormente.

A frequência fundamental é o correlato físico que está relacionado à melodia, sensação subjetiva da frequência, isto é, relaciona-se com a nossa percepção auditiva. Segundo Cantero (2002), além da entoação, a frequência fundamental informa outros fenômenos, como o acento da sentença.

É a partir da curva de F0 que se obtém o contorno de *pitch*, parâmetro muito utilizado nas pesquisas sobre entoação. O *pitch* é o correlato perceptual da frequência, frequentemente usado como correlato da fundamental. O contorno de *pitch* é usado para diferenciar entoações, como declarativas (ascendente no início e descendente no final da sentença) e interrogativas (ascendente no final da sentença no caso das interrogativas do tipo sim/não, por exemplo²⁵).

Essas oscilações na frequência fundamental são fonológicas, pois não são arbitrárias, e servem para dar sentido à cadeia de fala, pois têm significado. Na nossa pesquisa, que estuda a marcação de foco nas sentenças, o contorno de *pitch* é utilizado para identificar o sintagma focalizado, pois palavras com foco recebem um incremento na curva de F0 – a palavra que recebe o foco é a mais proeminente da sentença.

A duração, medida em milissegundos (ms), refere-se à extensão de um som num dado tempo; é a “medida comparativa do tempo de realização de segmentos” (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 96). A duração dos segmentos depende de alguns fatores, como taxa de elocução (velocidade de fala) e características articulatórias desses segmentos.

Em algumas línguas, a duração dos segmentos é contrastiva, com vogais longas opondo-se significativamente a vogais breves, por exemplo. A duração dos segmentos em português não é contrastiva, mas ela é encontrada em situações de ênfase ou de apelo emocional (Por fav[o:r!]).

Núcleo entoacional é o elemento que assume a posição mais proeminente no domínio da sentença. Quando a sentença tem foco estreito, como os casos que

²⁵ Em Moraes (2008) estão descritos alguns padrões entoacionais do PB.

estamos estudando, o núcleo entoacional coincide com o acento principal da palavra ou do sintagma focalizado, já que a palavra ou o sintagma focalizado recebe o acento principal da sentença (CHOMSKY, 1971; JACKENDOFF, 1972; ZUBIZARRETA, 1998). Assim, o pré-núcleo é o trecho da sentença que antecede o constituinte focalizado. Nas sentenças SVO com foco no sujeito, não teremos pré-núcleo, pois o primeiro acento da sentença já recairá sobre a palavra focalizada e será o mais proeminente da sentença.

- (34) a. O Beto perdeu AS CHAVES
 b. O BETO perdeu as chaves

Em (34a), o núcleo entoacional é a sílaba CHA, e o pré-núcleo é o trecho antecedente da sentença (*O Beto perdeu as*). Em (34b), o núcleo entoacional é BE, e não há pré-núcleo.

2.4.2 Fonologia entoacional

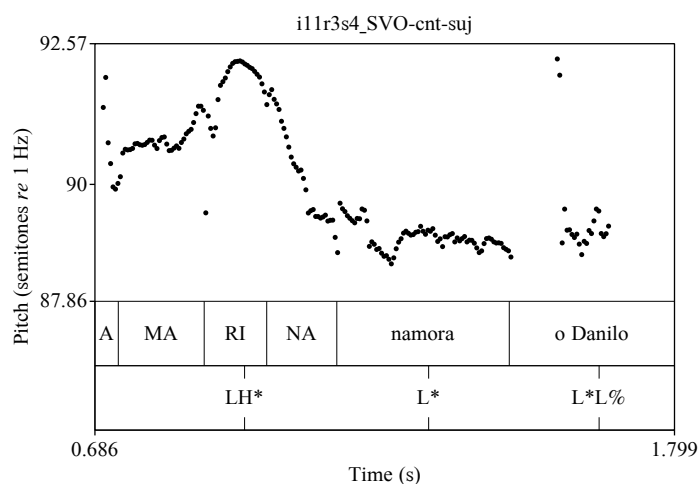
As análises entoacionais apresentadas nesta pesquisa foram realizadas com base no modelo gerativo da Fonologia Entoacional, proposto por Pierrehumbert (1980), a chamada Fonologia Métrica Autossegmental (teoria AM). O modelo, que se propunha a descrever a entoação da língua inglesa, é um sistema de representação da entoação que serve para descrever os padrões e os contrastes em uma língua, além de investigar e reconhecer regras que identificam as representações fonológicas subjacentes às produções fonéticas e permitir a análise das realizações fonéticas a partir do contorno da frequência fundamental (F0).

Esse modelo propõe para a análise entoacional dois níveis tonais: H (*high/alto*) e L (*low/baixo*). Esses níveis marcam as oscilações na curva de F0, para cima ou para baixo, descrevendo os contornos – ou melodias – da fala. Os eventos tonais associados às sílabas acentuadas da sentença são marcados por * (asterisco). Assim, se uma sílaba acentuada ocupar uma posição alta na curva, ela será representada pelo tom H*; se a sílaba acentuada ocupar uma posição baixa, será representada por L*.

Há ainda representações bitonais, que marcam movimentos ascendentes (LH) ou descendentes (HL), usados em casos de mudança repentina no contorno de F0. As marcações podem ser L*H, LH*, H*L ou HL* – o evento tonal central é marcado com o asterisco. Tons de fronteira são assinalados por % (L% ou H%). Acrescentamos ainda um outro sinal que achamos importante para melhor descrever eventos tonais encontrados em nossos dados: ↓ – essa seta apontando para baixo vai ser usada para marcar um tom muito baixo (↓L) que indica que a descida (nesses casos, sempre relativas ao pico entoacional, localizado no sintagma focalizado) é bastante acentuada, ficando abaixo dos tons baixos precedentes ao foco.

Vejamos um exemplo na Figura 2 a seguir. Na sentença representada nesta figura, que tem a estrutura SVO, com foco no sujeito, percebemos um movimento que começa baixo, anotado como L (mas que não é acentuado, por isso não é marcado com *), inicia uma subida na sílaba pré-tônica, tem pico na sílaba tônica, anotado como H*, e depois desce na sílaba pós-tônica. Essa é uma representação bitonal (LH*), que marca um movimento ascendente-descendente na palavra focalizada. Após o acento na sílaba tônica da palavra focalizada e a descida na sílaba pós-tônica, a curva da frequência fundamental segue desacentuada até o fim da sentença, finalizando com um tom de fronteira baixo, assinado como L%.

Figura 2 – Exemplo de notação prosódica, baseada na Fonologia Métrica Autossegmental de Pierrehumbert (1980), realizada para o contorno entoacional da sentença *A Marina namora o Danilo*, com foco contrastivo no sujeito, e que compõe o *corpus* desta pesquisa.²⁶



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Porém, reconhecemos que essa é ainda uma forma limitada de descrever por meio de uma notação a curva prosódica de uma sentença. Isso porque a partir do desenho da curva é possível obter a notação prosódica, mas a notação prosódica não é suficiente para reconstruir com precisão a prosódia da sentença por ela descrita. “A dificuldade se encontra por um lado em a curva entoacional ter um aspecto gradiente e por outro em tentar apresentá-la como um agrupamento de eventos discretos passíveis de caracterização” (BRAGA, 2015, p. 31).

²⁶ Bocci (2007, p. 39) apresenta essa mesma notação para o italiano em sentenças com foco contrastivo no sujeito. O autor descreve que a última sílaba acentuada do sintagma com foco contrastivo é associada com a notação L+H* seguida de um acento de frase L. A parte pressuposta da sentença é completamente desacentuada, já que o [dialeto] italiano *standard* não admite nenhum tipo de acento depois do sintagma focalizado.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo vamos descrever a metodologia criada para o experimento desta tese.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO – PRIMEIROS EXPERIMENTOS

Anteriormente, em Carpes (2014), conduzimos alguns experimentos, de produção e de percepção, para investigar nossa hipótese de pesquisa (a de que haveria uma curva prosódica diferente para cada tipo de foco que seria percebida e diferenciada pelos ouvintes). Conduzimos, no total, dois experimentos de produção e três de percepção, e mencionaremos agora, brevemente, os resultados mais relevantes, já que eles motivaram algumas das hipóteses de pesquisa desta tese – para a leitura completa da metodologia, da condução e dos resultados de todos os experimentos conduzidos anteriormente, remetemos o leitor à leitura da dissertação (CARPES, 2014), que os descreve detalhadamente.

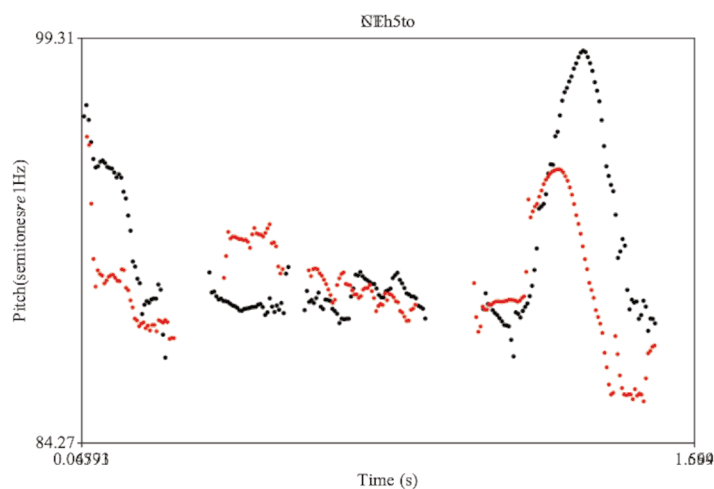
Os dados coletados no primeiro experimento de percepção (CARPES, 2014) apontaram que grande parte dos ouvintes conseguiu relacionar a curva de F0 de sentenças produzidas para contextos de foco não exaustivo com os respectivos contextos de não exaustividade. A relação que os ouvintes estabeleceram entre contextos e sentenças com foco exaustivo e contrastivo, porém, não foi tão bem sucedida.

Há algumas possibilidades para justificar esses resultados: uma seria que a nossa hipótese de que apenas a prosódia seria suficiente para marcar cada um dos três tipos de foco não estaria correta; outra possibilidade seria a de que os experimentos necessitariam de ajustes para que encontrássemos resultados mais precisos e confiáveis. Realizamos a segunda rodada de experimentos (produção e percepção). Não descreveremos aqui os resultados dessa segunda rodada, pois o experimento de percepção era de escopo mais fonético, para correlacionar a duração relativa da sílaba tônica com os tipos de foco. Foram os resultados obtidos no primeiro experimento de percepção que nos guiaram na elaboração das hipóteses de pesquisa desta nova etapa de nosso estudo, conduzida no doutorado.

Num terceiro experimento de percepção, 76% dos ouvintes relacionaram as sentenças com contorno de não exaustividade aos contextos de não exaustividade, e 80% fizeram o mesmo com as curvas e os contextos de contrastividade. Como os ouvintes demonstraram perceber diferença entre as sentenças, identificando seus respectivos focos, analisamos quais seriam essas diferenças entre as produções para tentar identificar qual ou quais parâmetros prosódicos pode (ou podem) ter fornecido aos ouvintes a pista para perceberem quando uma sentença veiculava foco não exaustivo e quando veiculava foco contrastivo.

O que ficou evidente na análise das oito curvas de F0 que compuseram o experimento de percepção é que as sentenças com foco não exaustivo têm *pitch range*²⁷ mais alto, como mostra a Figura 3:

Figura 3 – Sobreposição de duas produções de uma sentença (*O Marcelo carrega as cadeiras*) com foco no objeto: uma produzida com foco não exaustivo (em preto) e outra produzida com foco contrastivo (em vermelho).



Fonte: Carpes (2014).

As duas sentenças têm o mesmo conteúdo segmental, a única diferença entre elas é o tipo de focalização que elas veiculam. A ilustração demonstra que o traço das curvas é muito parecido, e que a diferença entre elas está na altura (*pitch range*) maior com que o sintagma com foco não exaustivo foi produzido (no pico prosódico do sintagma focalizado). O contorno de F0 e mesmo a descrição dos

²⁷ *Pitch range* é o termo usado para descrever a faixa que compreende os valores mínimo e máximo da frequência fundamental de um determinado enunciado.

movimentos das curvas de F0 (notação prosódica) do foco não exaustivo e das curvas do foco contrastivo são muito semelhantes, mas há uma diferença de altura no foco não exaustivo, como também vêm demonstrando os estudos conduzidos por Elordieta e Irurtzun (2010) sobre a língua basca. Então, parece-nos que o *pitch range* seria pelo menos um dos parâmetros (considerando que haja outros) que caracterizam e diferenciam a curva de F0 da não exaustividade, já que as sentenças com foco não exaustivo apresentavam *pitch range* mais alto do que as sentenças com foco contrastivo (no pico prosódico do sintagma focalizado).

Essa percepção está baseada na diferença média entre as sentenças com focos não exaustivo e contrastivo que compuseram esse experimento de percepção, que era de 4 semitons a mais para as curvas com foco não exaustivo – o suficiente, como mostraram os estudos de Consoni e Ferreira Netto (2008) para o PB e de t'Hart (1981) para o holandês, para ser percebido pelos ouvintes.

Segundo t'Hart (1981), uma mudança de três semitons já é considerada uma variação tonal perceptivelmente relevante para os ouvintes do holandês. Testes realizados por Consoni et al (2009) mostraram que os sujeitos brasileiros percebem com acuidade variações ascendentes a partir de três semitons. (CARPES; SEARA, 2017, p. 141)

Dessa forma, Carpes (2014), Carpes, Sosa e Seara (2013) e Carpes e Seara (2017) observam que parece sim existir uma curva de F0 característica de sentenças com foco não exaustivo, ou seja, a prosódia, aliada ao contexto, daria conta de veicular a ideia de não exaustividade, sem marcação sintática, uma vez que todas as sentenças que compuseram o *corpus* dos experimentos apresentados acima tinham a mesma estrutura, SVO.

3.2 SOBRE OS DESAFIOS DE MONTAR UM EXPERIMENTO

Montar um experimento fonético e sintático apresenta dificuldades e particularidades. Vamos descrever aqui algumas delas, que encontramos ao longo do percurso metodológico de nossa pesquisa.

São muitas as variáveis fonéticas que devem ser controladas, como o tipo de segmento (pois, para a análise prosódica, é preciso dar preferência a segmentos

vozeados, além de se tentar evitar as consoantes oclusivas, pois elas, por terem silêncio no início da articulação, “cortam” o traçado da curva), o número de sílabas de cada palavra que compõe a sentença e a posição do acento nas palavras (proparoxítona, paroxítona ou oxítona). Dessa forma, é preciso pensar um *corpus* formado por palavras com maioria de segmentos vozeados e tentar ao máximo controlar os outros fatores também, para que as sentenças produzidas e posteriormente analisadas tenham extensão e acentuação parecidas, de modo a se proceder com o estudo de suas curvas sem variáveis como acentuação em posições diferentes das palavras que estão em comparação, por exemplo.

Depois, há ainda a questão “fala espontânea vs fala controlada”. Nossa metodologia de coleta é do tipo fala semiespontânea. Sempre procuramos estratégias para inserir os participantes na situação apresentada, para que sua elocução fosse o mais natural possível.

Quando o objeto de análise é um fenômeno cujo controle experimental exige a presença de um conjunto de sentenças improvável de se coletar espontaneamente, dada a sua particularidade sintática, morfológica ou mesmo fonética, vemo-nos forçados a montar um experimento usando ou a fala lida ou a fala semiespontânea (SEARA; SILVA-FIGUEIREDO, 2007, p. 2).

Sabe-se que há diferenças na produção de sentenças em fala espontânea, semiespontânea e lida. Na fala espontânea, os informantes têm mais liberdade para escolher os eventos tonais que utilizam em suas elocuições (ESSER, 1988 *apud* SEARA; SILVA-FIGUEIREDO, 2007). A complexidade em se realizar pesquisas com fala espontânea vai além da dificuldade de se conseguir número suficiente de dados que sejam homogêneos em sua estrutura. Isso porque, no nível entoacional, a alteração da tipologia verbal, do sintagma nominal ou mesmo da posição dos sintagmas na sentença pode levar a mudanças nos contornos da curva de F0.²⁸

Nossos experimentos são do tipo fala controlada, dada a dificuldade de conseguirmos amostras de fala da forma que precisamos em um banco de dados ou em contextos de fala espontânea. Nossa metodologia prevê que os informantes

²⁸ O contorno da curva de F0 corresponde aos valores da frequência fundamental obtidos na extensão da sentença proferida pelo informante.

sejam apresentados aos mesmos contextos conversacionais para que os resultados obtidos (as sentenças proferidas) possam ser comparados sintática, pragmática e foneticamente. Se recorrêssemos a bancos de dados de fala, não teríamos os falantes envolvidos no mesmo contexto, não teríamos o mesmo número de sentenças proferidas por todos os participantes e muito provavelmente não conseguiríamos amostras de todos os casos de foco em análise para todos os informantes.

Assim, nossos experimentos são realizados em laboratório. Procuramos criar metodologias que, apesar de controladas, tentassem proporcionar o máximo de espontaneidade e liberdade aos participantes.²⁹

Do ponto de vista da sintaxe, um dos cuidados que devem ser tomados na elaboração do *corpus* que vai compor um experimento é estar atento ao tipo de verbo escolhido e à forma como a situação-contexto é apresentada, por exemplo, para evitar que algum fator metodológico possa confundir os informantes ou influenciá-los a dar um tipo específico de resposta diferente daquele que buscamos investigar.

3.3 NOVA METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

A partir dos aprendizados provenientes do percurso metodológico desenvolvido na realização do mestrado, montamos um novo experimento para o doutorado, com as modificações que julgamos necessárias. Como no doutorado a pesquisa é de interface entre prosódia e sintaxe, componentes de análise sintática deveriam ser acrescentados. Além disso, fizemos gravação de vídeo além de áudio, pois consideramos a possibilidade de analisar a prosódia visual – se não no doutorado, em pesquisas futuras.

A metodologia partiu da ideia de que tinha de ser apresentado aos participantes um contexto conversacional que lhes desse informações suficientes para que a pesquisadora fizesse perguntas ou afirmações sobre um assunto e o

²⁹ Sugerimos a leitura de Xu (2010), em que o autor menciona as vantagens da “fala de laboratório”, justamente pelo controle que esse tipo de coleta permite que o pesquisador tenha.

informante pudesse se manifestar a respeito dele. Assim, seriam apresentados personagens e situações que formariam o *background* conversacional.

Numa primeira versão, criamos *slides* com textos que davam essas informações, como que contando uma história para o participante (nos *slides* havia apenas letras pretas sobre fundo branco). Dos *slides* apresentados, 2/3 eram sentenças-alvo e 1/3 eram sentenças distratoras, misturadas e apresentadas em ordem aleatória³⁰. Então o experimento seria assim: o participante veria um *slide* por vez num monitor virado só para ele, e a pesquisadora, sem ver a informação que estava na tela, fazia perguntas referentes aos contextos apresentados. Esperava-se que os participantes dissessem sentenças parecidas entre si, com poucas e esperadas variações. Ou seja, uma das grandes mudanças desta nova metodologia de coleta com relação à coleta de dados que realizamos anteriormente é que agora a sentença a ser proferida não seria mais dada ao participante, e nem a instrução de apenas usar a sentença apresentada. Agora nós queríamos justamente saber qual seria a estrutura escolhida pelos participantes para cada situação e tipo de foco em questão (para o viés sintático de nossa análise).

Antes de recrutarmos participantes, fizemos um pré-teste do experimento, e uma pessoa que conhecia o tema da pesquisa fez o experimento no papel de participante. Ao final da rodada, percebeu-se que as únicas sentenças que saíram como esperado foram as distratoras. Algumas vezes deu-se a seguinte situação: a pesquisadora fazia a pergunta referente ao *slide* em tela e o participante respondia com uma sentença totalmente inesperada. Como ele era conhecedor do tema da pesquisa, ele explicava: “Eu sei que tu queres que eu diga a sentença ‘x’, mas do jeito que está apresentada a informação na tela, a resposta mais natural que eu daria seria essa que eu te dei.” Ou seja, fazer esse pré-teste foi fundamental, ainda mais com uma pessoa conhecedora do tema de pesquisa, porque ela sabia o que era esperado por nós e conseguiu identificar e apontar o problema metodológico dessa nova rodada.

³⁰ Todas as rodadas de experimentos apresentaram os contextos de modo aleatorizado para os participantes. Foram geradas ordens aleatórias para cada participante, nenhum viu os contextos na mesma ordem que outro. Para aleatorizar os contextos, usamos o site <<https://www.random.org>>.

Apresentaremos abaixo os textos dos *slides* e as perguntas que seriam feitas aos informantes, identificando o tipo de foco esperado para cada caso:

Texto do *slide* 1: Há um monte de gente na festa que libera a gelada, como por exemplo a Lorena.³¹

Pergunta: Quem libera a gelada?

Tipo de foco: informacional sujeito (não exaustivo)

Texto do *slide* 2: A única pessoa que libera a gelada é a Lorena.

Pergunta: Quem libera a gelada?

Tipo de foco: identificacional sujeito (exaustivo)

Texto do *slide* 3: A pessoa que libera a gelada é a Lorena.

Pergunta: A Maria libera a gelada?

Tipo de foco: contrastivo sujeito

Texto do *slide* 4: A Marina desenha várias coisas, como por exemplo a janela.

Pergunta: O que a Marina desenha?³²

Tipo de foco: informacional objeto (não exaustivo)

Texto do *slide* 5: Só tem uma coisa que a Marina desenha: a janela.

Pergunta: O que a Marina desenha?

Tipo de foco: identificacional objeto (exaustivo)

Texto do *slide* 6: O que a Marina desenha é a janela.

Pergunta: A Marina desenha a porta?

³¹ Posteriormente, percebemos que o trecho “que libera a gelada” poderia ser interpretado como uma relativa. Por exemplo: De qual festa se está falando? Da “festa que libera a gelada”. A sentença, portanto, deveria ter sido apresentada da seguinte forma: “Há um monte de gente que libera a gelada na festa”.

³² Este foi um caso em que tivemos problema ter não ter a resposta esperada. Após a pesquisadora fazer a pergunta aqui apresentada, o informante que testava o experimento respondeu “A Marina desenha várias coisas”. E em seguida acrescentou: “Eu sei que tu esperas que eu diga ‘A Marina desenha a janela’, mas a resposta mais natural pra mim é essa que eu te dei.”

Tipo de foco: contrastivo objeto

Texto do *slide* 7: Há várias pessoas que dirigem o desenho, como por exemplo, a Vanusa.

Pergunta: Quem dirige o desenho?

Tipo de foco: informacional sujeito (não exaustivo)

Texto do *slide* 8: A única pessoa que dirige o desenho é a Vanusa.

Pergunta: Quem dirige o desenho?

Tipo de foco: identificacional sujeito (exaustivo)

Texto do *slide* 9: A pessoa que dirige o desenho é a Vanusa.

Pergunta: A Ana dirige o desenho?

Tipo de foco: contrastivo sujeito

Texto do *slide* distrator 1: O mau humor da Dora é porque ela está faminta.

Pergunta: Por que a Dora está tão chateada?

Texto do *slide* distrator 2: Quando entrou na sala, o Nuno levou uma bronca, porque chegou atrasado.

Pergunta: Por que o Nino levou uma bronca?

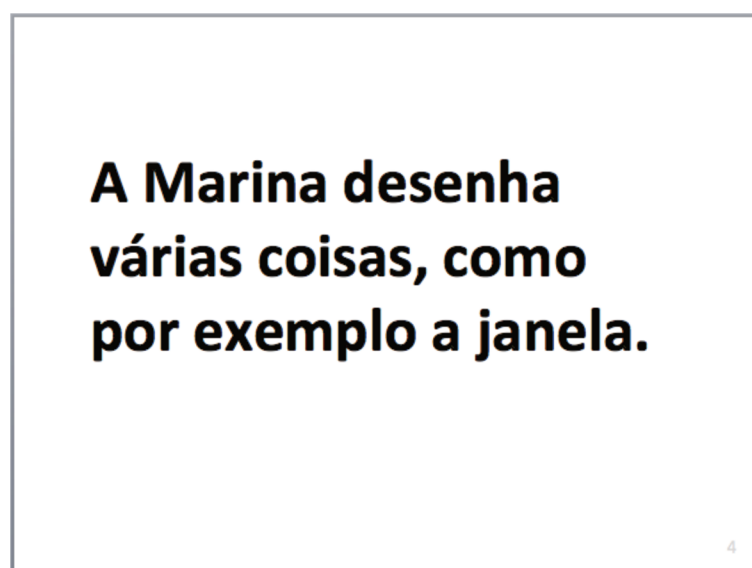
Texto do *slide* distrator 3: O Beto tinha um emprego, mas foi demitido.

Pergunta: O Beto está triste, aconteceu alguma coisa?

Texto do *slide* distrator 4: É amanhã que a Cida viaja.

Pergunta: Quando a Cida viaja?

Figura 4 – Impressão de tela do *slide 5*, mostrando como ele era exibido para o informante.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Encontramos alguns problemas metodológicos nesse modelo de experimento. Primeiramente, o fato de as informações–contexto serem apresentadas em texto. Como mencionamos anteriormente, a leitura das informações certamente influencia o padrão de resposta do informante, que tende a dar uma resposta muito parecida com a estrutura que ele leu na tela. Por exemplo, no caso do *slide 4*, apresentado acima (Figura 4), para foco informacional (não exaustivo), cujo texto é reproduzido abaixo:

Texto do *slide 4*: A Marina desenha várias coisas, como por exemplo a janela.

Pergunta: O que a Marina desenha?

O informante que testava o experimento, nesse caso, deu como resposta “A Marina desenha várias coisas”, quando esperávamos que ele respondesse “A Marina desenha a janela”, com a prosódia da não exaustividade. Além disso, acreditamos que muito provavelmente, num caso de pergunta como essa, em que o perguntador menciona o nome da pessoa de quem estão falando, a pessoa que responde trocaria o nome por um pronome, para evitar a repetição e até mesmo por economia, para dar uma resposta mais sucinta, como por exemplo: “Ela desenha várias coisas”, ou uma resposta ainda mais econômica, como “Várias coisas”, sem precisar repetir o nome do sujeito e o verbo, pois essas informações já estavam na

pergunta. Assim, a resposta do informante poderia ser resumida ao sintagma focalizado, ou seja, à informação que pede o perguntador. De fato, veríamos isso acontecer mais à frente, depois de mudarmos a metodologia do experimento (falaremos sobre isso na seção 4.1.2). Enfim, acreditamos que o informante tenha dado a resposta “A Marina desenha várias coisas” por ter lido exatamente essa sequência nos *slide*.

Desse modo, descartamos esse experimento e decidimos criar outro. Achamos melhor tentar usar imagens no lugar de texto para apresentar o contexto aos participantes. Agora, os *slides* mostrariam pessoas, que seriam os sujeitos de quem a sentença falaria, e mostrariam os elementos que eram relevantes observar naquela “história” que estava sendo apresentada a eles. Com a apresentação de contexto em forma de texto, corre-se o risco de se dar informação demais ou de menos, o que faz com que as sentenças proferidas pelos participantes fiquem além ou aquém do que estamos buscando. Além disso, a informação apresentada em texto pode influenciar o falante a repetir trechos do que ele leu no *slide*, afetando a espontaneidade de sua resposta, como mencionamos acima.

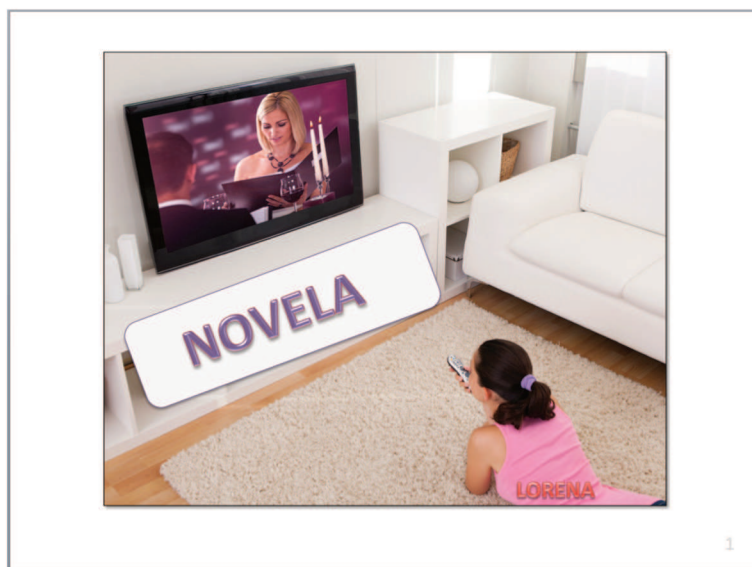
Decidimos, então, que apenas as sentenças distratoras seriam apresentadas em texto. Usamos sentenças distratoras muito parecidas com as do experimento anterior, já que a produção das distratoras não apresentou problema. Dessa forma, eram apresentados ao informante alguns *slides* com imagens e outros com textos, sendo que apenas os resultados daqueles com as imagens seriam considerados para a análise, pois esses é que tinham o contexto que estava ligado ao nosso objeto de pesquisa.

Fizemos novamente um pré-teste do experimento, dessa vez com três participantes, sendo que um conhecia bem o tema da pesquisa, outro conhecia o tema superficialmente e o terceiro não conhecia nada da pesquisa. Com esse pré-teste, decidimos seguir com a coleta definitiva, uma vez que os problemas da versão anterior não apareceram e as sentenças produzidas estavam de acordo com o que esperávamos, ou seja, a forma de apresentar os contextos com imagem parecia ter funcionado.

Mostraremos a seguir todos os *slides* com as respectivas perguntas que foram feitas aos participantes. Mostraremos apenas os *slides* com imagens, já que

os *slides* de texto tinham o mesmo formato do *slide* apresentado anteriormente na Figura 4 e eram referentes às sentenças distratoras, que não serão analisadas.

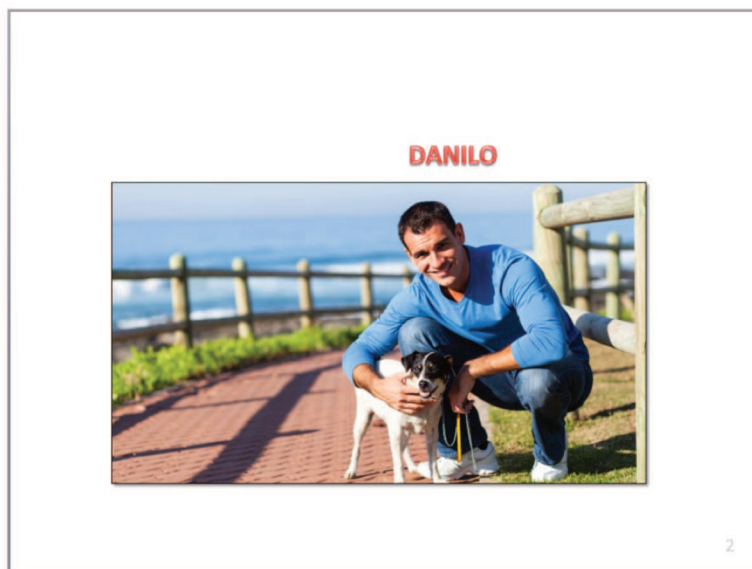
Figura 5 – *Slide 1*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “O que a Lorena está vendo?”. Tipo de foco: informacional no objeto.³³



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

³³ Neste caso optamos por escrever “novela” no slide para evitar respostas variadas como: televisão, tevê, filme, novela, seriado, etc.

Figura 6 – *Slide 2*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Me disseram que o Danilo ganhou um gato”. Tipo de foco: contrastivo no objeto.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 7 – *Slide 3*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “A Vanusa não sabia se comprava uma bolsa, uma carteira ou um sapato. O que a Vanusa comprou?”. Tipo de foco: identificacional no objeto.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 8 – *Slide 4*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Me disseram que a Viviane namora o Danilo”. Tipo de foco: contrastivo no sujeito.



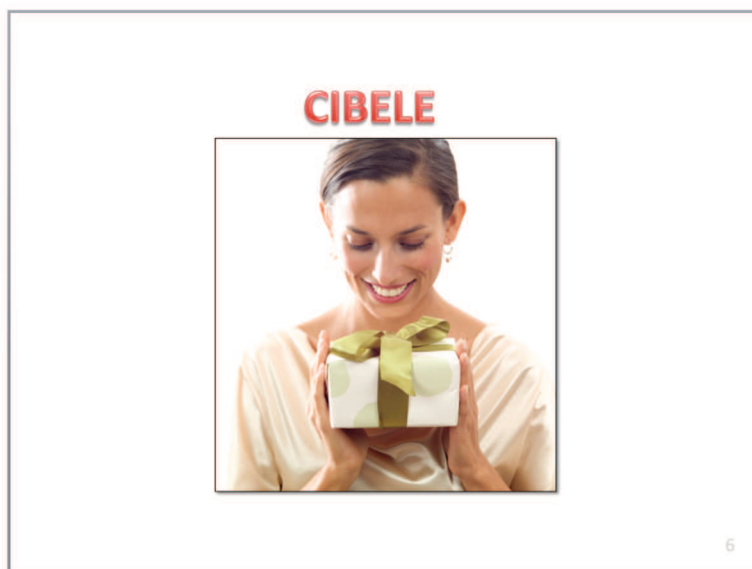
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 9 – *Slide 5*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “A Maria, a Regina e a Renata saíram juntas. Quem pediu o sorvete?”. Tipo de foco: identificacional no sujeito.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 10 – *Slide 6*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Quem ganhou o presente?”. Tipo de foco: informacional no sujeito.



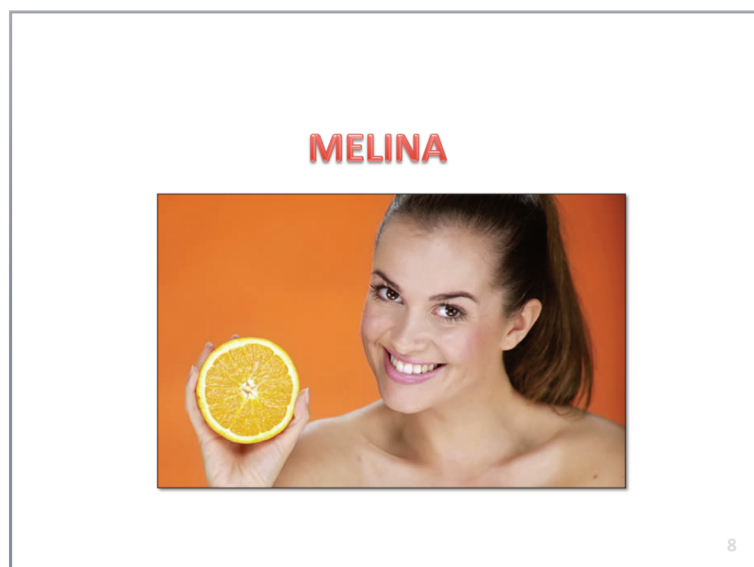
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 11 – *Slide 7*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Não sei se a Betina comprou um carro, uma casa ou uma moto”. Tipo de foco: identificacional no objeto.



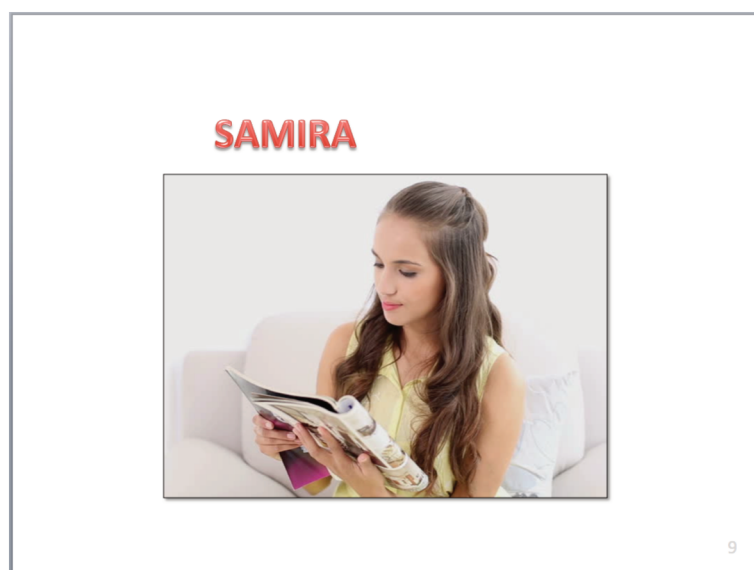
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 12 – *Slide 8*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “Qual fruta a Melina comeu?”. Tipo de foco: informacional no objeto.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 13 – *Slide 9*. Frase motivadora ou pergunta feita pela pesquisadora para o informante: “A Samira tá lendo um livro?”. Tipo de foco: contrastivo no objeto.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Todas as imagens dos *slides* foram retiradas de bancos de imagem disponíveis *on-line* com licença de uso gratuita.

3.3.1.1 Instruções que foram dadas aos participantes antes de começar a coleta

Assim que recebíamos os participantes, nós lhes entregávamos o termo de consentimento esclarecido (TCE, conforme documento apresentado no Anexo A – Parecer do comitê de ética), que tinha de ser preenchida, com todos os dados pessoais e a concordância em participar do experimento. Em seguida, mostrávamos a cabine onde seria feita a coleta, perguntávamos se o participante tinha algum problema ou dificuldade em ficar naquele ambiente fechado por alguns minutos, informávamos que a coleta levaria em torno de dez minutos e então levávamos o participante para a cabine.

O participante sentava-se em sua cadeira, de frente para a câmera, colocava o microfone, que era um modelo preso na cabeça (*headset*), e então iniciávamos as instruções para dar início às gravações. Foi explicado que os participantes poderiam dar a resposta que achassem mais adequada ao que lhes fosse perguntado. Também foi dito que nem sempre seriam feitas perguntas, às vezes seriam feitos comentários sobre as imagens que apareceriam na tela, e eles poderiam dizer alguma coisa se estivessem de acordo ou não. Inicialmente, pedimos que as respostas não se resumissem a um nome ou um pronome (responder apenas com o sujeito ou o objeto da sentença). Fizemos isso pois achamos que, se eles respondessem apenas com “A Cibele”, por exemplo, teríamos pouco material fonético para analisar – apenas as três sílabas que compõem cada nome de personagem –, além de também não haver nesse caso estrutura para fazer a análise sintática. Mas depois pensamos que, se era para ver o tipo de estrutura que os informantes escolheriam, se era para, de fato, lhes dar liberdade para escolher a resposta mais natural e espontânea, não poderíamos fazer nenhuma restrição. Então paramos de dar essa instrução a partir do quarto informante – e os três primeiros informantes voltaram a fazer a coleta, dessa vez com a orientação de que eram livres para dizerem as sentenças como quisessem.

3.3.2 Sugestões dos participantes

Durante a realização do experimento, recebemos alguns *feedbacks* muito importantes dos participantes, que nos levaram a melhorar as instruções dadas no

início do experimento e também a fazer algumas poucas modificações nas imagens dos *slides*.

Eis o exemplo de um retorno interessante feito em uma das coletas: após ver o *slide 2* (lembrando: é aquele do Danilo com o cachorro, apresentado na

Figura 6) e ouvir o comentário feito pela pesquisadora, que era: “Me disseram que o Danilo ganhou um gato”, um dos participantes fez uma expressão confusa, falando que não sabia o que dizer, e explicou: “Eu estou vendo que ele está com um cachorro na foto, mas eu não sei se ele também não tem um gato que não está na imagem, então não sei o que responder”.

Foi uma observação de fato interessante. Isso nos fez acrescentar uma outra instrução aos participantes seguintes. Passamos a explicar, antes de iniciar a gravação, que as informações que apareciam na tela eram todas verdadeiras e exaustivas. Para que ficasse claro, explicamos com um exemplo que não estava nos *slides*, dizendo mais ou menos com estas palavras: “Digamos, por exemplo, que eu te pergunte quantos filhos a Maria tem, e no *slide* apareça uma mulher segurando um bebê. Aquela mulher vai ser a Maria e aquele bebê vai ser filho dela, e o único filho dela. Ou seja, o bebê não vai ser sobrinho, primo, bem como ela não vai ter outros filhos que não estarão na foto. Se aparecer uma mulher e uma criança, aquela é a Maria e aquele é seu único filho. Vai ser assim com todos os *slides*. As pessoas mostradas nos *slides* serão as pessoas de quem estaremos falando e a informação máxima sobre o que estaremos falando sempre aparecerá na tela”. Decidimos, também, identificar com nomes todos os personagens nos *slides* – primeiramente apenas as personagens dos *slides* 4 (sobre quem seria a namorada do Danilo, ver Figura 8) e 5 (sobre quem tomou o sorvete, ver Figura 9) eram acompanhados de nomes, já que a tarefa do participante era justamente identificar uma pessoa entre um grupo de pessoas. Mas depois colocamos os nomes dos personagens em todos *slides*, para padronizar.

Também, após a sugestão de outro participante, fizemos uma mudança no *slide* 3, o da carteira (mostrado na Figura 7). Uma das respostas esperadas para esse *slide* seria: “A Vanusa comprou a carteira”, mas esse informante respondeu “A Vanusa comprou a bolsa e o sapato”, dizendo que, pela imagem (Figura 14), parecia que a Vanusa estava pegando na carteira (que ela já teria) o dinheiro para comprar os dois itens, e não que ela tinha escolhido a carteira como item. Depois desse relato, modificamos o *slide* e ele passou a ser apresentado como aparece na Figura 7: com um traço separando os dois lados da imagem, estando à esquerda as opções da Vanusa e à direita a imagem da Vanusa com a sua escolha, a carteira. Além

disso, acrescentamos uma carteira entre as figuras das opções, pois antes só tinha a bolsa e o sapato como opções, e a carteira já nas mãos da Vanusa.

Figura 14 – Primeira versão do *slide* 3 (mostrado na Figura 7).



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Modificamos também o *slide* 7 (Figura 11), por sugestão de um outro participante. Segundo ele, nesse *slide* as figuras não mostravam os fatos na sequência temporal em que eles aconteciam; os *slides* mostravam primeiro (à esquerda) a Betina já com as chaves de casa, e ao lado as opções apresentadas na nossa pergunta.

Figura 15 – Primeira versão do *slide* 7 (mostrado na Figura 11).



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na primeira versão, a ordem de exibição das imagens era apresentada como mostra a Figura 15: à esquerda a personagem Betina, com as chaves de casa na mão (que queríamos que os informantes entendessem ter sido a escolha dela), e à direita as três opções apresentadas na pergunta feita pela pesquisadora. Dessa forma, a informação era visualmente apresentada primeiro com o resultado (ela comprou a casa) e depois as opções do que ela teria comprado. Por sugestão de um participante, invertemos, deixando primeiro as três opções e por último a figura mostrando a escolha dela. Nessa ordem seria mais natural e mais fácil de entender a sequência dos fatos. A segunda versão do *slide* 7 foi apresentada na Figura 11.

3.3.3 A coleta de dados

Inicialmente, foram gravadas apenas duas rodadas do experimento com cada participante. A primeira seria para o informante entender a dinâmica do experimento e conhecer os contextos, ou seja, os personagens e as situações de cada história. Na segunda rodada, acreditávamos que o informante já estaria familiarizado com as histórias, então esperávamos respostas mais naturais.

Fizemos duas gravações até o informante 4. Quando chegamos ao quinto informante, percebemos que a segunda rodada tinha sido muito melhor do que a primeira, com produções claramente mais espontâneas, então perguntamos ao

quinto informante se ele se importaria de gravar mais uma vez, explicando-lhe que ele estava mais à vontade na segunda rodada. Ele mesmo concordou, dizendo “a gente vai se soltando e tal, né, vai se tornando uma conversa mesmo” [informação registrada em vídeo, arquivo s5.m4v, 05’58”]. De fato, a terceira rodada foi tão mais natural e espontânea, que decidimos fazer mais uma com aquele informante, e, a partir de então, gravar quatro rodadas com todos os informantes.

Os informantes 4 e 5 vieram juntos, então, após o informante 5 terminar a gravação, convidamos o informante 4 a gravar mais duas rodadas, com o que ele concordou prontamente. Mais tarde, conseguimos trazer os informantes 1, 2 e 3 novamente ao laboratório e gravamos mais duas rodadas com eles. Dessa forma, conseguimos gravar quatro rodadas com todos os participantes do experimento.

Observamos e aprendemos algumas coisas importantes com a realização desse experimento e suas condições de coleta. Eis as principais:

As coletas foram feitas em uma cabine acústica localizada no Laboratório de Fonética Aplicada (Fonapli), situado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A cabine é toda forrada de espuma para fornecer isolamento acústico dos sons de fora da cabine, de modo a permitir que as gravações sejam feitas com o máximo de silêncio possível, mas torna o ambiente bastante quente. Como as gravações foram feitas em período de fim de ano, próximo do verão, ficar dentro da cabine foi um pouco desconfortável para alguns informantes.

Uns participantes usavam óculos, e esse acessório dificulta a análise da prosódia visual (lembrando que a coleta de dados foi feita pensando numa futura análise desse tipo de dado), pois dificulta que se veja seus olhos. Os informantes sentavam-se virados para uma abertura de vidro que existe na cabine para permitir a entrada de luz e a comunicação com quem está fora da cabine (para os casos de coletas em que o informante fica sozinho na cabine e o pesquisador fica do lado de fora). Essa abertura está posicionada de frente para a janela do laboratório. Os informantes foram posicionados de frente para essa abertura justamente para que seus rostos ficassem o mais iluminados possível, já pensando na análise da prosódia visual. Existe uma lâmpada dentro da cabine, mas ela não ilumina tanto, e a luz natural oferecida pela janela é muito melhor – a espuma que forra o interior da cabine é escura, o que dificulta a reflexão da luz dentro desse ambiente. Porém, a luz da janela acabava sendo refletida nos óculos dos informantes, na forma de um

retângulo iluminado sobre as lentes. Não chegamos a pedir aos informantes para fazerem o experimento sem óculos, pois muitos deles poderiam não conseguir ver/ler a informação na tela sem eles, e não queríamos lhes causar um possível constrangimento. Pensamos na possibilidade de, havendo uma outra rodada de experimentos, recrutar somente informantes que não usassem óculos, mas essa condição pode dificultar que se consiga rapidamente o número de informantes mínimo desejado para o experimento. Não limitamos sociolinguisticamente o experimento por essa razão, pois, como mencionamos, era fim de ano e estava difícil conseguir participantes que se dispusessem ou pudessem vir à universidade.

Acreditamos que seja fundamental conseguir vários informantes para o experimento. É preciso o maior número possível de participantes, e foi o que tentamos, chegando ao número de 17 informantes. Tem quem “entenda” logo o experimento e consiga ser mais natural. Tem quem se sinta numa situação de avaliação e tente responder “direitinho”, controlando a escolha das palavras e a entoação, geralmente usando sentenças SVO e reproduzindo na resposta as mesmas palavras da pergunta. Por exemplo: “Que fruta a Melina comeu?” “A Melina comeu uma laranja”.

Há muitos possíveis fatores intervenientes, como o desconforto de saber que a voz e a imagem estão sendo gravadas. Existem informantes que imaginam que, por se tratar de um experimento da Linguística, seja preciso falar “corretamente”, o mais próximo do português normativo, e claramente tentam controlar isso. Tem a possibilidade do desconforto físico. As gravações foram feitas em dias muito quentes e é ainda mais quente dentro da cabine, toda forrada de espuma sintética. O laboratório estava sempre com o ar-condicionado ligado, mas durante as gravações era preciso desligá-lo, por causa do barulho alto que ele faz, que se ouve de dentro da cabine e acaba sendo captado pelo microfone; isso deixava o ambiente ainda mais abafado e desconfortável. A gravação em vídeo claramente deixou alguns informantes pouco à vontade, então parecia que eles tinham pressa de acabar e sair dali. Isso pode ter deixado a produção de alguns deles menos natural.

A coleta de dados foi feita nos meses de novembro e dezembro de 2016.

3.3.3.1 Os equipamentos

Fizemos a gravação de imagem com uma câmera de vídeo manual, e dessa gravação desconsideramos o registro de voz, pela baixa qualidade da captura de áudio desse equipamento, que não oferecia o mínimo de qualidade acústica para análise. Para que pudéssemos analisar o áudio dos participantes, fizemos junto a coleta de voz em gravador específico para esse fim.

Os equipamentos utilizados para os dois modos de gravação foram:

Câmera de vídeo: marca e modelo Sony Handycam HDR-XR160 Full HD 160GB HDD Camcorder;

Tripé para a câmera de vídeo: marca Hama, modelo Alpha 60;

Gravador de áudio: marca e modelo Zoom Handy Recorder H4n;

Microfone: modelo *headset* disponível no Fonapli (marca não disponível);

Fone de ouvido: marca e modelo Behringer HPM1000;

Computadores: iMac 21" equipado com o sistema operacional OS X versão 7 e MacBook Pro equipado com o sistema operacional OS X versão 10.

3.3.3.2 Seleção de participantes

Participaram da coleta 17 informantes, sendo 13 mulheres e 4 homens, com idades entre 19 e 52 anos, com grau de escolaridade entre graduação em andamento e doutorado completo. Todos os participantes eram moradores da cidade de Florianópolis – SC havia no mínimo dois anos. Treze dos informantes são catarinenses, sendo que cinco deles nasceram na capital, Florianópolis (região de colonização predominantemente açoriana) e oito são da região nordeste do estado (região de colonização predominantemente germânica). Um informante é do estado do Rio Grande do Sul, outro do estado do Paraná, outro do estado de São Paulo e outro do estado da Bahia.

Apresentamos a seguir o Quadro 3 com os dados dos participantes.

Quadro 3 – Informação sobre os participantes da coleta do experimento

Informante / Sexo	Idade	Escolaridade	Cidade e estado de nascimento	Há quanto tempo mora em Florianópolis
1 - masculino	52	Doutorado completo	Florianópolis - SC	52 anos
2 - feminino	50	Graduação em andamento	Florianópolis - SC	24 anos
3 - feminino	27	Graduação concluída	Rio do Sul - SC	9 anos
4 - feminino	19	Graduação em andamento	Brusque - SC	2 anos
5 - masculino		Graduação em andamento	Joinville - SC	2 anos
6 - feminino	35	Doutorado em andamento	Itajaí - SC	30 anos
7 - masculino	19	Graduação em andamento	Balneário Camboriú - SC	2 anos
8 - feminino	35	Graduação concluída	Marechal Cândido Rondon - PR	3 anos
9 - feminino	26	Graduação em andamento	Itaiópolis - SC	3,5 anos
10 - feminino	25	Mestrado em andamento	Florianópolis - SC	25 anos
11 - feminino	41	Pós-graduação (especialização) concluída	Paulo Afonso - BA	5 anos
12 - feminino	43	Graduação em andamento	Florianópolis - SC	43 anos
13 - feminino	45	Doutorado completo	Porto Alegre - RS	2,5 anos
14 - masculino	34	Mestrado completo	Blumenau - SC	12 anos
15 - feminino	35	Graduação concluída	São Paulo - SP	25 anos
16 - feminino	37	Graduação concluída	Florianópolis - SC	30 anos
17 - feminino	41	Mestrado em andamento	Itajaí - SC	15 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, vamos apresentar nossa metodologia de análise, os resultados coletados no experimento e discuti-los, correlacionando-os com nosso objetivo e nossas perguntas e hipóteses de pesquisa.

4.1 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DO EXPERIMENTO

Os dados analisados foram coletados pelos pesquisadores, conforme detalhado na seção [3.3.3](#) e suas subseções, e as sentenças-alvo foram extraídas desse material. Participaram da coleta de dados 17 informantes. O *corpus* do experimento era formado por 9 contextos, que gerariam as sentenças a serem analisadas, e 4 contextos distratores, que foram descartados da análise – as sentenças estavam misturadas e foram apresentadas aleatoriamente para os participantes.

Houve um participante homem cuja gravação de áudio deu problema, então não foi possível analisar foneticamente nenhuma de suas sentenças. A gravação em vídeo, no entanto, deu certo, e a análise da estrutura sintática foi feita normalmente, pois conseguimos identificar quais estruturas ele escolheu para cada contexto por meio desse material. Como a gravação em vídeo tinha por objetivo servir a uma possível análise da prosódia visual, a captura de áudio feita pela câmera de vídeo não era objeto de análise, pois não era de boa qualidade acústica; usamos um gravador de áudio especial, de alta qualidade, para esse fim. Desse modo, não foi possível utilizar o áudio da gravação de vídeo para a análise prosódica desse informante, e suas sentenças ficaram de fora dessa análise especificamente.

Cada participante gravou o *corpus* 4 vezes, totalizando 612 sentenças coletadas para análise (além das 272 sentenças distratoras, descartadas). Nós descartamos as duas primeiras rodadas, que consideramos como familiarização com a metodologia do experimento, restando 306 sentenças para análise.

Nos resultados, apareceram 9 tipos de estrutura, que apresentamos abaixo, acompanhadas de um exemplo do nosso *corpus*:

SVO (ordem sujeito–verbo–objeto): *A Samira tá lendo uma revista*

S (apenas o sujeito): *A Regina*

VO (ordem verbo–objeto): *Comprou uma carteira*

O (apenas o objeto): *Novela*

OSV (ordem objeto–sujeito–verbo): *Laranja a Melina comeu*

clivada: *É a Marina que namora o Danilo*

pseudoclivada: *Quem ganhou o presente foi a Cibele*

cópula + foco: *Foi um cachorro*

foco + que: *A Marina que Namora o Danilo*

Do total de 306 sentenças, algumas precisaram ser descartadas da análise prosódica, devido a suas características acústicas, que prejudicaram a análise. Para a análise sintática, no que diz respeito à avaliação das estruturas preferidas pelos informantes em cada tipo de foco, elas foram mantidas, já que para essa análise não precisávamos da avaliação fonética. Nós detalharemos a exclusão dessas sentenças nas seções específicas de cada análise de dados.

A primeira etapa da análise dos dados coletados no experimento diz respeito à prosódia do foco. Comparamos os padrões prosódicos de sentenças com foco no sujeito e no objeto – com foco de informação, de identificação e contrastivo – e fizemos nossa análise a partir da notação prosódica das curvas de F0 e da análise da variação entre picos e vales da curva de F0 (*pitch range*), calculados em semitons, e também do alinhamento dos picos prosódicos, correlacionando padrões prosódicos com tipos de foco e posição sintática do sintagma focalizado.

A segunda etapa de análise é a da estrutura das sentenças. Analisamos quais estruturas aparecem nas sentenças produzidas pelos informantes, quais são mais recorrentes e correlacionamos o que encontramos nos nossos dados com o que diz a literatura sobre foco na sintaxe.

Após essas duas análises, vamos correlacionar os achados e verificar se corroboram ou não nossas hipóteses para as perguntas de pesquisa, que apresentamos na seção 1.2.

4.1.1 Análise prosódica e resultados

A análise prosódica foi feita com o *software* Praat (BOERSMA e WEENINK, 2019), versões 5.4.17 e 6.0.25 para Mac OS X. Cada sentença coletada em nosso experimento e selecionada para compor o *corpus* de análise foi inspecionada visual e auditivamente: analisamos a forma de onda (oscilograma) e o espectrograma e procedemos com a etiquetagem dos dados: segmentamos as sentenças em palavras, e os sintagmas focalizados, em sílabas. Essa segmentação foi feita de modo manual, pela pesquisadora, em cada uma das sentenças que compõem o *corpus*. Foram usados os seguintes critérios para a segmentação: análise da curva de F0, análise do espectrograma, análise dos formantes e escuta das sentenças.

Após a etiquetagem dos dados, procedemos com a inspeção das curvas de F0 e fizemos a transcrição por meio de notação prosódica, com base na Fonologia Métrica Autossegmental (teoria AM), proposta por Pierrehumbert (1980), da qual já falamos mais detalhadamente na seção 2.4.2.

Em cada curva, fizemos a notação prosódica e anotamos as variações dos picos e vales da frequência fundamental em semitons,

tornando possível a comparação de distâncias de frequências, independentemente do valor absoluto em hertz que venham [a] assumir. Nesse sentido estaríamos avaliando a grandeza destas distâncias, ao invés dos valores absolutos, o que permitiria a comparação de duas curvas entoacionais diferentes, entoadas por dois falantes distintos, por exemplo. (T'HART et al, 1990 apud MARTINS e FERREIRA NETTO, 2010, p. 292).

Fizemos isso, pois curvas de F0 podem ter a mesma notação prosódica, mas com diferença significativa no *range* de seus picos e vales. Como mostrado em Carpes (2014), muitas vezes a diferença entre a curva prosódica de um tipo de foco para outro não está em se uma curva sobe e a outra desce, por exemplo. As duas podem subir (e aí coincidiriam na notação prosódica), mas uma pode subir relativamente mais do que a outra, e a diferença entre elas estaria nessa relação do quanto subiu. Analisar a implementação da curva com as variações em semitons pode nos mostrar essa diferença, que não ficaria evidente só pela notação com base na teoria AM nem com a análise de variação em hertz, já que os valores em hertz

estão ligados aos valores de frequência fundamental, que são particulares de cada falante, e não podem ser comparados de forma absoluta entre falantes diferentes. A medida em semitons

é uma grandeza que apresenta o aumento relativo da frequência fundamental de cada indivíduo, e usá-la nos ajuda a comparar curvas de falantes diferentes. Quantitativamente, o aumento em um semitom corresponde aproximadamente a um aumento de 6% na frequência. Assim, o uso de uma escala vertical em semitons permite comparar as curvas de diferentes falantes, o que não pode ser feito caso as escalas estejam em hertz (CARPES, 2014, p. 75).

O próprio Praat apresenta os dois modos de exibição das curvas, em hertz e em semitons, basta que selecionemos o modo de exibição desejado.

4.1.1.1 Sentenças SVO

Vamos apresentar nesta análise as sentenças que os participantes de nosso experimento produziram com estrutura SVO. De todas as sentenças selecionadas, com os diferentes tipos de estrutura escolhidos pelos falantes, foi feita a análise prosódica daquelas com estrutura SVO, pois eram as que tinham o mesmo conteúdo segmental e que permitiam, portanto, estabelecer comparações entre si. Nesses casos, os falantes não recorreram a alterações visíveis na sintaxe para a marcação de foco, como reordenamento de constituintes, então a prosódia era a ferramenta de focalização possível de ser analisada.

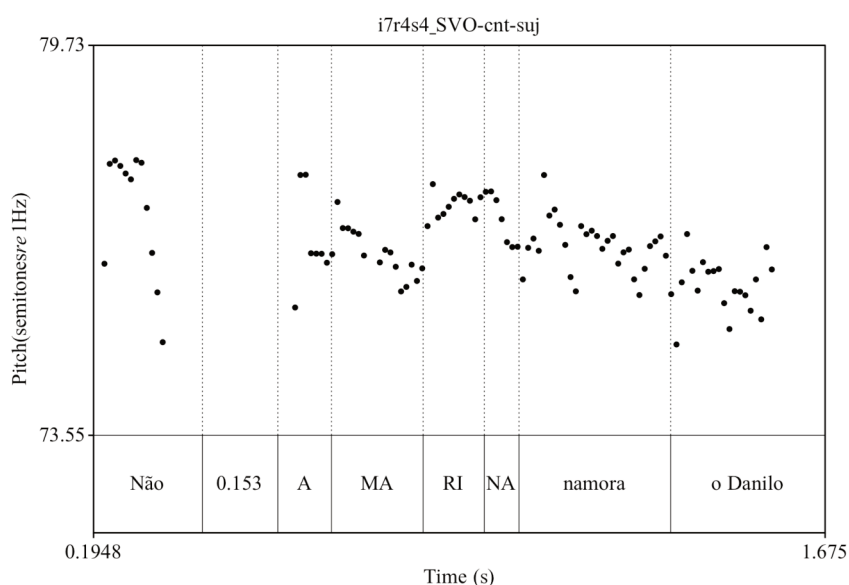
Conforme apresentado na seção anterior, 306 sentenças compunham o *corpus* coletado no experimento – mas lembramos que, como houve problema com o áudio de um dos informantes, para a análise prosódica restaram 288. Dessas 288, 141 foram produzidas com a estrutura SVO e foram selecionadas para análise, mas algumas precisaram ser descartadas por três motivos:

1. a forma de produção de alguns participantes;
2. a má qualidade da curva (muitas vezes o item 2 era decorrente do item 1);
3. foco numa posição diferente daquela prevista pelo contexto.

O que estamos chamando de forma de produção dos participantes refere-se a uma forma “apática” de produção, quase sem ênfase e praticamente igual em

todas as produções de alguns informantes, independentemente do tipo de focalização. Eram participantes que não pareciam confortáveis durante a coleta e, por isso, não conseguiram responder de forma espontânea. Além disso, nesses casos, geralmente as vozes tinham valores de frequência fundamental muito baixos, que apresentavam um certo grau de rouquidão, deixando o contorno de F0 irregular, cheio de efeitos microprosódicos³⁴, com poucos pontos no desenho da curva e muito espalhados, como mostra o exemplo na Figura 16:

Figura 16 – Curva de F0 da sentença “*Não. A Marina namora o Danilo*”, com sujeito foco contrastivo, mostrando a má qualidade do traçado da curva.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Podemos notar que a curva foi projetada com pontos muito dispersos, que não permitem o desenho de um contorno tão claro do seu traçado. Os valores mínimo e máximo da frequência fundamental desta produção são 76 Hz e 90 Hz, respectivamente. A variação em semitons entre o pico máximo e ponto mínimo da sentença inteira não chegou a atingir 3 semitons (valores informados pelo *software Praat*).

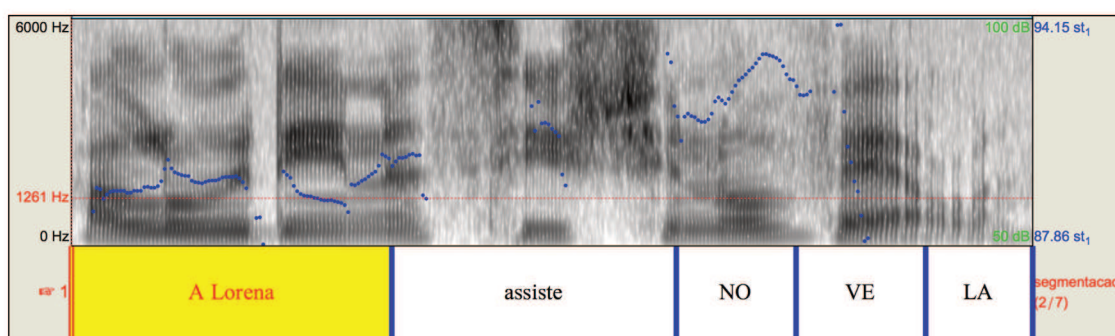
³⁴ Efeito microprosódico é uma perturbação na cadeia da fala causada por características de articulação de alguns fonemas, especialmente plosivas, como /k/, por exemplo.

Não foram todas as produções desses informantes que precisaram ser descartadas; algumas tinham condições de ser analisadas. Deixaremos claro nas seções sobre cada tipo de foco quando foi preciso descartar alguma sentença.

As palavras escolhidas para criar o contexto de produção das sentenças para análise eram paroxítonas, para que houvesse mais uma sílaba a ser produzida após a última sílaba tônica da sentença. Portanto, a última sílaba de todas as produções (a pós-tônica), como é átona, é sempre desacentuada e, geralmente, “apagada” foneticamente. É recorrente que não haja material fonético suficiente para ouvir e analisar, mesmo em sílabas cujos fonemas eram todos sonorizados (como LA, em noveLA), pois era comum não haver pulso glotal nesses trechos, e sem pulso glotal não há pontos delineando a curva de F0.

Dos 17 participantes da coleta, apenas 4 eram homens (sendo que para a análise prosódica ficaram os registros de 3 homens, conforme mencionado anteriormente). A análise nesses casos era sempre mais complicada, pois as vozes eram mais roucas, com menos pontos na curva de F0, tornando o desenho da curva menos preciso. Até mesmo a análise no espectrograma, para a segmentação das sílabas, era mais precisa quando as vozes eram de mulheres – embora não em 100% dos casos, pois algumas mulheres tinham a voz mais grave, com valores de frequência fundamental mais baixos, se assemelhando às características fonéticas de vozes masculinas. Apresentamos abaixo um exemplo de espectrograma para voz feminina:

Figura 17 – Exemplo de espectrograma de uma voz feminina, que apresenta diferenças claras entre os segmentos, o que facilita a segmentação das sentenças em palavras e em sílabas:



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Valores da janela do espectrograma exibido na Figura 17 projetados no Praat:

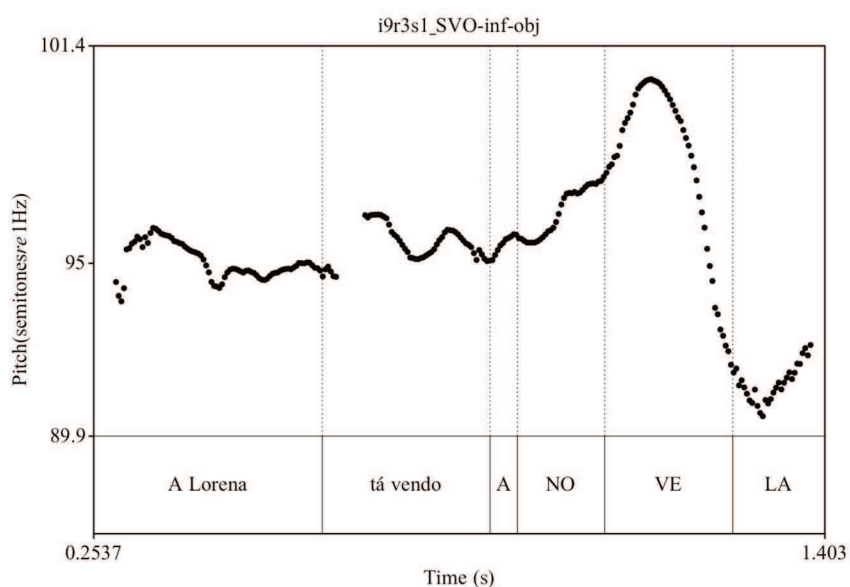
Range (Hz): 0 a 6.000

Window length (s): 0,005

Dynamic range (Db): 70,0

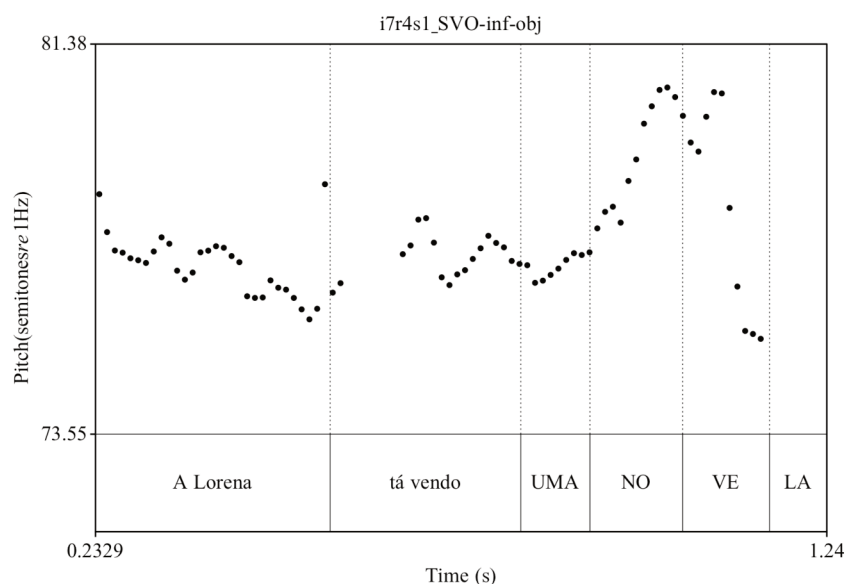
Até os pontos que formam a curva de F0 são em maior quantidade quando a voz é feminina, desenhando um contorno muito:

Figura 18 – Contorno de F0 da sentença “A Lorena tá vendo uma novela”, dita por um informante do sexo feminino; *pitch range* (Hz) 180 a 350.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 19 – Curva de F0 da sentença “A Lorena tá vendo uma novela”, dita por um informante do sexo masculino; *pitch range* (Hz) 70 a 110.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

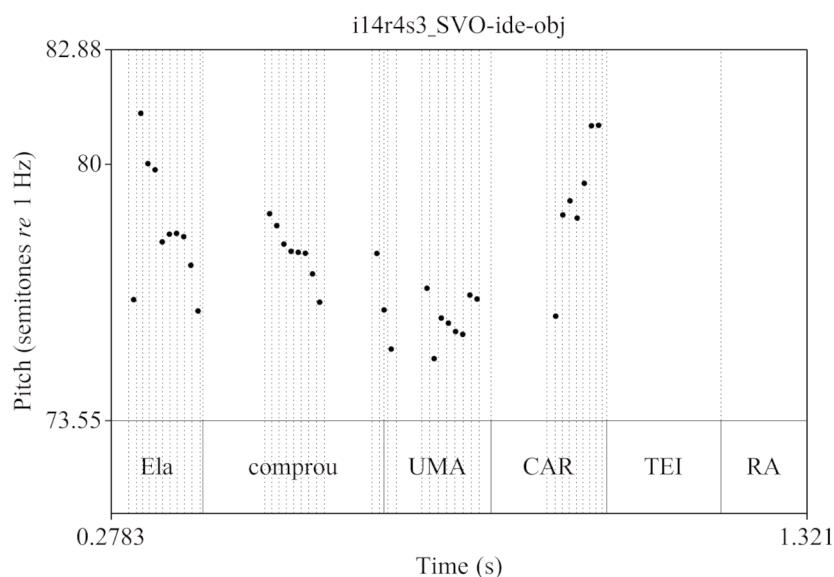
São duas curvas produzidas para o mesmo contexto, com o mesmo comportamento prosódico, o mesmo traçado, a mesma notação, mas a curva produzida pela voz feminina, com valores de frequência fundamental mais altos (voz mais aguda), tem o contorno muito mais bem definido do que o da curva produzida pela voz masculina, com valores de frequência fundamental mais baixos (voz mais grave).

Nós já sabíamos dessa característica acústica das vozes femininas e masculinas. Chegamos a cogitar gravar as vozes apenas de mulheres, mas decidimos não proceder com essa limitação, pois isso nos permitiria receber mais participantes. Se depois achássemos que havia diferenças muito gritantes entre os dois grupos, ao fazer a análise, poderíamos separar áudios de homens e mulheres para proceder com a descrição separadamente. Porém, verificamos que, com as amostras de vozes que coletamos, não houve necessidade de separar em dois grupos a análise, pelo menos para o tipo de estudo conduzido nesta pesquisa. As diferenças que encontramos foram as do tipo descrito acima, nas características fonéticas da produção, e não no padrão entoacional das sentenças.

Mesmo tentando ter o máximo de cuidado na escolha dos fonemas que compunham as palavras das sentenças do *corpus*, algumas delas dificultaram a

análise por suas características fonéticas, que não permitiam a análise da curva e a notação prosódica. Ver exemplo na Figura 20, abaixo:

Figura 20 – Curva de F0 da sentença *Ela comprou uma carteira*, dita por um informante do sexo masculino; *pitch range* (Hz) 75,2 a 99.

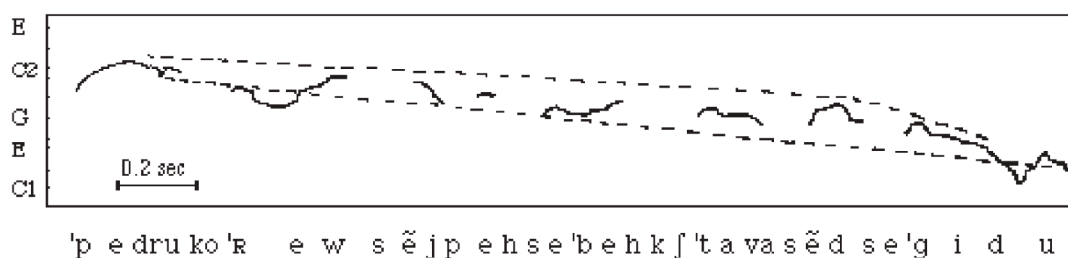


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A voz desse informante era bastante grave, com um pouco de rouquidão, e a parte focalizada da sentença, localizada na porção mais encaixada (à direita), foi produzida com poucos pulsos glotais (são as listas pontilhadas verticais; os pulsos glotais estão presentes na produção de segmentos vozeados), fazendo com que não seja possível identificar com precisão o contorno da frequência fundamental nesse sintagma – não há pulsos glotais na tônica do sintagma focalizado (que seria o núcleo entoacional da sentença) e nem na pós-tônica desse sintagma. Essa falta de precisão do contorno da frequência fundamental prejudica a notação prosódica da sentença, pois justamente a porção mais importante para a análise da sentença ficou sem o traçado da curva de F0.

Nesta pesquisa, estamos analisado o comportamento prosódico de sentenças com focalização. O comportamento prosódico das sentenças neutras em PB, descrito por Moraes (1991, p. 183-184), é uma curva descendente, em que a frequência fundamental no início da sentença está em um nível médio (ou seja, sem acento marcado), e ao longo da sentença vai decaindo, chegando ao ponto mais baixo na última sílaba acentuada da sentença.

Figura 21 – Curva da sentença declarativa neutra *Pedro correu sem perceber que estava sendo seguido*, demonstrando a declinação no contorno de F0, descrita como padrão das declarativas neutras em PB.



Fonte: Moraes (1991, p. 184).

O que nós pudemos confirmar em sentenças SVO com focalização é que quando o sintagma focalizado é o sujeito, o material fonético que o segue é marcado pelo acento L*L% – em nossos dados, isso aconteceu em 100% dos casos, não importa o tipo de foco. Ou seja, após o sintagma focalizado, o resto da sentença é produzido sem picos prosódicos, sofrendo o que se chama de processo de desacentuação, já previsto na literatura, mesmo para outros idiomas (ZUBIZARRETA, 1998; LUCENTE, 2008; BOCCI, 2013).

“Em posição pós-focal verifica-se para todos os contornos ascendentes uma desacentuação das sílabas em posição pós-tônica, que ocorrem alinhadas à descida de F0 ou após esta” (LUCENTE, 2008, p. 32). Tal desacentuação mostra que a percepção do foco está associada a essa diferença entre proeminência no sintagma focalizado e ausência de proeminência depois dele.

Nas próximas seções vamos descrever o comportamento prosódico de cada um dos tipos de foco, nas posições sujeito e objeto, e na sequência vamos comparar esses dados entre si e analisá-los.

4.1.1.1.1 Foco informacional no sujeito

Os informantes produziram para esse tipo de foco 12 sentenças com estrutura SVO. Dessas 12, duas precisaram ser descartadas, uma por focalizar o objeto e uma pela baixa qualidade das curvas de F0, já que as características fonéticas dessas produções não permitiram que o Praat desenhasse uma curva que pudesse ser analisada. Sobraram para a análise, portanto, dez curvas.

movimento de descida acontecia na sílaba tônica, estando o pico acentual localizado na fronteira entre essas duas sílabas – o que a Figura 22 também demonstra.

4.1.1.1.2 Foco informacional no objeto

Para todos os casos de focalização no objeto, tínhamos sempre dois contextos, que gerariam duas sentenças, o que resultou num número maior de curvas para esse conjunto de análise do que para sentenças com foco no sujeito. No caso de foco de informação no objeto, os informantes produziram um total de 30 sentenças com a estrutura SVO. Desse total, duas sentenças precisaram ser descartadas, uma porque foi produzida sem ênfase, como uma sentença declarativa neutra, e outra porque o informante se atrapalhou e riu durante a produção, dividindo a sentença em duas partes. Sobraram para a análise, portanto, 28 curvas, 12 para a sentença *A Lorena está vendo novela* (e variações³⁵) e 16 para a sentença *A Melina comeu uma laranja* (e variações).

Todas as sentenças tinham pré-núcleo igual, com acentos L* L*. Havia variações no núcleo, mas as notações eram afins; foram realizados três tipos de padrão no pico acentual:

- 1) H↓L*³⁶ – 67,86% (19 de 28 sentenças)
- 2) HL* – 21,43% (6 de 28 sentenças)
- 3) ↓L* – 10,71% (3 de 28 sentenças)

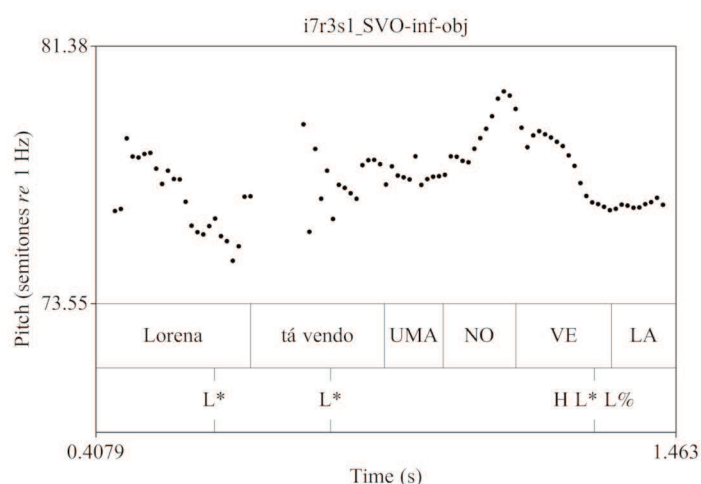
A notação prosódica nos mostra que em 89,29% das sentenças o núcleo entoacional é caracterizado por uma subida na sílaba pré-tônica seguida de uma descida na sílaba tônica do sintagma focalizado (curvas dos exemplos 1 e 2). Em 21,43% das sentenças (curvas do exemplo 2), essa descida no foco termina numa altura equivalente à do alinhamento baixo do pré-núcleo, conforme a Figura 23. Em 67,86% das sentenças (curvas do exemplo 1), a descida da sílaba tônica do sintagma focalizado é bastante acentuada, ficando abaixo dos pontos baixos do pré-

³⁵ Exemplo de variações, que também acontecem em outras sentenças: ter ou não determinante acompanhando o substantivo e a conjugação do verbo *estar*, que às vezes era realizado como *está* e às vezes como *tá*.

³⁶ O símbolo ↓ identifica um movimento de descida da curva abaixo do(s) movimento(s) baixo(s) anterior(es). Neste caso, significa que a descida do núcleo vai mais baixo ainda do que os pontos baixos do pré-núcleo. Ver exemplo na Figura 24.

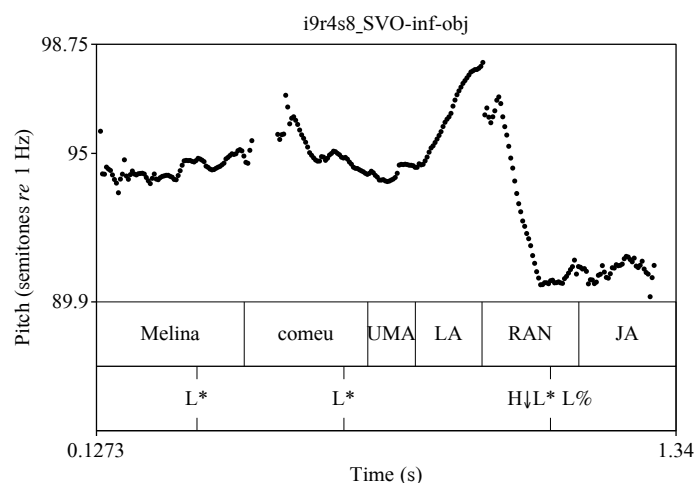
núcleo, deixando evidente a existência de um movimento bastante destacado no núcleo entoacional, como mostra a Figura 24. O *pitch range* médio das sentenças cujo núcleo entoacional apresentava uma subida seguida de uma descida (notações H↓L* e HL*) foi de 5,3 semitons. Já nas curvas cuja notação do núcleo entoacional era ↓L*, curvas que não apresentaram pico acentual, apenas uma descida final mais baixa do que a porção que antecedia o sintagma focalizado, o *pitch range* médio foi de 2,37 semitons – como mostra a Figura 25 (curvas do exemplo 3). Esse tipo de curva apareceu em 10,71% das sentenças; nesse contorno não houve subida da curva de F0 no sintagma focalizado, mas um movimento de descida acentuada marcado na sílaba tônica desse sintagma.

Figura 23 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no objeto: *Lorena tá vendo uma novela.*



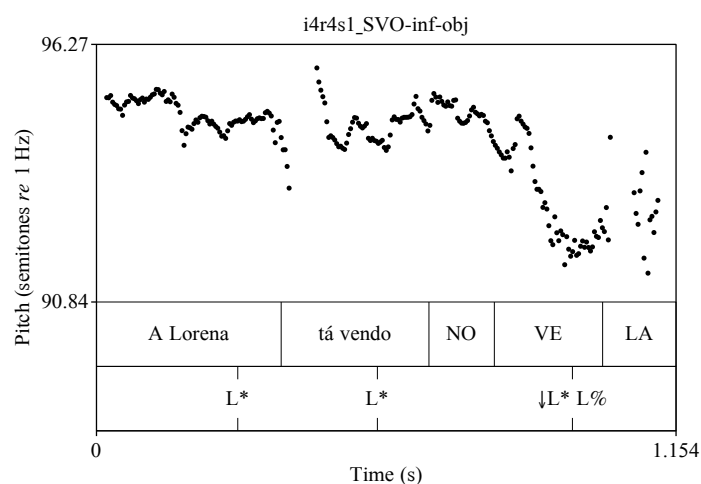
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 24 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no objeto: Melina comeu uma laranja.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

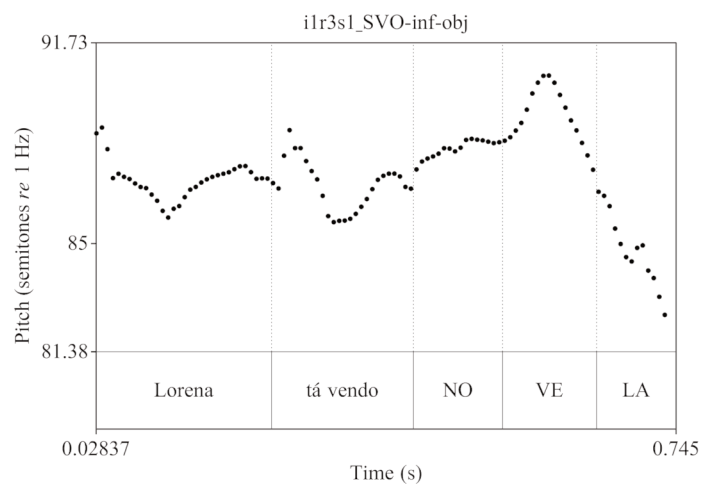
Figura 25 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco informacional no objeto: *A Lorena tá vendo novela.*



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Quanto ao alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional, 25 das 28 sentenças (89,29%) apresentam o pico alinhado à esquerda, ou seja, a subida acontecia na pré-tônica e o movimento de descida acontecia na sílaba tônica, estando o pico acentual localizado na fronteira entre essas duas sílabas, como é o caso dos três exemplos apresentados na Figura 23, na Figura 24 e na Figura 25. Em três das 28 sentenças (10,71%), o pico da curva estava localizado no meio da sílaba tônica, como mostra a Figura 26, a seguir.

Figura 26 – Curva de F0 da sentença com foco informacional no objeto *Lorena tá vendo novela*, mostrando que no núcleo entoacional o pico prosódico está localizando no meio da sílaba tônica.



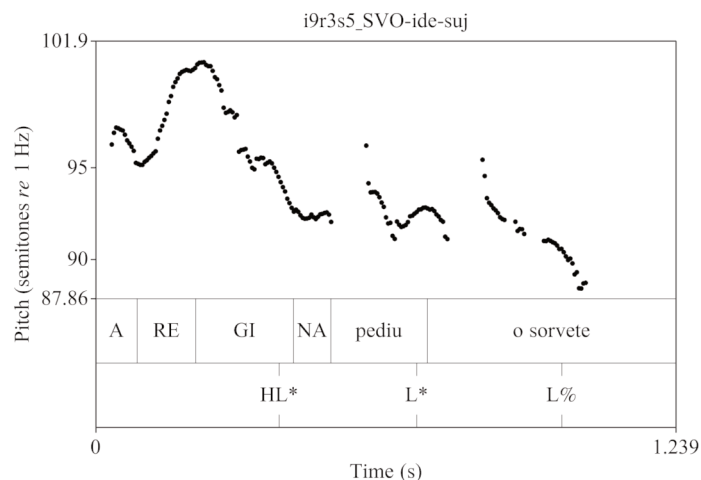
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

4.1.1.1.3 Foco identificacional no sujeito

Os informantes produziram para esse tipo de foco 12 sentenças com estrutura SVO. Dessas 12, quatro precisaram ser descartadas, três por focalizar o objeto e uma pela baixa qualidade das curvas de F0, já que as características fonéticas dessas produções não permitiram que o Praat desenhasse uma curva que pudesse ser analisada. Sobraram para a análise, portanto, oito curvas.

Cinco das oito curvas (62,5%) apresentaram a mesma notação prosódica, HL* L* L%, como mostra um exemplo na Figura 27:

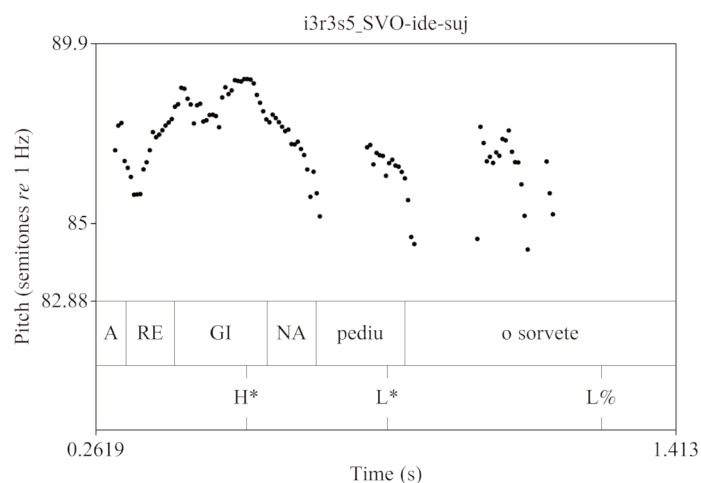
Figura 27 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco identificacional no sujeito: *A Regina pediu o sorvete.*



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Duas das oito curvas (25%) receberam a notação prosódica H* L* L%, como exibido na Figura 28:

Figura 28 – Curva de F0, segmentação e notação prosódica da sentença com foco identificacional no sujeito: *A Regina pediu o sorvete.*



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Uma única curva (12,5%) apresentou a notação L* L* L%, pois nessa fala não havia nenhum acento marcado, nem mesmo no sintagma focalizado.

O *pitch range* médio das curvas para este contexto foi de 4,1 semitons.

Quanto ao alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional, as cinco sentenças que foram marcadas com acento HL* no sintagma focalizado tinham o pico alinhado à esquerda, ou seja, a subida acontecia na pré-tônica e o movimento

de descida acontecia na sílaba tônica, estando o pico acentual localizado na fronteira entre essas duas sílabas.

Nas duas curvas com acento H*, o pico acentual está localizado na sílaba tônica, ou seja, os movimentos de subida e descida acontecem dentro dessa sílaba.

4.1.1.1.4 Foco identificacional no objeto

Como este era um caso de focalização no objeto, tínhamos novamente dois contextos, que geraram duas sentenças para os participantes produzirem. No caso de foco de identificação no objeto, os informantes produziram um total de 33 sentenças com a estrutura SVO. Desse total, quatro sentenças precisaram ser descartadas: uma porque foi produzida sem ênfase, como uma sentença declarativa neutra; uma porque foi produzida como se fosse para foco contrastivo, usando a expressão “na verdade” precedendo a porção SVO; e duas porque as características fonéticas dessas produções não permitiram que o Praat desenhasse uma curva que pudesse ser analisada. Sobraram para a análise, portanto, 29 curvas, 13 para a sentença *A Vanusa comprou uma carteira* (e variações) e 16 para a sentença *A Betina comprou uma casa* (e variações).

Foram produzidos dois tipos de acento no pré-núcleo: L* L* (86,2%) e L* H* (13,8%).

No núcleo entoacional, foram realizados três tipos de comportamento prosódico:

- 1) H↓L* – 48,28% (14 de 29 sentenças)
- 2) ↓L* – 34,48% (10 de 29 sentenças)
- 3) HL* – 17,24% (5 de 29 sentenças)

Para a análise do alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional, temos agora uma diferença entre as duas sentenças produzidas para este tipo de foco: o tamanho do sintagma focalizado, ou, mais precisamente, do substantivo que preenche a função de objeto focalizado. Em uma das sentenças temos um substantivo composto de três sílabas (*carteira*), e em outra, um composto de duas sílabas (*casa*).

O pico prosódico no núcleo entoacional em 100% das sentenças pro contexto *A Vanusa comprou uma carteira* está localizado à esquerda da sílaba

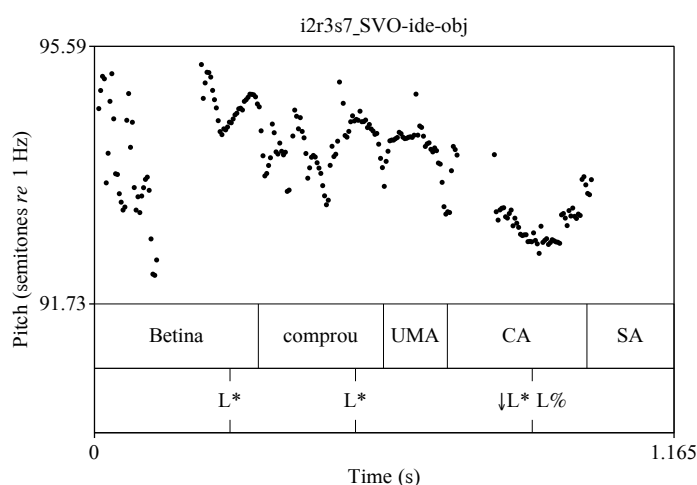
tônica, na fronteira entre as sílabas pré-tônica e tônica. Assim, o movimento da curva dentro da sílaba tônica é de descida, e bastante acentuada, como mostram as notações das curvas ($\downarrow L^*$) na sílaba tônica (82,76%). O *pitch range* médio desse conjunto de sentenças foi de 6,4 semitons.

A análise do pico prosódico no núcleo entoacional da sentença *A Betina comprou uma casa* apresenta algumas particularidades. Como mencionamos, o substantivo que preenche a função de objeto focalizado tem duas sílabas, sendo esse o único caso do *corpus* (todos os demais sintagmas focalizados eram compostos de substantivos de três sílabas). O *pitch range* médio desse conjunto de sentenças foi de 7,02 semitons. Na média de todas as sentenças com foco de identificação no objeto, considerando os dois contextos, a variação foi de 6,71 semitons, um *range* ainda mais alto do que o das sentenças com foco de informação.

Para esse conjunto de sentenças, houve três tipos de alinhamento de pico prosódico.

Falaremos primeiramente das sentenças cuja notação era $L^* L^* \downarrow L^* L\%$. Eram sete sentenças com essa notação para esse contexto (7 de 16, 43,75%), e como todos os acentos prosódicos eram baixos, não havia pico prosódico na tônica, para que pudéssemos falar de alinhamento do pico, como mostra a Figura 29.

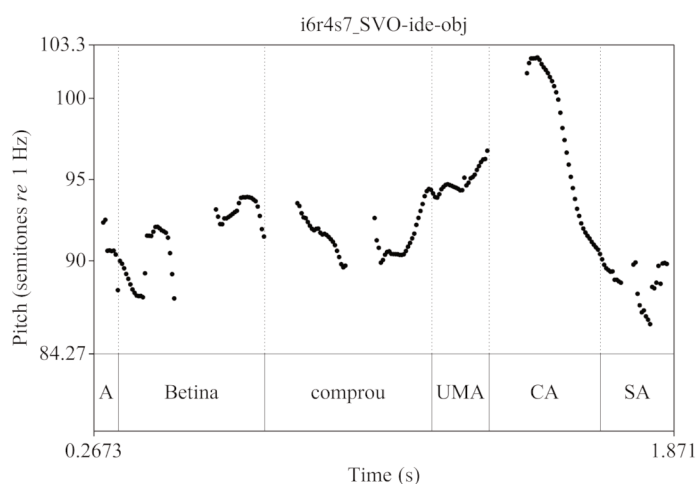
Figura 29 – Curva de F0 da sentença com foco identificacional no objeto *Betina comprou uma casa*, mostrando que a sentença só possui acentos baixos e não tem, portanto, pico acentual no sintagma focalizado.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

As demais nove sentenças apresentaram dois padrões de alinhamento, da mesma forma que os tipos de foco apresentados anteriormente: cinco sentenças (31,25%) com o pico na fronteira entre as sílabas tônica e pré-tônica, com descida acentuada na sílaba tônica, e quatro sentenças (25%) com movimento de subida e descida dentro da tônica. Neste último caso, o pico ficava levemente alinhado à esquerda da sílaba tônica, como mostra a Figura 30:

Figura 30 – Curva de F0 da sentença com foco identificacional no objeto *A Betina comprou uma casa*, mostrando que no núcleo entoacional o pico prosódico está localizando no meio da sílaba tônica, com a subida iniciando-se na pré-tônica e a descida terminando na pós-tônica.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A subida da curva iniciava na sílaba pré-tônica (que era o determinante “uma” – as sentenças tinham como sintagma focalizado “uma casa”) e a descida ia além da sílaba tônica, descendo um pouco mais na pós-tônica também.

4.1.1.1.5 Foco contrastivo no sujeito

Para a análise deste tipo de focalização, tínhamos 16 curvas produzidas com a estrutura SVO pelos participantes de nosso experimento: 5 sentenças produzidas apenas com a porção SVO, sem nenhum acréscimo, e 11 sentenças produzidas com o acréscimo de algum reforço de negação que vinha antes da porção SVO, que são: “não”, “é mentira” e “na verdade”.

Dessas 16 curvas, 3 precisaram ser descartadas por causa da forma de produção de dois participantes e da má qualidade da curva: uma forma “apática” de produção, quase sem ênfase, sem destaque, sem demonstrar focalização.

Cinco dessas 13 sentenças (38,46%) foram produzidas só com a estrutura SVO, sem acréscimo de advérbios ou expressões de negação. Isso significa que 61,54% dos informantes sentiram necessidade de usar reforço lexical, além da prosódia, ao não recorrerem à sintaxe visível.

Seis sentenças (53,85%) tiveram a configuração prosódica LH* L* L%; quatro (30,77%) apresentaram a configuração H* L* L%; e duas (15,38%) foram realizadas como HL* L* L%. As curvas prosódicas de sujeito foco contrastivo na estrutura SVO apresentam um contorno com pico acentual no primeiro sintagma (sujeito), que é o sintagma focalizado e o núcleo entoacional da sentença, com posterior declínio da frequência fundamental. A desacentuação após o sintagma focalizado é esperada, pois a parte pressuposta da sentença não é destacada prosodicamente.

Havia oito sentenças SVO acompanhadas de algum acréscimo (negação do que disse o interlocutor). Nesses trechos referentes à negação, que apareceram em oito sentenças, houve diferenças na configuração prosódica, que apresentaremos abaixo. Bocci (2013, p. 140), em seu estudo sobre o italiano, ao analisar sentenças com foco contrastivo, assume que essas marcas negativas constituem um enunciado fonológico independente que passa por algum tipo de processo de composição prosódica (LADD, 1996) que une a marca negativa com a sentença principal, ou seja, elas são enunciados prosódicos independentes, o que nós também assumimos para os nossos dados, já que a presença dessas marcas de negação não alterava a notação da sentença principal – não houve relação entre uma notação prosódica mudar por causa da presença dessas marcas. As configurações prosódicas dessas marcas de negação foram:

HL* – 4 sentenças (50%)

H* – 3 sentenças (37,5%)

L* – 1 sentença (12,5%)

Quanto ao alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional, encontramos uma diferença com relação aos outros dois tipos de foco apresentados anteriormente. Enquanto os focos de informação e de identificação apresentaram

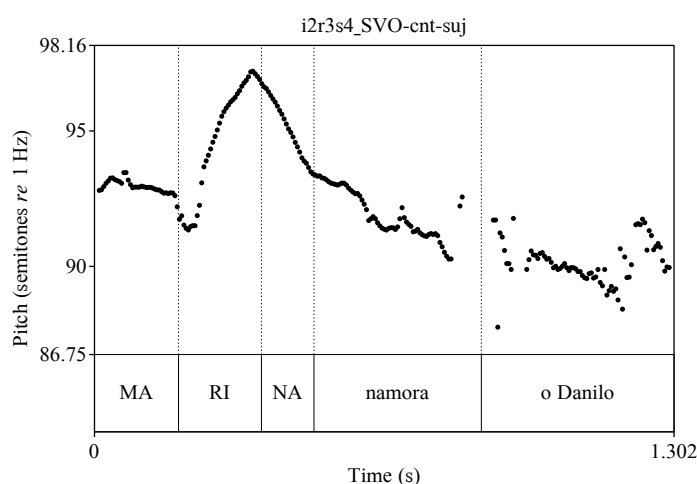
dois padrões de alinhamento, um na fronteira entre as sílabas pré-tônica e tônica e outro dentro da sílaba tônica, quase centralizado, mas levemente posicionado à esquerda, no foco contrastivo vamos encontrar, além desses dois padrões, o alinhamento à direita da sílaba tônica, quase ou na fronteira com a sílaba pós-tônica, que foi, inclusive, o padrão mais frequente para este tipo de foco no nosso *corpus* – um exemplo é mostrado na Figura 31, a seguir. Então os padrões de alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional ficou assim:

Alinhamento do pico entre a pré-tônica e a tônica: 4 sentenças (30,77%)

Pico dentro da sílaba tônica: 4 sentenças (30,77%)

Alinhamento do pico entre a tônica e a pós-tônica: 5 sentenças (38,46%)

Figura 31 – Curva de F0 da sentença com foco contrastivo no sujeito *Marina namora o Danilo*, mostrando que no núcleo entoacional o pico prosódico está localizando à direita da sílaba tônica, quase na fronteira com a sílaba pós-tônica.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em sentenças com foco contrastivo sobre o sujeito, o *pitch range* não foi tão alto. A variação média de todas as curvas foi de 3,83 sobretons, bem menor do que a variação encontrada no foco de informação (o que está de acordo com os resultados apresentados em Carpes (2014)). Mas identificamos também diferenças nas médias quando separamos as curvas pela posição do alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional. Quando mais à direita o pico, maior o *pitch range*, como demonstram os números:

Pitch range médio das curvas com pico prosódico alinhado à esquerda, entre as sílabas pré-tônica e tônica: 2,85 semitons.

Pitch range médio das curvas com pico prosódico no meio da sílaba tônica: 3,92 semitons.

Pitch range médio das curvas com pico prosódico alinhado à direita, entre as sílabas tônica e pós-tônica: 4,92 semitons.

Essas observações nos levam a acreditar que tais configurações são condicionadas mais por fatores fonéticos do que fonológicos.

4.1.1.1.6 *Foco contrastivo no objeto*

Nossos participantes produziram 36 sentenças SVO para este tipo de focalização. Precisaram ser descartadas oito sentenças, cinco por faltar material fonético no núcleo entoacional (sintagma focalizado), o que não permitiu ao Praat desenhar uma curva que pudesse ser analisada, e três por terem sido produzidas com entoação de sentença declarativa neutra, restando, portanto, 28 curvas para análise, 14 para a sentença *A Samira está lendo uma revista* (e suas variações) e 14 para a sentença *O Danilo ganhou um cachorro* (e suas variações). Foi produzido um único comportamento prosódico no pré-núcleo, L* L*, em todas as sentenças.

Desse total de 28 sentenças, apenas cinco foram produzidas só como SVO, sem apoio de advérbios ou outras expressões de negação, o que representa 17,86% desse total. Assim, 82,14% dos informantes que escolheram a estrutura SVO para este contexto, não recorrendo à sintaxe visível para destacar o sintagma focalizado, optou por usar algum tipo de suporte lexical somado à prosódia.

Eis os resultados da notação prosódica do núcleo entoacional (sintagma focalizado) de todas as 28 sentenças:

H↓L* – 17 sentenças (60,72%)

HL* – 8 sentenças (28,57%)

↓L* – 3 sentenças (10,71%)

Quanto à porção com a negação, que vem antes da parte SVO em 23 sentenças, o padrão de notação prosódica ficou assim distribuído:

HL* – 19 sentenças (82,6%)

H*L – 2 sentenças (8,7%)

L* – 2 sentenças (8,7%)

Como mencionamos na seção anterior, sobre foco contrastivo no sujeito, assumimos que essa porção com negação que precede a sentença principal constitui um enunciado fonológico independente. Desse modo, podemos somar os dados referentes à notação prosódica só desses trechos, tanto para foco no sujeito como para foco no objeto, e apresentá-los juntos. Houve um total de 31 sentenças com foco contrastivo no sujeito e no objeto que apresentaram esse tipo de acréscimo, e a notação prosódica das marcas de negação ficou assim distribuída:

HL* – 23 sentenças (74,19%)

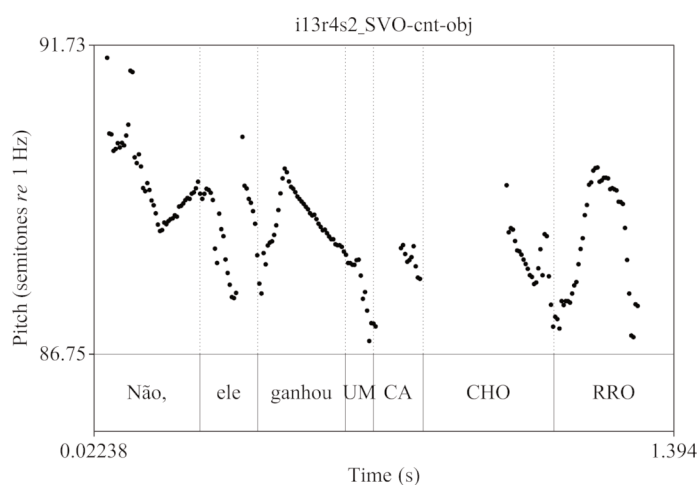
H* – 3 sentenças (9,68%)

L* – 3 sentenças (9,68%)

H*L – 2 sentenças (6,45%)

Voltando à análise das sentenças com foco contrastivo no objeto, sobre o alinhamento do pico prosódico no núcleo entoacional, 100% das sentenças relacionadas ao contexto *A Samira está lendo uma revista* apresentaram o pico na sílaba pré-tônica ou na fronteira entre as sílabas pré-tônica e tônica. No que diz respeito às sentenças relacionadas ao contexto *O Danilo ganhou um cachorro*, não foi possível identificar o pico prosódico em todas as sentenças. O primeiro fonema da sílaba tônica do núcleo do sintagma é /ʃ/ (de *cachorro*), uma fricativa desvozeada. Sendo desvozeado, não tem pulso glotal, portanto, não tem traçado na curva de F0 no trecho referente a este fonema. Em três produções (21,43%), essas características não permitiram que fosse identificada a localização do pico prosódico, como lustrado na Figura 32. Em cinco sentenças (35,71%) foi possível perceber o pico dentro da sílaba tônica, e em seis (42,86%), na pré-tônica ou na fronteira entre pré-tônica e tônica.

Figura 32 – Curva de F0 da sentença com foco contrastivo no objeto *Não, ele ganhou um cachorro*, mostrando a impossibilidade de se localizar o pico prosódico no núcleo entoacional.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O *pitch range* médio das sentenças para o contexto *A Samira está lendo uma revista* foi de 4,18 semitons. Devido a características fonéticas das produções para a sentença *O Danilo ganhou um cachorro* (o fonema inicial da sílaba tônica), como mencionamos no parágrafo anterior, não foi possível calcular do *pitch range* dessas sentenças.

4.1.1.1.7 Resumo da análise prosódica

Nesta seção, vamos resumir a análise prosódica dos dados de nossa pesquisa apresentando em tabelas os dados mostrados nas seções anteriores, de modo a que as informações sobre os diferentes tipos de foco possam ser mais facilmente visualizadas e também comparadas entre si. O número total de sentenças analisadas prosodicamente foi 116, já descontadas as sentenças que precisaram ser descartadas – o que foi detalhado nas seções precedentes, sobre cada tipo de foco e posição. A Tabela 1 e a Tabela 2 apresentam os dados referentes ao núcleo entoacional das sentenças do nosso *corpus*, o primeiro referente às sentenças com foco no sujeito, e o segundo referente às sentenças com foco no objeto. O núcleo entoacional coincide com o sintagma focalizado e é o ponto com a maior proeminência prosódica da sentença.

Tabela 1 – Núcleo entoacional foco no sujeito

TIPO DE FOCO	NOTAÇÃO PROSÓDICA			
	LH*	HL*	H*	L*
de informação	-	100%	-	-
de identificação	-	62,5%	25%	12,5%
contrastivo	53,85%	15,38%	30,77%	-

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na Tabela 1, apresentamos os dados referentes ao núcleo entoacional das sentenças com foco no sujeito, para os três tipos de foco. Podemos observar que para os focos de informação e de identificação, o padrão entoacional do núcleo é o acento HL*, ou seja, há uma subida da curva de F0 logo no início da sentença, antes da sílaba tônica, com o movimento de descida concentrado na sílaba tônica – mas veremos mais à frente, na Tabela 4, que as curvas dos dois tipos de foco, apesar de terem a mesma notação prosódica, se diferenciam entre si pelo alinhamento do pico entoacional. Já as sentenças com foco contrastivo no sujeito diferenciam-se das outras duas por aparecerem principalmente com as notações LH* e H*, ou seja, com movimento de subida da curva de F0 na sílaba tônica, e não de descida.

Tabela 2 – Núcleo entoacional foco no objeto

TIPO DE FOCO	NOTAÇÃO PROSÓDICA		
	H↓L*	HL*	↓L*
de informação	67,86%	21,43%	10,71%
de identificação	48,28%	17,24%	34,48%
contrastivo	60,72%	28,57%	10,71%

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na Tabela 2, vemos que para todos os contextos de focalização no objeto os falantes deram preferência para a notação H↓L*. Essa notação indica que há uma subida antes da sílaba tônica seguida de uma descida bastante acentuada na sílaba tônica – descida que termina abaixo dos acentos baixos que precedem o núcleo entoacional (essa descida acentuada é indicada pelo símbolo ↓), na parte da sentença que corresponde à pressuposição. Podemos concluir, desse modo, que esse é um padrão do foco no objeto, independentemente do tipo de foco (se de informação, de identificação ou contrastivo), já que essa configuração não apareceu em nenhuma sentença com foco no sujeito e foi a maioria das realizações nas sentenças com foco no objeto. As sentenças com foco de identificação merecem

uma observação: apesar de H↓L* ser a notação que aparece em quase metade das produções (48,28%), um número considerável de sentenças também foi realizado com a configuração ↓L* (34,48%). Esse dado reforça que essa descida mais acentuada é uma característica desse tipo de foco, já que, no total, 82,76% das sentenças foram produzidas com essa configuração. A diferença entre H↓L* e ↓L* diz respeito ao fato de haver ou não uma subida antes da sílaba tônica (essa subida é indicada pelo H antes de ↓L*), mas quanto à tônica, em ambas as configurações acontece a mesma coisa (↓L*): a descida após o foco é bastante acentuada, ficando abaixo do pré-núcleo.

Tabela 3 – Pré-núcleo foco no objeto

TIPO DE FOCO	NOTAÇÃO PROSÓDICA	
	L* L*	L* H*
de informação	100%	-
de identificação	86,2%	13,8%
contrastivo	100%	-

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Tabela 3 apresenta os dados referentes ao pré-núcleo das sentenças com foco no objeto. O pré-núcleo é a porção que antecede o núcleo entoacional. Em todos os tipos de foco os falantes deram preferência aos acentos não marcados – em apenas 13,8% dos dados referentes ao foco de identificação, há um movimento de subida que antecede o núcleo entoacional, e essa subida está localizada sobre o verbo da sentença. Em sentenças com foco no sujeito não há pré-núcleo, uma vez que o núcleo entoacional coincide com o primeiro acento da sentença, e toda a porção após o núcleo entoacional é desacentuada (100% dos dados mostram que o acento após o foco é L*L%, como já descrevemos com mais detalhes na seção 4.1.1.1).

Na Tabela 4 e na Tabela 5, apresentamos os dados referentes ao alinhamento do pico entoacional dentro do núcleo entoacional com foco no sujeito e no objeto, respectivamente. O alinhamento do pico entoacional tem como referência a sílaba tônica, que é a sílaba acentuada. Informações sobre o alinhamento do pico entoacional são um outro parâmetro prosódico descritivo a ser considerado, já que muitas vezes o alinhamento do pico é uma diferença entre sentenças com notações iguais – é o caso, justamente, das sentenças com foco de informação e de identificação no sujeito.

Tabela 4 – Alinhamento do pico entoacional, foco no sujeito

TIPO DE FOCO	ALINHAMENTO DO PICO ENTOACIONAL			
	Entre pré-tônica e tônica	Dentro da sílaba tônica	Entre tônica e pós-tônica	Sem acentos marcados
de informação	20%	80%	-	-
de identificação	62,5%	25%	-	12,5%
contrastivo	30,77%	30,77%	38,46%	-

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Pela Tabela 4, podemos perceber que cada tipo de foco, quando o sintagma focalizado é o sujeito, apresenta uma configuração preferencial de alinhamento do pico tonal. Quando era foco de informação, 80% das produções mostraram que os informantes realizaram o movimento de subida e de descida dentro da sílaba tônica. Quando o contexto era de foco de identificação, 62,5% das produções mostraram que o pico entoacional estava localizado na fronteira entre as sílabas pré-tônica e tônica. Assim, na sílaba tônica havia um movimento de descida da frequência fundamental. No caso das sentenças com foco contrastivo, houve uma distribuição equilibrada entre as três configurações de acento, com uma leve preferência pelo alinhamento entre a sílaba tônica e a pós-tônica. Esse tipo de configuração de alinhamento, no fim da sílaba tônica, só apareceu neste caso, sentenças com foco contrastivo no sujeito.

Tabela 5 – Alinhamento do pico entoacional, foco no objeto

TIPO DE FOCO	ALINHAMENTO DO PICO ENTOACIONAL			
	Entre pré-tônica e tônica	Dentro da sílaba tônica	Entre tônica e pós-tônica	Sem acentos marcados
de informação	89,29%	-	-	10,71%
de identificação	62,07%	13,79%	-	24,14%
contrastivo	80%	20%	-	-

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Já quando analisamos o alinhamento do pico entoacional das sentenças com foco no objeto, para todos os tipos de foco os falantes deram preferência, na sua maioria, pelo alinhamento entre a pré-tônica e a tônica, como mostra a Tabela 5. Mais uma vez, isso nos leva a concluir que essa é uma configuração característica dessa posição sintática de foco, independentemente do tipo de focalização da sentença.

Tabela 6 – Variação do *pitch range* (valor máximo e mínimo na curva de F0) no pico entoacional, em semitons

TIPO DE FOCO	POSIÇÃO DO FOCO	
	sujeito	objeto
de informação	3,2 (5,35) ³⁷	5,3
de identificação	4,1	6,71
contrastivo	3,83 ³⁸	4,18

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na Tabela 6, apresentamos a variação de valores da frequência fundamental (*pitch range*), em semitons, considerando os três tipos de foco nas duas posições. Concluimos que o *pitch range* médio é maior quando o foco está no objeto. Quando o foco é identificacional ou contrastivo no sujeito, há uma descida da curva bem significativa na sílaba acentuada seguinte à tônica do núcleo entoacional, quase total, mas como ainda há material fonético a ser realizado, a frequência fundamental, na média, ainda sofre mais uma pequena variação até o fim da sentença (como mencionamos na nota de rodapé 34, na página anterior, quando o foco no sujeito era do tipo informacional, a descida na sílaba pós-tônica não era assim enfática; o movimento descendente era mais distribuído em toda a sentença). Lembramos que uma variação de três semitons já é considerada perceptualmente relevante para os ouvintes (t'HART, 1981; CONSONI et al, 2009; CARPES, 2014; CARPES; SEARA, 2017).

³⁷ Como detalhamos na seção 4.1.1.1.1, o *pitch range* médio era de 3,2 st na comparação entre a tônica do núcleo entoacional e o próximo acento da sentença, mas 5,35 st na relação entre a tônica do núcleo entoacional e a última sílaba acentuada da sentença, pois uma característica dessas curvas era que a descida após a tônica era distribuída até o fim da sentença.

³⁸ No foco contrastivo no sujeito, o valor de 3,83 st é um valor médio, mas há nesse contexto uma variação constante: o valor varia de acordo com o alinhamento do pico; quanto mais à direita o pico, maior a variação do *range*: pico entre pré-tônica e tônica: 2,85 st; pico na sílaba tônica: 3,92 st, pico entre a tônica e a pós-tônica (o padrão mais comum pra este tipo de foco e que só apareceu neste caso): 4,92 st.

Quadro 4 – Resumo da descrição prosódica dos três tipos de foco nas duas posições: notação do núcleo entoacional (no sintagma focalizado), alinhamento do pico tonal no núcleo entoacional e *pitch range* médio.

TIPO DE FOCO	Notação núcleo entoacional	Alinhamento	<i>Pitch range</i>
Suj – inform.	HL*	Dentro da tônica	3,2 st
Suj – ident.	HL*	Entre pré-tônica e tônica	4,1 st
Suj – contr.	LH*	Entre tônica e pós-tônica	3,83 st
Obj – inform.	H↓L*	Entre pré-tônica e tônica	5,3 st
Obj – ident.	H↓L*	Entre pré-tônica e tônica	6,71 st
Obj – contr.	H↓L*	Entre pré-tônica e tônica	4,18 st

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O Quadro 4 resume os dados apresentados nesta seção no que diz respeito às configurações prosódicas que foram analisada nos três tipos de foco em estudo na posição sujeito e na posição objeto. Não são apresentadas aqui as notações prosódicas completas das sentenças, porque nos trechos não focalizados o padrão é o mesmo, independentemente do tipo de foco e da posição: os acentos da sentença, à parte o sintagma focalizado, não são marcados, então parecem não ter relação com a marcação do foco e a distinção entre os diferentes tipos, apenas identificam o trecho da sentença referente à pressuposição.

Analisando os dados do Quadro 4, podemos concluir que não é possível afirmar que haja uma configuração única para cada um dos três tipos de foco, uma notação que seja possível caracterizar e identificar cada um deles. Percebemos que quando o foco está localizado sobre o objeto, a curva prototípica dos três tipos de focalização é a mesma, caracterizada por uma descida bastante acentuada na sílaba tônica, depois de uma subida na pré-tônica. Uma notação muito parecida foi identificada como prototípica dos focos de informação e de identificação, mas nesses dois casos a descida não é tão acentuada como quando o foco é no objeto – e no caso do foco informacional, o alinhamento do pico entoacional também se diferenciava, caracterizado por conter os movimentos de subida e descida dentro da sílaba tônica. A única configuração que realmente se diferenciou das demais foi a de contextos de foco contrastivo no sujeito: nesses casos, o movimento na sílaba tônica não era de descida, mas de subida, sendo o padrão de alinhamento do pico entoacional mais comum o alinhado à direita, na fronteira com a sílaba pós-tônica.

Outros tipos de testes precisam ser conduzidos para investigarmos se essas configurações são fonéticas – o que talvez seja o caso pelo menos dos focos sobre o objeto, já que a configuração poderia ser determinada pela posição do sintagma focalizado na cadeia da fala – ou se existe algum componente de ordem fonológica guiando essas configurações.

4.1.2 Análise das estruturas das sentenças e resultados

Nesta seção, vamos apresentar e analisar a estrutura sintática dos dados coletados em nosso experimento, quantificando-os e diferenciando quando o foco aparece *in situ*, ou melhor, sem alterações visíveis na estrutura superficial, e quando o foco é visualmente sintático, ou seja, quando envolve reordenamento de constituintes. Estamos dizendo que o foco *in situ* na verdade é um foco sem alterações visíveis, pois sabemos que sintagmas focalizados sempre são movidos de sua posição de origem para uma projeção específica de foco. Desse modo, é impreciso dizer que existe foco *in situ*; o que acontece com sentenças com o que chamamos de foco *in situ* é que o sintagma focalizado é movido para a posição de especificador da projeção Foco (Spec,FocP) sem alterações na estrutura superficial, sem reordenamento *visível* na sintaxe – apresentaremos essas estruturas a seguir. Dito isso, seguiremos nos referindo a sentenças com a estrutura SVO como tendo foco *in situ*, pois fica mais clara a descrição, e é dessa forma que esse tipo de estrutura de focalização é chamado na literatura.

Lembramos que os participantes de nosso experimento podiam proferir as sentenças da forma que quisessem, com liberdade para escolher a estrutura sintática de sua preferência. O número total de sentenças que foram analisadas quanto à sua estrutura sintática foi 202. Nos resultados, apareceram 9 tipos de estrutura, que já apresentamos anteriormente, mas repetiremos abaixo, para melhor clareza do texto, acompanhadas de um exemplo do nosso *corpus*:

SVO (ordem sujeito–verbo–objeto): *A Samira tá lendo uma revista*

S (apenas o sujeito): *A Regina*

VO (ordem verbo–objeto): *Comprou uma carteira*

O (apenas o objeto): *Novela*

OSV (ordem objeto–sujeito–verbo): *Laranja a Melina comeu*

clivada: *É a Marina que namora o Danilo*

pseudoclivada: *Quem ganhou o presente foi a Cibele*

cópula + foco: *Foi um cachorro*

foco + que: *A Marina que Namora o Danilo*

Vale ressaltar que o foco nas ocorrências S e O, que apresentam apenas o sintagma focalizado, sem mais nenhuma informação gramatical, não pode ser considerado nem *in situ* nem movido, uma vez que não há estrutura sintática para poder dizer qual projeção, em qual lugar da estrutura, tal sintagma ocuparia. Esse tipo de sentença será apresentado na lista de opções dos falantes, por tipo de foco, precedido por um asterisco (*), para que seja informado quantos foram produzidos dessa forma, mas não será computado na porcentagem de ocorrência de cada estrutura, pelas razões expostas acima.

Antes de seguirmos para as seções que tratarão de cada contexto e posição de foco isoladamente, reuniremos abaixo, no Quadro 10, os dados agrupados para os tipos de foco e as estruturas realizadas por nossos informantes, para que possam ser rapidamente visualizados e comparados, e vamos também fazer alguns comentários pertinentes a algumas realizações. O Quadro 10 apresenta todas as estruturas que nossos informantes realizaram, excluindo as respostas que não tinham nenhuma estrutura, que eram compostas apenas do sintagma focalizado (S e O).

Quadro 5 – Estruturas realizadas pelos participantes, por posição de foco e tipo de focalização, já excluídas as sentenças que apresentavam apenas o sintagma focalizado (que não tinham estrutura para análise: S e O) e o número de ocorrências.

		SVO	VO	cópula + foco	pseudoclivada	foco + que	OSV	clivada
Sujeito	Informação	✓ (12)	-	✓ (4)	✓ (4)	-	-	-
	Identificação	✓ (12)	-	✓ (4)	✓ (3)	-	-	-
	Contrastivo	✓ (16)	-	✓ (4)	✓ (6)	✓ (1)*	-	✓ (2)
Objeto	Informação	✓ (31)	✓ (4)	-	-	✓ (1)*	✓ (1)**	-
	Identificação	✓ (41)	✓ (4)	✓ (1)	-	-	-	-
	Contrastivo	✓ (40)	✓ (7)	✓ (4)	-	-	-	-

* Sentenças produzidas por único informante (informante 6)

** Sentenças produzidas por um único informante (informante 1)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Analisando o

Quadro 5, podemos ver rapidamente que os informantes deram preferência, por larga maioria, às sentenças SVO, ou seja, à combinação de foco *in situ* + foco prosódico, para todos os tipos de focalização, tanto na posição sujeito como na posição objeto. Ou seja, nosso experimento demonstra uma preferência dos falantes de PB pela realização do foco prosódico sobre o foco marcado na sintaxe visível, com reordenamento de constituintes – discutiremos esse resultado de forma mais aprofundada no capítulo 5.

Todos os contextos com foco no objeto tiveram realizações da estrutura VO, sem a realização do sujeito, o que também estamos considerando como uma forma de foco *in situ*, sem reordenamento de constituintes, pois assumimos, como Duarte e Figueiredo Silva (2016) propõem, que esses são casos de omissão do sujeito, já que o sujeito é o tópico, a informação compartilhada no discurso (a pressuposição). As autoras postulam que esse tipo de sujeito nulo ainda é possível em PB quando o contexto discursivo recupera o referente do sujeito nulo, que é justamente o caso nos nossos dados.

Ao analisarmos as sentenças em que houve reordenamento sintático, percebemos que a estrutura que mais aparece é a cópula + foco (*Foi A CIBELE / Foi UMA CARTEIRA*), que se fez presente em todos os contextos de focalização no sujeito e nos contextos de foco contrastivo e foco de identificação no objeto – ou seja, só não apareceu como opção dos falantes em contextos de foco de informação no sujeito.

A segunda estrutura com foco marcado na sintaxe que mais apareceu foi a pseudoclivada (*Quem ganhou o presente foi A CIBELE*): ela foi realizada em todos os contextos com foco no sujeito, mas não foi realizada em nenhum contexto com foco no objeto.

Em seguida, temos três outras estruturas que apareceram de forma bem restrita: duas delas apareceram apenas uma vez cada em toda a coleta e foram realizadas pelo mesmo informante: estrutura foco + que (*A MARINA que namora o Danilo*), que apareceu apenas uma vez para o contexto de foco de informação no objeto e uma vez no contexto de foco contrastivo no sujeito. Elas foram realizadas pelo mesmo informante na última rodada. Na rodada anterior para foco contrastivo no sujeito, o informante escolheu a estrutura pseudoclivada, e na rodada anterior para o foco de informação no objeto o informante escolheu uma OSV – também a

única ocorrência de todo o *corpus* para a estrutura OSV. Outra estrutura que apareceu apenas na realização de um falante foi a clivada (É A MARINA que namora o Danilo). Esse falante escolheu a estrutura clivada para as duas rodadas no contexto de foco contrastivo no sujeito.

Agora, apresentaremos por contexto as estruturas que apareceram para cada tipo de focalização e posição de foco.

4.1.2.1 Sujeito foco de informação

Começaremos discutindo os dados referentes à sentenças com foco de informação no sujeito. Para esse contexto de focalização, os informantes produziram as seguintes estruturas:

* S – 12 ocorrências em 32 dados coletados

SVO: 12 ocorrências em 20³⁹ sentenças (60%)⁴⁰

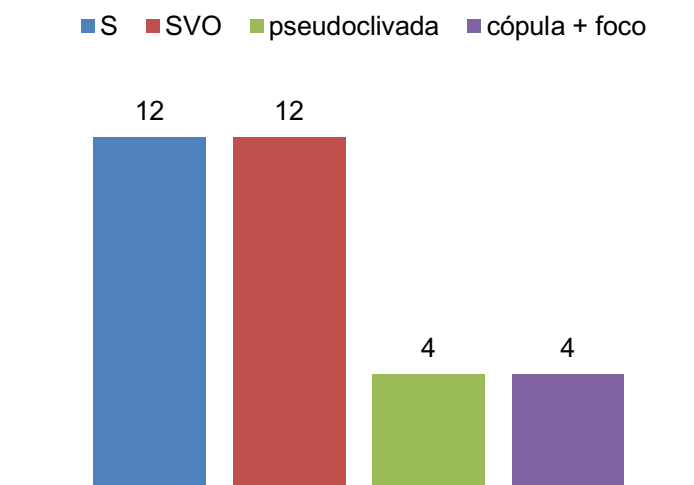
pseudoclivada: 4 ocorrências em 20 sentenças (20%)

cópula + foco: 4 ocorrências em 20 sentenças (20%)

³⁹ Esse número se refere aos 32 dados totais menos os 12 que foram produzidos sem estrutura, só como S.

⁴⁰ Lembramos que as porcentagens (nos seis contextos de focalização em análise) apresentadas para as estruturas não estão considerando as ocorrências S, para foco no sujeito, e O, para foco no objeto. As porcentagens, portanto, vão ter como base apenas as sentenças com algum tipo de estrutura.

Gráfico 1 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de sujeito foco de informação



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Total de estruturas com foco *in situ*: 60%

Total de estruturas com foco marcado na sintaxe: 40%

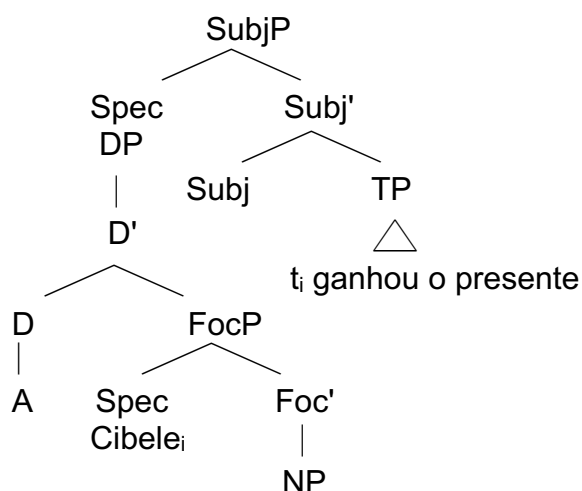
Esse resultado sinaliza que os falantes deram preferência ao foco *in situ* em contexto de sujeito foco informacional (60% das opções), em combinação com um acento prosódico específico para marcar o sintagma focalizado, como acontece no inglês. Um pouco menos, mas ainda assim em grande proporção (40%), foram as ocorrências em que os falantes recorreram ao foco sintático, sendo metade como pseudoclivada (*Quem ganhou o presente foi A CIBELE*) e metade na forma cópula + foco (*Foi A CIBELE*). Esse resultado se justifica pelo fato de o sintagma focalizado ser o sujeito: os falantes modificam a estrutura da sentença para colocar o sujeito focalizado no final da sentença, de modo a coincidir com o acento de frase (ZUBIZARRETA, 1998; OTHERO E FIGUEIREDO SILVA, 2012) – que em declarativas neutras ou sentenças com foco amplo é na sílaba mais encaixada. Para Miotto e Negrão (2007), sentenças pseudoclivadas podem veicular foco de informação.

Quanto à estrutura das sentenças com foco *in situ*, que apresentamos abaixo, pode-se observar que o sintagma focalizado ocupada uma projeção dedicada ao foco localizada numa porção mais baixa da estrutura, dentro de TP,

logo acima de VP, como proposto por Belletti (2004). A estrutura que propomos para esse tipo de sentença é apresentada a seguir:

A CIBELE ganhou o presente (SVO)

$[\text{SubjP DP A } [\text{FocP Cibelesi } [\text{Subj } [\text{TP } t_i \text{ ganhou o presente}]]]]]$



Assumimos para a estrutura SVO sujeito foco de informação a mesma estrutura assumida por Quarezemin (2009), que apresenta uma posição criterial específica de sujeito – isso porque a base da cartografia é tirar um traço discursivo de dentro de uma posição gramatical, que é uma posição de concordância. A posição SubjP é mais alta na estrutura porque não é nominativa. Aqui, o DP sujeito sai de sua posição de origem, em VP, passa por Spec,TP, checando nominativo, e vai para Spec,SubjP para satisfazer o critério sujeito (RIZZI, 2004). O NP ocupa a projeção Spec,FocP dentro de DP, seguindo proposta de Aboh (2004, 2007 apud QUAREZEMIN, 2009).

Para as sentenças pseudoclivadas, assumimos a seguinte estrutura:

Quem ganhou o presente foi A CIBELE (pseudoclivada)

$[\text{TP Quem ganhou o presente}_k [\text{T foi } \dots [\text{FocP a Cibelesi } [\text{VP } t_i [\text{SC } t_j t_k]]]]]$

Nessa proposta, o CP predicado da *small clause* (SC) ocupa Spec,TP, a cópula é movida para o núcleo de TP, e o sujeito focalizado é movido para Spec,Foc.

Apresentamos agora a estrutura das sentenças cópula + foco:

Foi a A CIBELE (cópula + foco)

[_{TP} [_T Foi_i ... [_{FocP} a Cibelej [_{CP} ~~que ganhou um presente~~]]]]

Essa estrutura é derivada de uma clivada, mas nesse caso o CP é apagado, sendo realizada apenas a porção cópula + foco. Como aqui temos sujeito foco de informação, o sintagma focalizado está alojado numa posição baixa na estrutura.

Nós esperávamos encontrar para esse contexto de focalização uma porcentagem maior de sentenças com foco *in situ*, sem reordenamento sintático. Esse foi o resultado encontrado em um dos experimentos conduzidos por Fernandes (2007), no qual os participantes produziam sentenças com foco de informação no sujeito, e a estratégia preferida pelos falantes de PB foi a que ela chama de foco prosódico, ou seja, focalização *in situ*, sem reordenamento de constituintes, combinada com focalização prosódica.

4.1.2.2 Objeto foco de informação

No contexto para esse tipo de foco, os informantes produziram as seguintes estruturas:

* O: 27 ocorrências em 64 dados coletados

SVO: 31 ocorrências em 37⁴¹ sentenças (83,79%)

VO: 4 ocorrências em 37 sentenças⁴² (10,81%)

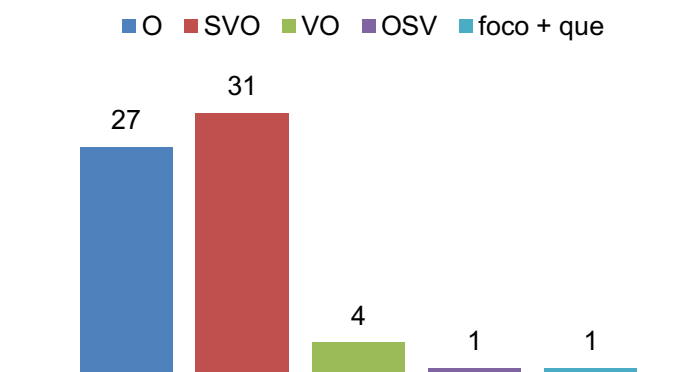
OSV: 1 ocorrência em 37 sentenças (2,7%)

foco + que: 1 ocorrência em 37 sentenças (2,7%)

⁴¹ Esse número se refere aos 64 dados totais menos os 27 que foram produzidos sem estrutura, só como O.

⁴² Como já mencionamos na seção 4.1.2, consideramos as estruturas VO como casos de omissão de sujeito, e, por isso, vamos estamos considerando esse tipo de sentença como sendo foco *in situ*.

Gráfico 2 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de objeto foco de informação



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Total de estruturas com foco *in situ*: 94,6%

Total de estruturas com foco marcado na sintaxe: 5,4%

Aqui o resultado está de acordo com o que esperávamos encontrar. Quando o objeto da sentença é foco de informação, não é necessária nenhuma estratégia sintática, seja a clivagem ou a reordenação de constituintes, para a marcação do foco (QUAREZEMIN, 2009). Isso porque o objeto *in situ* já está na posição mais encaixada da sentença, que é a posição de ocorrência do acento nuclear (ZUBIZARRETA, 1998; OTHERO E FIGUEIREDO SILVA, 2012). Chama a atenção o fato de que a estrutura SVO (*A Melina comeu uma LARANJA*) foi a que mais apareceu mesmo quando consideramos a opção mais curta, em que a resposta é apenas o sintagma focalizado (os casos que não estamos considerando para a análise estrutural, uma vez que não apresentam qualquer tipo de estrutura que possa ser analisada, como já mencionamos). Foram 31 ocorrências com a estrutura SVO e 27 ocorrências em que os informantes produziram como resposta apenas o objeto foco de informação.

Estamos considerando, como Quarezemin (2009), que a focalização *in situ* é um processo que não envolve movimento do constituinte focalizado para uma parte alta da estrutura. Não quer dizer que o constituinte focalizado *in situ* está na posição em que recebe o papel temático na sentença.

A estratégia SVO é a mais recorrente em línguas naturais para a focalização do objeto foco de informação (QUAREZEMIN, 2009). O objeto com foco informacional permanece na posição mais encaixada da sentença, onde não ocorre

nenhum conflito interpretativo entre sintaxe e PF – esse padrão é verificado em PB e em línguas como português europeu, francês, italiano e espanhol. Esta é a estrutura proposta para sentenças com foco de informação no objeto:

A Melina comeu uma LARANJA (SVO)

[_{SubjP} A Melina_i [_{TP} t_i [_T comeu_j [_{FocP} uma laranja_k [_{VP} t_i t_j t_k]]]]]]

Na sentença SVO, vemos que o sujeito da sentença checou o traço nominativo em Spec,TP e depois subiu para satisfazer o critério sujeito em SubjP, isso porque um domínio criterial é maior do que um domínio argumental. O objeto foco de informação sai de sua posição de origem como argumento em VP e ocupa a posição Spec,FocP, por ser o foco da sentença. As sentenças VO têm a mesma estrutura proposta para SVO, mas sem sujeito.

O foco marcado por reordenamento sintático apareceu apenas duas vezes, uma com a estrutura OSV (*LARANJA a Melina comeu*) e outra com a estrutura foco + que (*LARANJA que a Melina comeu*), mas vale mencionar que essas duas produções foram realizadas pelo mesmo participante. Todos os outros 16 participantes do experimento escolheram a estrutura SVO para esse contexto nas duas rodadas de coleta que compõem nosso *corpus*. Por isso, descartamos esses dados como realização de estrutura para contextos de objeto foco de informação. Como essas realizações foram um caso isolado de um único informante, temos como hipótese que ele possa não ter entendido o contexto para a realização dessa sentença, talvez até tendo associado algum traço discursivo, como exaustividade, por exemplo.

Desse modo, demonstramos que o objeto foco de informação *in situ*, ou seja, na estrutura SVO, que foi realizado em 94,6% das sentenças (estrutura escolhida por 16 de 17 informantes), é a realização preferida para sentenças com objeto foco de informação, e pela estrutura, mostramos que ele está alojado numa posição baixa.

4.1.2.3 Sujeito foco de identificação

Vamos agora analisar as estruturas que os informantes produziram para sentenças com foco de identificação, começando pelo foco no sujeito:

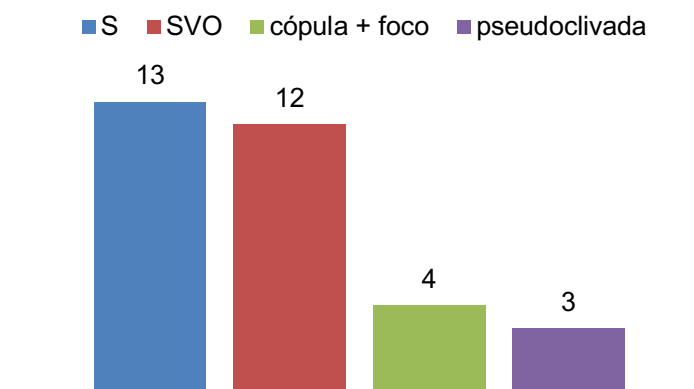
* S: 13 ocorrências em 32 dados coletados

SVO: 12 ocorrências em 19⁴³ sentenças (63,16%)

cópula + foco: 4 ocorrências em 19 sentenças (21,05%)

pseudoclivada: 3 ocorrências em 19 sentenças (15,79%)

Gráfico 3 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de sujeito foco de identificação



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Total de estruturas com foco *in situ*: 63,16%

Total de estruturas com foco marcado na sintaxe: 36,84%

Os dados demonstram que os informantes deram preferência para a estrutura SVO (*A REGINA pediu um sorvete*) para a marcação de sujeito foco de identificação (63,16% das realizações com algum tipo de estrutura), ou seja, a maioria das realizações foi com foco *in situ* combinado com o foco prosódico. A opção de resposta mais curta (apenas o sintagma focalizado, sem estrutura sentencial) apareceu em 13 de 32 dados – 40,6% dos total de dados coletados. Em 36,84% das respostas dos participantes que envolviam algum tipo de estrutura, o foco por meio de reordenamento sintático apareceu como escolha, na realização das seguintes estruturas: cópula + foco (*Foi A REGINA*) (21,05%) e pseudoclivada (*Quem pediu o sorvete foi A REGINA*) (15,79%).

⁴³ Esse número se refere aos 32 dados totais menos os 13 que foram produzidos sem estrutura, só como S.

Esperávamos que os participantes do experimento recorressem mais à sintaxe do que à estrutura SVO para a marcação do foco de identificação no sujeito, já que ele possui marcador positivo para o traço [exaustividade], o que licencia o sintagma focalizado a ser movido para a periferia esquerda da sentença (RIZZI, 1997, 2001, 2013; MIOTO 2003; QUAREZEMIN, 2009; RIZZI, BOCCI, 2017) e permite a realização de sentenças com reordenamento sintático.

Porém, a estrutura de uma sentença SVO com foco de identificação é diferente da estrutura de uma sentença SVO com foco de informação. Na seção 4.1.2.1 apresentamos a estrutura de uma sentença SVO com sujeito foco de informação, e nesta apresentaremos a estrutura de uma sentença SVO com sujeito foco de identificação. Quando o sintagma focalizado é mero foco de informação, ele é alojado numa posição baixa da sentença, entre TP e VP, enquanto o foco de identificação, mesmo *in situ*, é movido para uma posição alta, na periferia esquerda, em CP, por causa do traço discursivo [+exaustividade].

Seguem abaixo as estruturas que propomos para as sentenças SVO em contexto de sujeito foco de identificação. Para as sentenças com estrutura SVO (foco *in situ* + foco prosódico), o sintagma focalizado sujeito é movido para a projeção FocP no domínio CP, acima de TP. Aqui, para satisfazer o critério sujeito sem que ele passe por SubjP, onde seria congelado, não podendo subir para CP, adotamos a estratégia *skipping*, proposta por Rizzi e Shlonsky (2006 apud QUAREZEMIN, 2009, p. 99), em que acontece “a extração do sujeito de uma posição mais baixa, com *pro* expletivo satisfazendo o critério sujeito. Quando um *pro* satisfaz o critério sujeito, livra o sujeito temático dos efeitos de congelamento criterial e ele pode se mover para a periferia esquerda”. Essa estratégia será utilizada em todas as propostas de estrutura para sujeito com foco alto, alojado em CP, daqui por diante:

A REGINA pediu um sorvete (SVO)

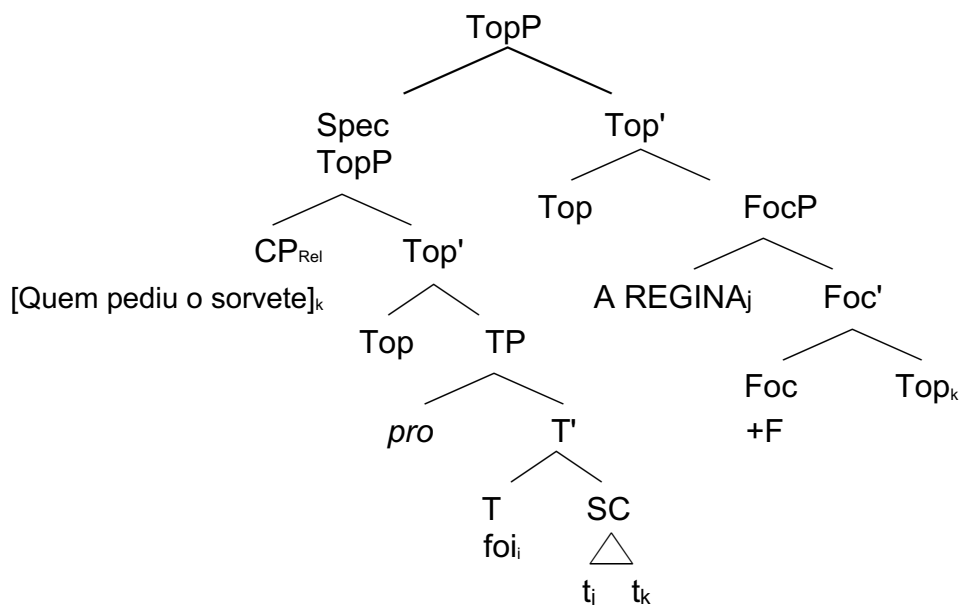
[_{FocP} A Regina_i [_{TP} t_i [_T pediu_j [_{VP} t_i t_j o sorvete]]]]]

Na proposta para sentenças pseudoclivadas com sujeito foco de identificação, cujo sintagma focalizado deve ocupar uma projeção de foco alta na estrutura, no domínio CP, o sintagma focalizado é movido para Spec,FocP, acima de TP, e o resto da sentença, que corresponde ao pressuposto, conta com o

movimento do TP remanescente (*remnant movement*) para Spec,TopP, acima de FocP (MIOTO, 2003), pois, por ser pressuposto, pode ser movido para uma posição de tópico da sentença.

Quem pediu o sorvete foi A REGINA (pseudoclivada)

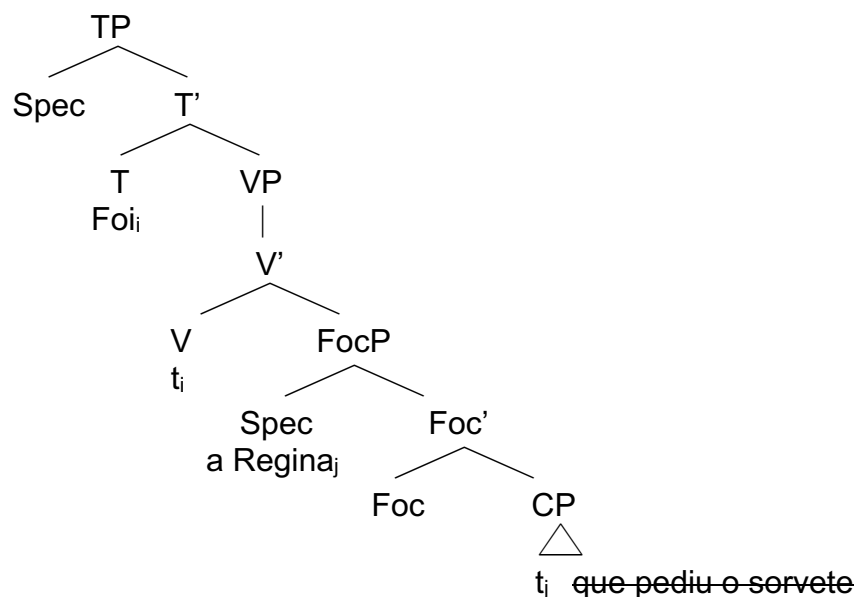
$[_{TopP} \text{ Quem pediu o sorvete}]_k \text{ foi}_i [_{FocP} \text{ a Regina}]_j [_{TP} \text{ } t_i \text{ } t_j \text{ } t_k]$



Para a estrutura cópula + foco assumimos a proposta apresentada por Quarezemin (2009) para sentenças clivadas com foco contrastivo, com base no movimento A' do foco (KISS 1998, MIOTO, NEGRÃO 2006; BELLETTI, 2008 apud QUAREZEMIN, 2009). Nessa proposta, o sujeito foco de identificação está na periferia da sentença encaixada. Na estrutura cópula + foco (que a autora chama de clivada reduzida), apenas a cópula e o sintagma focalizado são pronunciados; a sentença encaixada é apagada:

Foi A REGINA (cópula + foco)

[TP [T Foi_i [VP t_i [FocP a Regina_j [CP t_j ~~que pediu o sorvete~~]]]]]]



Uma questão que nos chamou a atenção foi o fato de não aparecer nenhuma sentença clivada canônica nesse contexto de sujeito foco de identificação, já que Quarezemin (2009) e Guessier (2011), ao analisar resultados de experimentos que conduziram, dizem que essa seria uma estrutura bastante comum nesse contexto de focalização em PB.

Chegamos a considerar a possibilidade de ser uma consequência da metodologia, que talvez não tivéssemos conseguido diferenciar bem os contextos de foco de informação e foco de identificação no nosso experimento. Acabamos descartando essa hipótese, já que para o foco de identificação mostrávamos um conjunto limitado (de pessoas, itens a serem comprados etc.) e perguntávamos qual item daqueles se referia à questão que apresentávamos. Desse modo, pensamos ter conseguido construir um conjunto que veiculasse uma resposta exhaustiva por parte do informante, portanto, consideramos válidas as respostas dos informantes que, mais uma vez, mostraram preferência pelo foco *in situ* combinado ao foco prosódico, com menos casos de reordenamento de constituintes, mesmo em um contexto de foco com traço discursivo, como é o caso do foco de identificação, que tem valor positivo para o traço [exaustividade].

4.1.2.4 Objeto foco de identificação

Apresentamos agora as estruturas produzidas por nossos informantes para o contexto de foco de identificação no objeto:

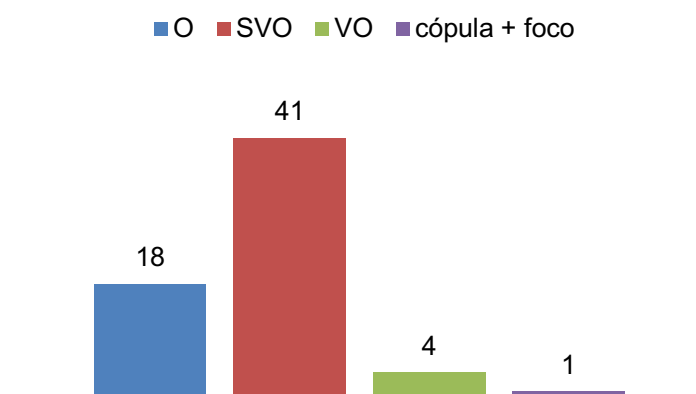
* O: 28,25% – 18 ocorrências em 64 dados coletados

SVO: 41 ocorrências em 46⁴⁴ sentenças (89,13%)

VO: 4 ocorrências em 46 sentenças (8,7%)

cópula + foco: 1 ocorrência em 46 sentenças (2,17%)

Gráfico 4 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de objeto foco de identificação



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Total de estruturas com foco *in situ*: 97,83%

Total de estruturas com foco marcado na sintaxe: 2,17%

Neste caso, a estrutura SVO também foi a mais recorrente, de modo quase unânime – apenas uma sentença na amostra de 64 dados foi realizada com reordenamento de constituintes, na forma da estrutura cópula + foco (*Foi uma carteira*). Foram 18 (28,25%) as ocorrências de sentenças sem estrutura que pudesse ser analisada, com a realização apenas do sintagma focalizado. As demais 45 realizações apareceram nas formas das estruturas SVO (*Betina comprou uma casa*) ou VO (*comprou uma casa*) – neste último caso, também sentenças com foco

⁴⁴ Esse número se refere aos 64 dados totais menos os 18 que foram produzidos sem estrutura, só como O.

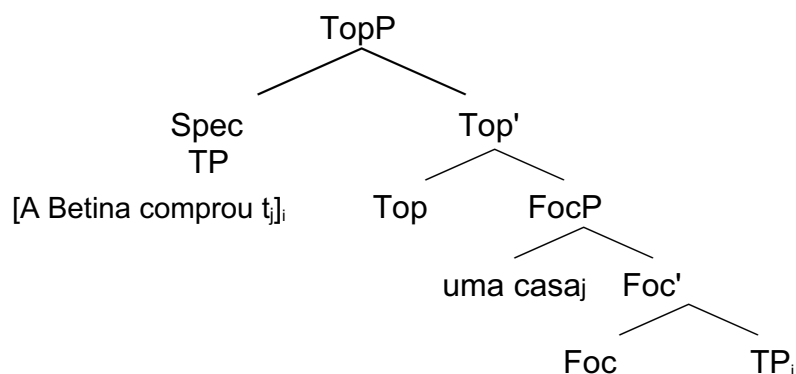
in situ, já que consideramos que houve omissão de sujeito, que é o pressuposto da sentença.

Nossos resultados mostram que em 97,83% das sentenças realizadas pelos 17 participantes do nosso experimento, a opção deles foi a realização do foco *in situ* combinado com o foco prosódico por meio de um acento específico de foco no sintagma focalizado. Atribuímos esse resultado ao fato de o objeto, que é o sintagma focalizado, ocupar a posição mais encaixada da sentença, coincidente com a posição natural de acento nuclear. Nesse caso, o que diferencia uma sentença SVO com foco de identificação de uma sentença SVO com foco amplo ou neutra seria a configuração do acento prosódico, ocorrendo na sílaba tônica do sintagma focalizado um pico prosódico bem mais marcado e proeminente, com *pitch range* maior do que o acento na sílaba tônica da última palavra de uma sentença neutra/com foco amplo.

Abaixo apresentamos as estruturas das sentenças com foco identificacional no objeto. Começamos pelas sentenças SVO:

A Betina comprou UMA CASA (SVO)

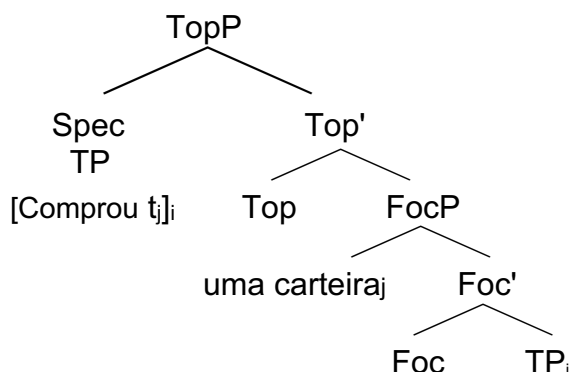
$[_{\text{TopP}} [_{\text{TPA}} \text{Betina comprou } t_j]_i [_{\text{FocP}} \text{uma casa}_j [_{\text{TP}} t_i]]]$



Na estrutura das sentenças SVO com objeto foco de identificação, o sintagma focalizado é movido para Spec,FocP na periferia esquerda, acima de TP, e o restante da sentença, que corresponde ao pressuposto, é movido para a posição de tópico (TopP) acima de FocP, contando com o movimento remanescente de TP (*remnant movement*) (MIOTO, 2003). A proposta para a estrutura VO é a mesma da sentença SVO, mas sem sujeito:

Comprou UMA CARTEIRA (VO)

$[_{\text{TopP}} [_{\text{TP}} \text{Comprou } t_j]_i [_{\text{FocP}} \text{uma carteira}_j [_{\text{TP}} t_i]]]]$

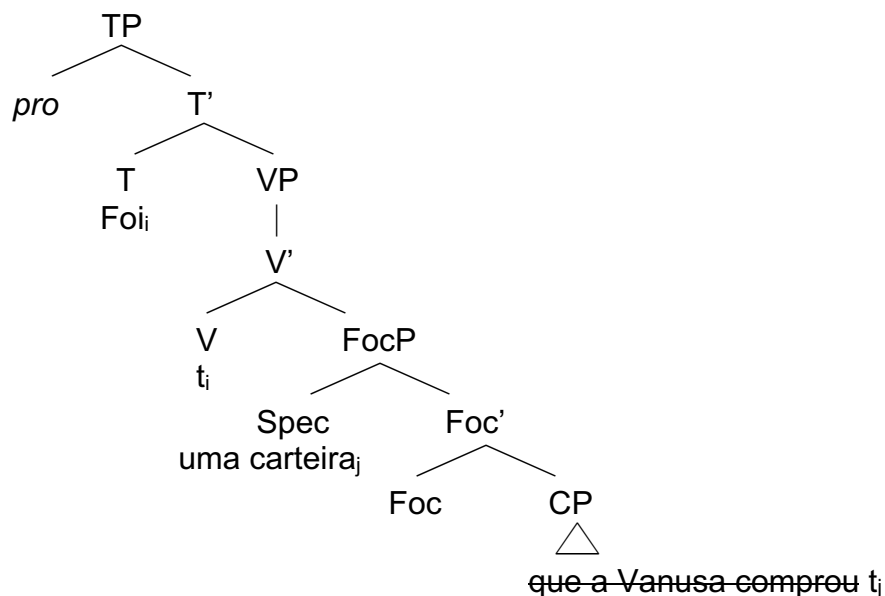


A estrutura das sentenças VO é a mesma proposta para sentenças SVO, ou seja, o sintagma focalizado é movido para Spec,FocP na periferia esquerda e o restante da sentença é movido para a posição de tópico (TopP) acima de FocP, contando com o movimento remanescente de TP (*remnant movement*) (MIOTO, 2003); a diferença entre elas é que na sentença VO não há sujeito.

Abaixo, apresentamos por fim a proposta de estrutura para sentenças cópula + foco:

Foi UMA CARTEIRA (cópula + foco)

$[_{\text{TP}} \text{pro} [_{\text{T}} \text{Foi}_i [_{\text{VP}} t_i [_{\text{FocP}} \text{uma carteira}_j [_{\text{CP}} \text{que a Vanusa comprou } t_j]]]]]]$



Para a estrutura cópula + foco assumimos a proposta apresentada por Quarezemin (2009) para sentenças clivadas com foco contrastivo, com base no movimento A' do foco (KISS 1998, MIOTO, NEGRÃO 2006; BELLETTI, 2008 apud QUAREZEMIN, 2009). Nessa proposta, o objeto foco de identificação está na periferia da sentença encaixada. Na estrutura cópula + foco (que a autora chama de clivada reduzida), apenas a cópula e o sintagma focalizado são pronunciados; a sentença encaixada é apagada.

4.1.2.5 Sujeito foco contrastivo

Abaixo, apresentamos as estruturas escolhidas por nossos falantes para foco contrastivo no sujeito:

* S: 9,25% – 3 ocorrências em 32 dados coletados

SVO: 16 ocorrências em 29⁴⁵ sentenças (55,17%)

pseudoclivada: 6 ocorrências em 29 sentenças (20,69%)

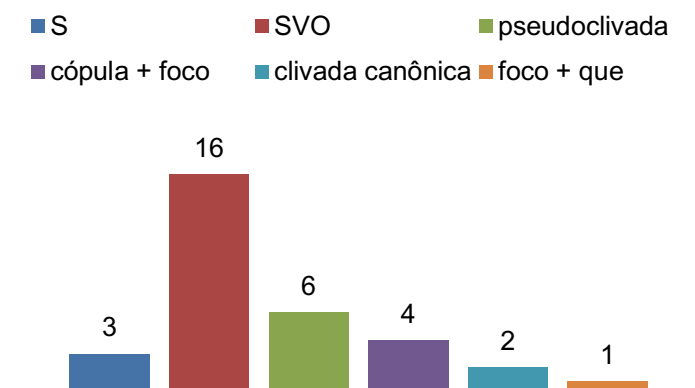
cópula + foco: 4 ocorrências em 29 sentenças (13,79%)

clivada canônica: 2 ocorrências em 29 sentenças (6,9%)

foco + que: 1 ocorrência em 29 sentenças (3,45%)

⁴⁵ Esse número se refere aos 32 dados totais menos os 3 que foram produzidos sem estrutura, só como S.

Gráfico 5 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de sujeito foco contrastivo



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Total de estruturas com foco *in situ*: 55,17%

Total de estruturas com foco marcado na sintaxe: 44,83%

Esperávamos que nos casos de sujeito com foco contrastivo o deslocamento do sujeito seria a estratégia mais recorrente, o que a literatura diz ser mais comum nas línguas românicas, como PB, português europeu (PE), italiano e espanhol (MIOTO, 2001, 2003; QUAREZEMIN, 2005, 2009; GUESSER, 2007). Porém, as estratégias de nossos informantes se dividiram entre foco sintático e foco *in situ*, na estrutura SVO (*A MARINA namora o Danilo*), com um pouco mais de realizações de foco *in situ* (combinado com foco prosódico).

Ainda chama a atenção o baixo número de clivadas canônicas (*É A MARINA que namora o Danilo*) produzidas pelos informantes, que era o tipo de estrutura que esperávamos ver com frequência nesse contexto de focalização. Até a estrutura pseudoclivada (*Quem namora o Danilo é A MARINA*) apareceu mais vezes (20,69%) do que a estrutura clivada canônica, que teve apenas duas ocorrências em 32, ambas realizadas pelo mesmo falante, o que representa 6,9% do total de sentenças com foco sintático. As demais estruturas que apareceram foram: cópula + foco (*É A MARINA*), com quatro realizações (13,79%), e foco + que (*A MARINA que namora o Danilo*), com apenas uma realização (3,45%).

Além disso, pode-se observar a baixa incidência de respostas curtas, aquelas produzidas apenas com o sintagma focalizado, como apareceu bastante nos casos de focalização apresentados anteriormente. Essas são as diferenças

entre sentenças com sujeito foco contrastivo e as outras duas categorias de foco no sujeito.

Esse resultado, de equilíbrio entre sentenças com foco *in situ* e sentenças com foco marcado na sintaxe (com uma pequena vantagem para a estrutura *in situ*, SVO) é diferente daquele apresentado por Quarezemin (2009). Segundo a autora, seus experimentos mostraram que os falantes do PB preferem destacar sintaticamente o constituinte focalizado e deixá-lo *in situ* na sentença. Esse resultado é justificado pela abordagem cartográfica que defende que um elemento com uma função discursiva específica deve estar em uma posição sintática correspondente à sua função. E as sentenças clivadas de um modo geral, clivada plena, invertida, reduzida, truncada e pseudoclivada, reservam uma posição sintática específica para o foco, seja o sujeito ou o objeto (QUAREZEMIN, 2009).

Fizemos muitas reflexões sobre a estrutura das sentenças com foco de identificação e as com foco contrastivo. Esses dois tipos de foco têm traços discursivos, que são [exaustividade] ou [contraste] e, por isso, seus sintagmas focalizados são movidos para uma posição de foco alta na estrutura, no domínio de CP, acima de VP. Existe apenas uma projeção de foco nesse domínio, que tanto será ocupado por um sintagma foco de identificação, como será ocupado por um sintagma foco contrastivo, a depender do tipo de foco da sentença – é apenas o foco de informação que não ocupa essa projeção de foco alta. Mas aí nos vimos diante de um questionamento: se esses dois tipos de foco têm traços discursivos e, por isso, ocupam a projeção de foco mais alta na estrutura, o que os diferencia? Como a sintaxe diferencia uma sentença SVO com foco de identificação de uma sentença SVO com foco contrastivo, por exemplo, se a estrutura das duas é a mesma, com o sintagma focalizado movido para Spec,FocP no domínio CP? A conclusão a que chegamos foi que a diferença entre esses tipos de foco é pragmática, derivada do contexto, e não está codificada na estrutura – discutiremos essa questão mais profundamente no próximo capítulo. Desse modo, assumimos que as sentenças com sujeito foco contrastivo têm as mesmas estruturas já apresentadas na seção 4.1.2.3, para os contextos de sujeito foco de identificação, a saber: SVO, pseudoclivadas e cópula + foco.

Para as sentenças clivadas, propomos seguinte estrutura:

É A MARINA que namora o Danilo (*clivada*)

[_{TP} *pro* [_T É_j [_{VP} *t_j* [_{FocP} *a Marina_j* [_{Foc} *que* [_{TP} *t_j* *namora o Danilo*]]]]]]]

Nessa representação, o sujeito foco contrastivo ocupa a periferia esquerda da sentença encaixada. Em seguida, apresentamos a proposta de estrutura das sentenças foco + que:

A MARINA que namora o Danilo (foco + que)

[_{TP} É_j [_{FocP} *a Marina_j* [_{Foc} *que* [_{TP} *t_j* *namora o Danilo*]]]]]

Nossa proposta é a mesma apresentada por Quarezemin (2009, p. 182) para sujeito foco contrastivo (a autora chama esse tipo de estrutura de *clivada truncada*). Nessa proposta, a cópula seleciona um CP e depois é apagada. Segundo a autora, não há problema com o apagamento da cópula, porque ela está em posição inicial. Nesse tipo de estrutura, o foco também está na posição FocP na periferia esquerda da sentença subordinada.

4.1.2.6 Objeto foco contrastivo

Por fim, apresentamos as estruturas produzidas para sentenças com foco contrastivo no objeto:

* O: 13 ocorrências em 64 sentenças

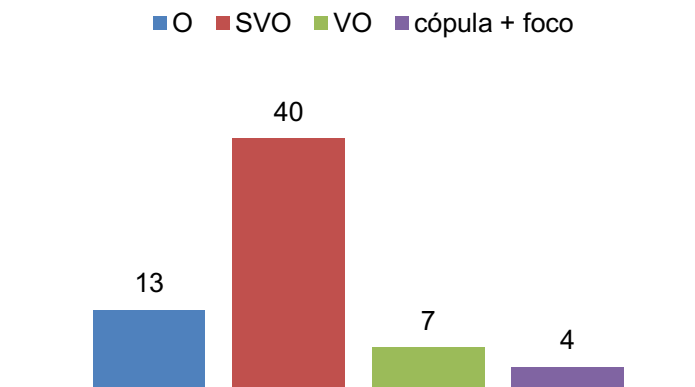
SVO: 40 ocorrências em 51⁴⁶ dados coletados (78,43%)

VO: 7 ocorrências em 51 sentenças (13,73%)

cópula + foco: 4 ocorrências em 51 sentenças (7,84%)

⁴⁶ Esse número se refere aos 64 dados totais menos os 13 que foram produzidos sem estrutura, só como O.

Gráfico 6 – Estruturas realizadas, e respectivas quantidades, para contextos de objeto foco contrastivo



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Total de estruturas com foco *in situ*: 92,16%

Total de estruturas com foco marcado na sintaxe: 7,84%

Fomos surpreendidos pela escolha dos falantes em, mais uma vez, diante de um contexto de contrastividade, deixar o foco *in situ* e fazer a marcação pela prosódia. Apesar de neste caso o foco estar no objeto, que ocupa a posição final da sentença e coincide, portanto, com a posição do acento nuclear, esperávamos que nas sentenças com foco contrastivo (que têm valores positivos para os traços [contrastividade] e [exaustividade]) o sintagma focalizado seria mais recorrentemente movido para a periferia esquerda, mas não foi isso que nossos resultados mostraram. Em 92,16% das sentenças que tinham algum tipo de estrutura, o foco foi mantido *in situ* – às vezes como sentença completa (SVO – *O Danilo ganhou UM CACHORRO*) (78,43%) e às vezes apenas com omissão do sujeito (que estava implícito no contexto, por fazer parte do pressuposto), na forma da estrutura VO (*Ganhou UM CACHORRO*) (13,73%) –, um dos índices de sentenças com foco *in situ* mais altos de todos os contextos de foco estudados aqui, justamente num caso em que se esperava muitas ocorrências de reordenamento de constituintes. Na verdade, os informantes só mudaram a estrutura da sentença em 4 ocorrências de um total 64 – o que corresponde a 7,84% dos dados quando consideramos apenas as sentenças com algum tipo de estrutura, isto é, excluindo-se as respostas compostas apenas do sintagma focalizado. A opção neste caso foi sempre pela estrutura cópula + foco (*Foi UM CACHORRO*).

Esse resultado é bem diferente daquele obtido por Quarezemin (2009), que mostrou como preferência dos participantes de seu experimento a opção OSV para contextos de foco contrastivo no objeto. A autora conclui que a estratégia de focalização *in situ* não é a preferida pelos falantes do PB nesse contexto, porém, diz que esperava exatamente o contrário: que antes de analisar os resultados do experimento, esperava “uma ocorrência maior da estratégia de focalização *in situ* para o objeto foco contrastivo, uma vez que o PB é uma língua na qual o reordenamento de constituintes dificilmente ocorre” (QUAREZEMIN, 2009, p. 119) – ou seja, os resultados que a autora esperava foram os que encontramos em nossos dados.

Como já mencionamos na seção anterior, sobre foco contrastivo no sujeito, consideramos que os focos de identificação e contrastivo compartilham a mesma representação estrutural, já que seus sintagmas, por possuírem traços discursivos, são obrigatoriamente movidos para a periferia esquerda da sentença, ocupando a mesma projeção.

Propomos, portanto, que as estruturas que nossos informantes realizaram para contexto de objeto foco contrastivo (SVO, VO e cópula + foco) são as mesmas apresentadas para o contexto de objeto foco de identificação, que foram mostradas na seção 4.1.2.4.

5 CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi aprofundar nossos estudos sobre foco em PB, trabalhando experimentalmente na interface sintaxe-prosódia.

Nos capítulos anteriores, nós apresentamos os textos e autores que abordam as teorias sobre foco com as quais estamos trabalhando; descrevemos nossa metodologia experimental, o experimento em si e, por fim, fizemos a análise dos dados coletados e os descrevemos, correlacionando-os com as teorias de base do nosso estudo. Neste capítulo, vamos concluir nossas reflexões e relacionar as análises prosódica e sintática e seus respectivos resultados com nossas perguntas e hipóteses de pesquisa, que repetiremos aqui, para maior clareza na discussão.

Pergunta e hipótese 1 – Haverá diferença na escolha das estruturas das sentenças pelos informantes que esteja relacionada aos diferentes tipos de foco? Acreditamos que nossos informantes darão preferência a estruturas SVO, ou seja, com foco *in situ*, nos contextos de foco de informação, e preferirão reordenamento sintático nos contextos de foco de identificação e contrastivo.

Como foi apresentado na seção 4.1.2, nossa hipótese foi parcialmente comprovada. Para o foco de informação obtivemos os resultados esperados, ou seja, a maioria das sentenças produzidas pelos nossos informantes foi a de foco *in situ* combinado ao foco prosódico. Considerando apenas a análise de sentenças produzidas com algum tipo de estrutura, ou seja, descartando aquelas sentenças compostas apenas dos sintagmas focalizados (S e O), os participantes do experimento escolheram a estrutura SVO para o foco de informação em 60% dos dados quando o foco era no sujeito e em 86,11% dos dados quando era no objeto. Um número maior de ocorrências para os contextos de foco no objeto já era esperado, uma vez que nesses casos o foco coincidia com a posição de acento nuclear de sentenças declarativas neutras, que é a última sílaba acentuada da sentença.

Othero e Figueiredo Silva (2012, p. 131) disseram que, em PB,

marcar o constituinte focalizado com um acento principal da frase é mais importante do que alterar a ordem básica da sentença (para

mover o constituinte focalizado para o final da frase). Na verdade, quando o objeto é o elemento focalizado, esse conflito não acontece, uma vez que o complemento já aparece à direita da frase (considerando a ordem básica da sentença em PB como sendo SVO [...]). Daí porque o candidato que apresenta a ordem SVO é melhor do que a clivada em PB. No entanto, quando o sujeito é o elemento focalizado, esse conflito entre atribuição do acento principal e o movimento do constituinte focalizado para posição final acontece. Para o PB, é mais importante respeitar a ordem básica da sentença (STAY) do que levar o constituinte focalizado para o fim da frase (ALINHEFOCO).

Apesar de essa afirmação dos autores ser referente ao foco informacional, os resultados encontrados em nossos experimentos parecem indicar que o mesmo princípio pode ser aplicado para os outros dois tipos de foco, o identificacional e o contrastivo, uma vez que nesses dois contextos de focalização nossos 17 informantes também priorizaram manter a estrutura SVO das sentenças e marcar o foco apenas pelo acento prosódico.

Para os focos de identificação e contrastivo, esperávamos que a maioria dos informantes demonstrasse preferência pelo foco marcado na sintaxe visível, por meio de sentenças clivadas ou de reordenamento de constituintes, já que carregam traços discursivos – [exaustividade] e [contraste] e, de acordo com a abordagem cartográfica, a posição desses focos está localizada na periferia esquerda da sentença (matriz ou encaixada). Mas não foi o que nossos resultados mostraram. No foco identificacional sobre o sujeito, 63,16% das ocorrências foi de sentenças com foco *in situ*,⁴⁷ um resultado até um pouco maior do que o do foco informacional, para o qual, sim, esperávamos um resultado mais expressivo de foco *in situ*. Apenas 36,84% das sentenças apresentou foco marcado na sintaxe visível. Para o foco identificacional no objeto, o resultado foi ainda mais inesperado, considerando os resultados apresentados por QUAREZEMIN (2009): 97,83% das sentenças tinham foco *in situ* (na forma de duas estruturas, SVO e VO), restando apenas 2,17% das sentenças com foco sintático nesse caso – que era um único caso de sentença com a estrutura cópula + foco em 46 amostras de fala; todas as demais 45 sentenças foram realizadas como SVO ou VO.

⁴⁷ Lembrando que para o cálculo das porcentagens já foram excluídas as sentenças sem estrutura, compostas apenas dos sintagmas focalizados.

Nos contextos de foco contrastivo, houve uma diferença considerável nos resultados relacionados à posição do foco, quando no sujeito ou no objeto. Para o foco no sujeito, o resultado foi quase dividido: 55,17% como realizações de foco *in situ* e 44,83% de realizações com foco marcado na sintaxe visível, divididos em: pseudoclivada (20,69%), cópula + foco (13,79%), clivada canônica (6,9%) e foco + que (3,45%). Já quando o foco contrastivo recaía sobre o objeto, os informantes optaram, por larga maioria, pelo foco *in situ*, na realização de 92,16% das estruturas, marcando o foco na sintaxe em apenas 7,84% das sentenças com estrutura.

Percebemos, por esses resultados, que de fato a observação de Othero e Figueiredo Silva (2012) pode ser ampliada para os focos de identificação. Observem-se os resultados resumidos no Quadro 6:

Quadro 6 – Estruturas realizadas pelos participantes e porcentagem de ocorrência, por posição de foco e tipo de focalização, já excluídas as sentenças que apresentavam apenas o sintagma focalizado (que não tinham estrutura para análise – S e O).

		<i>foco in situ</i>			<i>foco marcado na sintaxe visível</i>				
		SVO	VO	Total <i>in situ</i>	cópula + foco	pseudoclivada	foco + que	OSV	clivada
Sujeito	Informação	60%	-	60%	20%	20%	-	-	-
	Identificação	63,16%	-	63,16%	21,05%	15,79%	-	-	-
	Contrastivo	55,17%	-	55,17%	13,79%	20,69%	3,45%*	-	6,9%**
Objeto	Informação	83,79%	10,81%	94,6%	-	-	2,7%*	2,7%*	-
	Identificação	89,13%	8,7%	97,83%	2,17%	-	-	-	-
	Contrastivo	78,43%	13,73	92,16%	7,84%	-	-	-	-

* Sentenças produzidas por único informante (informante 6)

** Sentenças produzidas por um único informante (informante 1)

Fonte: Elabora pela autora (2019).

Comparando a porcentagem de realizações de foco *in situ* por foco no sujeito e no objeto, podemos perceber como os falantes demonstraram preferir o deslocamento de sujeito, que já não está em uma posição alinhada ao acento nuclear, e quase não fizeram isso quando o sintagma focalizado era o objeto – eles optaram, sempre com taxas acima de 90%, por manter o objeto em sua posição de origem, sem deslocamento. Quando o foco recai sobre o objeto, os falantes optam por mantê-lo em sua posição, pois ela coincide com o acento nuclear da sentença, então eles só precisam marcar o acento como foco, sem precisar deslocá-lo para outra posição na sentença, que é o que acontece quando o foco é o sujeito na estrutura SVO. Encontramos aqui uma evidência de que, no PB, os falantes preferem marcar o foco por meio da prosódia e não reordenar a sentença.

Acrescentamos ainda uma observação sobre os dados relacionados ao foco contrastivo, tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto: a marcação do contraste/da correção com o acréscimo de advérbios de negação ou outras frases de apoio (como “É mentira”, por exemplo), por meio da qual os informantes negam a afirmação do interlocutor antes de fazerem a correção com as suas falas. Ou seja, nesses casos a maioria dos informantes realmente não recorreu à sintaxe para marcar o foco contrastivo, mas também não recorreu apenas à prosódia. A sinalização do contraste por meio desses “marcadores de discurso” com função de corrigir o interlocutor esteve presente em 76,5% de todas as sentenças com foco contrastivo – 75% nas com foco no sujeito e 78% nas com foco no objeto.

Podemos relacionar nossos resultados com resultados provenientes de estudos conduzidos anteriormente por outros pesquisadores. Em Quarezemin (2009) e Guessier (2011), por exemplo, vemos que, no caso de sujeito foco de informação, o falante dá preferência à estrutura *in situ*, ou seja, SVO, com marcação prosódica, o que é corroborado pelos nossos resultados. Já em contextos de sujeito como foco contrastivo, as autoras mencionam que a preferência dos falantes seria por estruturas clivadas, o que difere dos nossos resultados, que mostram que mesmo nesses casos os falantes deram preferência à estrutura SVO combinada à marcação prosódica do foco.

O experimento conduzido por Quarezemin (2009) era um questionário escrito do tipo “múltipla escolha”, ou seja, de escolha forçada, em que os participantes liam algumas opções oferecidas como resposta e assinalavam a escolhida por eles para aquele contexto. Deve-se levar em conta, portanto, que,

nesse caso, os participantes não tinham a realização da prosódia como opção. Já no nosso experimento, como era de fala (e com liberdade na escolha das sentenças, sem apresentarmos alternativas), dava aos participantes essa possibilidade, o que talvez seja uma explicação para o número mais elevado de sentenças SVO, com marcação prosódica do foco, mesmo nos casos de foco contrastivo (o experimento conduzido por Quarezemin não avaliou sentenças com foco identificacional). A autora diz: “antes de analisarmos os resultados do experimento, esperávamos uma ocorrência maior da estratégia de focalização *in situ* para o objeto foco contrastivo. Uma vez que o PB é uma língua na qual o reordenamento de constituintes dificilmente ocorre” (2009, p. 119). Esse resultado esperado por Quarezemin foi exatamente o que apareceu nos nossos dados, talvez porque, no nosso experimento, o foco apenas prosódico (*in situ*) poderia ser realizado (falado) pelos participantes da coleta de dados.⁴⁸

Fernandes (2007) conduziu experimentos para a análise de sentenças com foco informacional no sujeito. Um dos experimentos era uma entrevista, e os participantes foram orientados a proferir sentenças completas com a estrutura de sua preferência. Os resultados desse experimento de fala oral se assemelham aos resultados obtidos pelo nosso experimento. De acordo com a autora, os falantes de PB que participaram da coleta optaram pelo foco prosódico na maioria das produções, mantendo a estrutura SVO como preferencial.

Guessier (2007) também estudou a focalização informacional do sujeito em PB com a condução de experimentos. A metodologia envolvia a exibição de um vídeo aos participantes seguida de perguntas sobre o que se passou nas cenas exibidas, ou seja, também era um experimento de fala oral. Como resultado, a autora demonstrou que 37,1% dos participantes escolheram SV como estrutura para a marcação de foco informacional do sujeito. Consideramos, nesse caso, as sentenças SV igualmente como foco *in situ*, ou seja, com o foco marcado pela prosódia, uma vez que vários dos verbos que compunham o *corpus* do experimento eram inergativos ou acusativos, o que significa que eles não tinham Objeto, não sendo possível nesses casos uma estrutura do tipo SVO. A segunda estrutura

⁴⁸ No questionário, a autora incluiu sentenças SVO como opção para escolha dos participantes, o que na análise era considerado como foco prosódico. Deixamos em aberto o questionamento sobre quanto as diferenças metodológicas (de realização ou não das sentenças de forma oral) podem ter afetado os resultados de cada experimento.

preferida pelos participantes do experimento de Guessser foi a pseudoclivada, com 31,61% das ocorrências. Além dessas, apareceram em menor quantidade as seguintes estruturas nos dados coletados pela autora: clivada canônica (7,58%), VS (7,58%), cópula + foco (que a autora chama de *clivada reduzida*) (7,39%), clivada truncada⁴⁹ (4,25%) e estrutura passiva (3,88%). A autora agrupou todas as estruturas clivadas num grande grupo e apresentou seus dados com a seguinte distribuição: estruturas clivadas em geral (50%), SV (38%), VS (8%) e passiva (4%). Nossos resultados corroboram os achados da autora, já que também demonstram a preferência dos falantes pelas estruturas de foco *in situ* e pseudoclivada.

Nenhum desses estudos apresentados, bem como outros que estudamos na etapa de revisão bibliográfica, investigou ao mesmo tempo os três tipos de foco que estamos estudando, e nenhum deles investigou a fundo o foco de identificação, combinado ou isoladamente. Ou era apenas foco informacional, ou era um estudo comparativo entre o foco informacional e o foco contrastivo. Se estivéssemos apenas comparando dois tipos de foco em uma posição só, foco informacional e foco contrastivo apenas no sujeito, digamos, teríamos encontrado as diferenças que encontramos entre elas nos padrões entoacionais e poderíamos, por extensão, concluir que tais notações dos sintagmas focalizados seriam encontradas também nos mesmos tipos de foco quando no objeto. Mas ao escolhermos analisar também os focos em outra posição, percebemos que o padrão entoacional identificado é diferente em cada uma dessas posições.

Se considerarmos que essas diferenças de notação no núcleo entoacional (sintagma focalizado) são fonológicas, então a conclusão é que não há um tipo de acento tonal específico para cada tipo de foco, já que ele muda conforme a posição do foco, mesmo que seja do mesmo tipo⁵⁰. Estudar experimentalmente três tipos de foco ao mesmo tempo, em duas posições sintáticas diferentes, ou seja, um panorama de pesquisa com seis realizações de foco, foi, de fato, bastante trabalhoso, mas colocar esses resultados em perspectiva uns com os outros dá uma nova dimensão para aquilo que se assume como realização do foco em PB e certamente traz novas contribuições para a investigação do foco em nosso idioma.

⁴⁹ Exemplo: “A menina que varreu o chão” (GUESSER, 2007, p. 100).

⁵⁰ Como não dispomos de dados suficientes para assumir essa consideração, deixamos a discussão em aberto para pesquisas futuras.

Há ainda uma outra questão que, embora não tenha sido o escopo deste trabalho e fique para estudos futuros, é importante mencionar: a marcação do foco pela prosódia visual. Lembramos que fizemos a coleta de dados gravando os informantes também em vídeo, para futuramente desenvolvermos estudos na área da prosódia visual. Ainda que não tenhamos analisado detalhadamente e descrito tais dados para esta tese, acompanhamos e chegamos a assistir posteriormente às gravações de nossos informantes, sendo possível identificar de forma preliminar algumas pistas visuais que acompanham as produções dos tipos de foco. Essas pistas visuais usadas pelos informantes foram muitas, e eram mais evidentes ainda em sentenças contrastivas, por meio de acenos negativos com a cabeça e olhares de reprovação e discordância. Assim, apesar de não recorrerem à sintaxe como recurso preferido, os falantes estavam geralmente combinando dois recursos marcadores de foco: a prosódia nas modalidades auditiva e visual.

Pergunta e hipótese 2 – Duas perguntas nortearam nossa segunda hipótese:

a. As descrições prosódicas apresentarão diferenças entre os três tipos de foco analisados?

b. Será que, como proposto por Menuzzi (2012), a prosódia apenas identifica o sintagma focalizado, sem dar pistas sobre o tipo de foco, e a diferença entre os tipos de foco seria apenas pragmática, não codificada – portanto, não diferenciada – na estrutura?

Assumimos, seguindo a teoria cartográfica – Rizzi (1997), Cinque (1999), Belletti (2004) e Cinque e Rizzi (2010) –, que há duas posições diferentes para alojar constituintes focalizados, a saber, uma posição de foco baixa para contextos de foco de informação e uma posição de foco alta, na periferia esquerda da sentença, para contextos de foco de identificação e contrastivo. Nossa hipótese é que encontraremos, no mínimo, diferenças prosódicas relacionadas a essas duas posições estruturais, mas acreditamos ser possível identificar e descrever configurações prosódicas particulares para cada um dos três tipos de foco

Não foi possível confirmar totalmente nossa segunda hipótese. Encontramos algumas diferenças prosódicas entre as seis configurações de foco que investigamos (focos de informação, identificação e contrastivo, nas posições

sujeito e objeto em sentenças SVO), mas elas não são consistentes para cada uma das configurações de foco em particular.

No caso do foco no objeto, os três parâmetros de análise prosódica que investigamos, que são a notação prosódica, o alinhamento do pico entoacional e os valores de *pitch range*, foram quase todos os iguais, independentemente do tipo de foco. A notação prosódica mais recorrente no núcleo entoacional de todas as sentenças com foco no objeto foi H↓L* (um movimento de descida bastante acentuado na sílaba tônica), do mesmo modo que o alinhamento do pico entoacional predominante nos três contextos estava entre as sílabas pré-tônica e tônica. Havia uma pequena diferença de valores em semitons para a variação do *pitch range*, mas analisando a Tabela 6 na seção 4.1.1.1.7, percebe-se que a variação tem mais diferença quando se compara os valores de foco no objeto com os de foco no sujeito, e não quando se compara os valores do foco no objeto entre si (o mesmo se dá para os valores de foco no sujeito).

Encontramos alguma diferença entre as configurações prosódicas quando o foco recaía sobre o sujeito. Os focos de informação e identificação compartilhavam a mesma notação (HL*), caracterizada por uma configuração de descida na sílaba tônica, como nos contextos de foco no objeto, mas com a diferença de que quando era foco no sujeito a descida não era tão acentuada. Embora a notação dos focos de informação e identificação fossem as mesmas, eles se diferenciavam pelo alinhamento do pico tonal. O foco contrastivo no sujeito teve uma notação particular, que não foi a mais recorrente em nenhum outro contexto de focalização desta pesquisa, LH*, e a segunda mais recorrente foi H* – ambas indicando, apenas para esse contexto, que o movimento na sílaba tônica era de subida da frequência fundamental. Além disso, o alinhamento do pico entoacional desse contexto de focalização também era diferente de todos os outros; só em contextos de foco contrastivo no sujeito foi encontrado alinhamento do pico tonal entre a tônica e a pós-tônica, justamente porque a curva fazia movimento de subida na sílaba tônica, e não de descida, como em todos os outros contextos. Vimos que quando o foco recaí sobre o sujeito de uma sentença SVO, cada um dos três tipos de foco tem uma posição de alinhamento do pico tonal diferente. O *pitch range* dos três tipos de foco apresenta valores médios abaixo dos três tipos de foco quando localizados sobre o objeto.

Não encontramos, portanto, diferenças consistentes considerando os tipos de foco, e quando consideramos a posição do foco, encontramos alguma consistência apenas para os contextos com foco no objeto.

Apesar de não serem os resultados que esperávamos encontrar, sabemos que eles são importantes e acrescentam para a descrição do foco prosódico em PB. Em comunicação pessoal⁵¹, a professora doutora Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR), membro da banca de avaliação, nos fez algumas observações sobre as quais refletimos e que nos acompanharam até esta etapa final de escrita. Acreditamos que a reflexão que ela fez de fato se aplica ao nosso objeto de estudo, e vamos apresentá-la.

Figueiredo Silva mencionou a possibilidade de haver um contorno subespecificado para as curvas de sentença com foco estreito, lembrando que nada é (ou precisa estar) em uma relação "um pra um". Há formas na língua que são subespecificadas. Ela trouxe um exemplo da morfologia distribuída, o morfema *-ada*: não haveria três tipos de morfemas diferentes, mas um morfema subespecificado que receberia valor dentro do contexto em que aparece – se acompanhado do verbo “ser”, então adquire valor de passiva; se acompanhado do verbo “ter”, adquire valor de ativa; se está acompanhado de substantivo, adquire valor adjetivo. Poderia, portanto, haver um contorno de foco subespecificado que assume um valor específico de acordo com o contexto. Nós podemos assumir um contorno dessa natureza pelo menos para as sentenças com foco no objeto, já que a maioria delas, independentemente do tipo de foco, apresentou a mesma notação prosódica, o alinhamento do pico tonal no mesmo ponto com relação à sílaba tônica e uma variação muito pequena em semitons no *pitch range* entre si, com uma diferença maior quando os valores eram comparados aos das sentenças com foco no sujeito. Para Menuzzi (2012, p. 100), “as noções de ‘foco informacional’, ‘foco contrastivo’ e ‘foco exaustivo’ são redutíveis à de ‘foco’, em interação com informações contextuais”. O autor assume que o contexto pragmático é que vai dar informações para os interlocutores sobre a interpretação que o ouvinte deve dar ao sintagma em destaque na sentença dita pelo falante; e, no mesmo raciocínio, não acredita que haja diferenças significativas fonológicas de acento entre os focos informacional e

⁵¹ Por ocasião do evento de qualificação desta tese, do qual a professora doutora Maria Cristina Figueiredo Silva participou como membro avaliador.

contrastivo. A reflexão final da professora Maria Cristina Figueiredo Silva, e por fim nós passamos também a assumir essa linha de pensamento, é que se mesmo com todo o cuidado metodológico que tivemos (“controle obsessivo do experimento”, nas palavras da professora), analisando dados coletados com uma grande amostra de falantes do PB, nós não estamos conseguindo encontrar diferenças prosódicas claras que mostrem uma relação biunívoca entre tipos de foco e acentos prosódicos, isso parece indicar que elas realmente não existem. Ainda segundo Figueiredo Silva, também em fala na banca de qualificação desta tese, “a vantagem de controlar milimetricamente a diferença é que [...] se não tem diferença, não tem diferença mesmo”⁵² – sem que se deixe de fazer, claro, uma ressalva quanto à possibilidade de que se venha a apontar alguma variável que não tenha sido controlada por nós. Acreditamos, portanto, que um de nossos achados com esta pesquisa é: não existe um acento prosódico claro, que possa ser descrito e não deixe margem a dúvidas, para cada um dos tipos de foco que estamos estudando.

Para Lambrecht (1994, p. 211-212),

a categoria pragmática “foco” deve ser nitidamente distinguida de sua realização gramatical na sentença, isto é, o domínio sintático no qual ela é expressa e os meios prosódicos pelos quais este domínio sintático é marcado, que são os meios de acentuação da sentença. A distinção entre foco e acento de sentença é particularmente importante, uma vez que a acentuação de sentenças não é um dispositivo de marcação de foco *per se*, mas um dispositivo geral para a marcação de porções semânticas dentro de proposições estruturadas pragmaticamente, sejam elas focais ou não. A interpretação do foco de uma proposição é determinada por vários fatores gramaticais, dos quais apenas um é prosódico.

O autor também defende que não é o acento sentencial por si que sinaliza uma proposição como sendo nova informação (ou seja, focalizada), mas que o foco se dá por meio do estabelecimento de relações entre as porções do conteúdo assertado (LAMBRECHT, 1994, p. 212).

Concluimos, como Bocci (2013, p. 132), que nem experimentos de produção baseados em fala lida, como os que ele apresenta em seu texto, nem

⁵² A fala da professora Maria Cristina Figueiredo Silva na banca de qualificação desta tese foi gravada, com o seu consentimento, e consultada para as citações acrescentadas a estas conclusões.

dados de produção mais naturalistas, dos quais tentamos nos aproximar o máximo possível ao criarmos nossa metodologia de coleta de dados,

podem dar respostas conclusivas, uma vez que eles não fornecem evidências negativas. No entanto, um experimento de produção pode pelo menos sugerir que uma certa propriedade está sob o controle cognitivo dos falantes, seja ela uma propriedade categórica ou não.

Assim concluímos a descrição de nossa pesquisa, certos de que apresentamos resultados importantes e que muito acrescentam à descrição do foco em PB, especialmente para a interface entre fonética e sintaxe. O material obtido por meio de nossa coleta de dados excede o que foi descrito nesta tese, e a exploração desse material excedente ainda nos permitirá realizar outras análises, chegar a novas conclusões e até, possivelmente, perceber a necessidade de algumas correções, pois é desse modo que a ciência é feita.

Na próxima seção, faremos uma breve descrição de possíveis estudos para o futuro desta pesquisa.

5.1 FUTURO DA PESQUISA

Esperamos desenvolver outros estudos futuros sobre focalização, com aprofundamento da investigação dos nossos dados e a coleta de novos materiais, pois sabemos que isso vai nos ajudar a entender e acrescentar ainda mais informações à descrição desse fenômeno discursivo tão importante nas línguas naturais.

Duas análises extras que gostaríamos de realizar, por exemplo, com os dados que já coletamos, são: proceder com a análise prosódica das sentenças que têm outras estruturas além da SVO e também a descrição e a análise da prosódia visual, que certamente terá muito a acrescentar a este estudo.

Também planejamos rodar *scripts* (desenvolvidos para o *software* de análise fonética Praat) que nos permitirão normalizar os dados na linha do tempo e fazer comparações mais precisas sobre alinhamento do pico tonal. Encontramos estudos e tivemos acesso a *scripts* com essa função na fase final da nossa pesquisa, porém, seria preciso segmentar novamente todas as curvas do nosso *corpus*, pois esses *scripts* precisam de uma segmentação marcada e etiquetada

(nomeada) de modo diferente, e já não havia tempo hábil para isso. Estas seriam algumas das etapas de trabalho necessárias para essa segunda forma de análise nos dados de fala:

- a. rodar um *script* que realiza a segmentação V-V⁵³ e a etiquetagem de todas as curvas de nosso *corpus*;
- b. após a segmentação e a etiquetagem das curvas, fazer oitiva e conferência de todas as produções, curva a curva, ponto a ponto, para conferência e ajustes finos;
- c. rodar outro *script* que realiza a marcação e a extração dos pontos segmentados para proceder com a normalização dos dados (as etapas a e b, acima, são pré-requisito para esta);
- d. montagem das curvas em forma de gráfico para comparação, análise e apresentação.

Depois de termos estudado essa forma de investigação dos dados, concluímos que ela será bem importante para incrementar a análise prosódica, e pretendemos realizá-la assim que possível.

Além disso, gostaríamos de coletar mais dados, com novos informantes, para aumentar o número de amostras e poder rodar testes estatísticos, que nos indicariam com mais precisão se as diferenças que encontramos nos dados são significativas ou não. A partir dessas informações estatísticas, pretendemos proceder com testes de percepção, para verificar se e como falantes nativos do PB, ao ouvirem as sentenças de nosso *corpus*:

- a. percebem diferenças em notações como HL*, H↓L* e ↓L*, por exemplo, que foram as configurações tonais mais realizadas pelos nossos informantes nos segmentos focalizados.
- b. identificam diferenças prosódicas que a notação não demonstra, com o uso de testes de escolha forçada e identificação de contexto para a curva, por exemplo.

Apresentamos acima algumas das ideias que tivemos para incrementar e aprofundar nosso estudo, mas certamente outras ainda surgirão ao darmos seguimento à nossa pesquisa futuramente.

⁵³ Unidades V-V (vogal a vogal) compreendem o espaço entre os *onsets* de duas vogais, uma na sequência da outra. Para mais detalhes sobre essa forma de segmentação, ver Barbosa (2006).

REFERÊNCIAS

- ABOH, E. O. **The Morphosyntax of Complement-Head Sequences**: Clause Structure and Word Order Patterns in Kwa. New York: Oxford University Press, 2004.
- BARBOSA, P. A. **Incursões em torno do ritmo da fala**. Campinas: Pontes, 2006.
- BELLETTI, A. **Aspects of low IP area**. Siena, 2001. Dissertação (Mestrado) – Università di Siena.
- _____. Aspects of low IP area. Rascunho do capítulo a aparecer em: RIZZI, L. **The Structure of IP and CP**: The Cartography of Syntactic Structures, v. 2. New York: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/aspects_low_IP.doc> Acessado em: 13 jan. 2019.
- BOCCI, G. Criterial positions and left periphery in Italian: Evidence for the syntactic encoding of contrastive focus. In: **Nanzan Linguistics**, special issue 3, v. 1. 2007. p. 35-70. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/2-EDITED_BOCCI-nanzan.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.
- BOCCI, 2008 - On the syntax-prosody interface: an analysis of the prosodic properties of postfocal material in Italian and its implications
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer [Programa de computador]. Versão 6.0.25, 2019. Disponível em: <<http://www.praat.org>>.
- BRAGA, J. V. A. **Tipos de tópico em Português Brasileiro: um olhar prosódico-sintático**. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. 111 p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-19012017-135903/publico/2016_JoaoViniciusDeAlmeidaBraga_VOrig.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.
- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 37-60.
- CANTERO, F. J. **Teoría y análisis de la entonación**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2002.
- CARPES, D. R. P. **Um estudo prosódico-semântico da não exaustividade no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 107 p. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PLLG0574-D.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.
- CARPES, D. R. P.; SEARA, I. C. Estratégias metodológicas para investigar a prosódia do foco no português brasileiro. In: **Revista do GEL**. v. 14, n. 2. São Paulo, ago. 2017. p. 125-156. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1588/1185>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

CARPES, D. R. P.; SOSA, J. M.; SEARA, I. C. Experimento de produção sobre a prosódia da não exaustividade no português brasileiro. **Leitura**. n. 52. Maceió, jul./dez. 2013. p. 165-184.

CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D.; JAKOBOVITS, L. **Semantics**: an interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

_____. Conditions on transformations. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. **A festschrift for Morris Halle**. New York: Holt, Rinehart and Wiston, 1973.

_____. A minimalist program for linguistic theory. In: K. HALE; J. KEYSER. **View from Building 20**: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1993.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

CINQUE, G. Functional Structure in DP and IP. **The Cartography of Syntactic Structures**, v. 1, New York: Oxford University Press, 2002.

CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography Syntactic of Structures. In: **STiL – Studies in Linguistics**, CISCL Working Papers, v. 2, p. 42-58, 2008.

_____. The cartography of syntactic structures. In: **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. New York: Oxford Univ. Press, 2010. p. 51-65.

CONSONI, F., PERES, D., LASSAK, A., ROSA, R., & FERREIRA NETTO, W. Sensitivity to F0 variation in Brazilian Portuguese. **Proceedings of 40th Poznan Linguistic Meeting**. Poznan, 2009.

DOHEN, M.; LOEVENBRUCK, H. Interaction of audition and vision for the perception of prosodic contrastive focus. **Language and Speech**. v. 52. 2009. p. 177-206. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26687561_Interaction_of_Audition_and_Vision_for_the_Perception_of_Prosodic_Contrastive_Focus>. Acesso em: 2 abr. 2017.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In: Wetzels, L.; Costa, J.; Menuzzi, S.. (Org.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 1. ed. Londres: Wiley-Blackwell, 2016, v. , p. 234-253.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. Measuring Facial Movement. **Environmental Psychology and Nonverbal Behavior**, n. 1, 1976. p. 56-75.

ELORDIETA, G. Constraints on Intonational Prominence of Focalized Constituents. In: LEE, C.; GORDON, M. (Ed.). **Topic and Focus**: Cross-Linguistic Perspectives on Meaning and Intonation. Springer, 2007. p. 1-22.

FERNANDES, F. R. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade de Campinas, 2007. 415 p.

_____. Tonal association of neutral and subject-narrow-focus sentences in Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**. Campinas; p. 91-115, 2007.

_____. A distinção foco/tópico em tzotzil, jakaltek, tembé, xavante, português brasileiro e português europeu. In: **Revista Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 55-87, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2493/2445>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese**: phonological phrasing and intonation (outstanding dissertations in Linguistics). New York: Garland Publishing, 2000.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Campinas: edição do autor, 1982. p. 81-103.

GUESSER, S. **La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano**. Tese (Doutorado em Informática, Lógica Matemática e Ciências Cognitivas). Siena: Universidade de Siena, 2011. 190 p.

_____. **Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in portoghese brasiliano**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Siena: Universidade de Siena, 2007. 137 p.

GUESSER, S.; LUZ, M. G. F. Resenha de: BIANCHI, V. Focus fronting and the syntax-semantics interface. In: SHLONSKY, Ur. Beyond the functional sequence. Oxford: Oxford University Press, 2015. **Fórum Linguístico**: Revista de Linguística. v. 12, n. 3. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n3p854>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. **Revista Linguística**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 9, n. 1. 2013.

GUNDEL, J. K.; FRETHEIM, T. Topic and Focus. In: **The handbook of pragmatics**. HORN, L. R.; WARD, G. (Ed.). Australia: Blackweel, 2006.

JACKENDOFF, R. **Semantics in Generative Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1972.

KADMON, N. **Formal pragmatics**: semantics, pragmatics, presupposition and focus. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.

KATO, M. A. Teoria sintática: de uma perspectiva de “-ismos” para uma perspectiva de “programas”. In: **DELTA** São Paulo, v. 13, n. 2, p. 275-299, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 13 mar. 2019.

_____. Two focus positions in the history of Brazilian Portuguese. **ReVEL**, edição especial n. 10, 2015. p. 19-41.

KISS, K. Identificational focus versus information focus. **Language**. v.74, n. 2, p. 245-273, 1998. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/language/v074/74.2.kiss.html>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

KLEIN, S. Foco no português brasileiro. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRÃO, M. J. (Org.) **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 125-151.

LADD, R. **Intonational phonology**. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1996.

LAMBRECHT, K. **Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LONGHIN, S. R. O constituinte pragmático intra-oracional: Foco. **Estudos Lingüísticos**, n. 27, 1998, p. 218-225.

LUCENTE, L. **DaTo: um sistema de notação entoacional do português brasileiro baseado em princípios dinâmicos: ênfase no foco e na fala espontânea**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. 62 p.

MAIA, M. Sintaxe experimental: uma entrevista com Marcus Maia. **ReVEL**. v. 10, n. 18, 2012, p. 184-193. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/6935cf63f254321891e9df0d88ad1a13.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2016.

MARTINS, M. V. M., & FERREIRA NETTO, W. Prosódia e escalas de frequência: um estudo em torno da escala de semitons. **ReVEL**, v. 8, n. 15, 2010, p. 286–296. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_15_prosodia_e_escalas_de_frequencia.pdf>. Acessado em 8 mai. 2016.

MENUZZI, S. M. Algumas observações sobre foco, contraste e exaustividade. In: **Revista Letras**. n. 86. jul./dez. 2012. Curitiba: Editora UFPR. p. 95-121. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewFile/29909/19907>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, 56, p. 97-139, 2001.

_____. Focalização e quantificação. **Revista Letras**. v. 61. Curitiba: Editora UFPR, 2003. p. 169-189.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A. T. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 159-183.

MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. HIRST, D.; DI CRISTO, A. **Intonation Systems: a survey of twenty languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 179-194.

_____. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *Speech Prosody*, 4, 2008, Campinas. **Proceedings...**, Campinas, 2008. p. 389-397. Disponível em: <<http://sprosig.isle.illinois.edu/sp2008/papers/8inv.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2019.

MORAES, J. A.; RILLIARD, A. Illocution, attitudes and prosody. In: RASO, T., MELLO, H. (eds.) **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

MORAES, J. A.; MIRANDA, L.; RILLIARD, A. Expressões faciais na manifestação de atitudes prosódicas do Português do Brasil. Trabalho apresentado no **GSCP 2012 International Conference**. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://150.164.100.248/gscp2012-eng/data1/arquivos/gscp2012_submission_96.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MUNHALL, K.G. et al. Visual prosody and speech intelligibility: head movement improves auditory speech perception. **Psychological Science**, v. 15, n. 2, 2004. 133-137.

NOOTEBOOM, S. The prosody of speech: melody and rhythm. In: HARDCASTLE, W. J.; LAVER, J. (Ed.) **The handbook of phonetic sciences**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1997. p. 641-673.

OLIVEIRA, R. P.; SEARA, I. C. Semântica ou Pragmática? Um experimento em prosódia. In: CRUZ, R. T. (Org.). **As interfaces da gramática**. Curitiba: CRV, 2012.

OTHERO, G. A.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. Focalização em português: interface entre condições sintáticas, prosódicas e de estrutura informacional. In: CRUZ, R. T. (org.). **As interfaces da gramática**. Curitiba: CRV, 2012. p. 119-135.

PACHECO, V. Percepção de ênfase e atenuação: o papel dos movimentos faciais e corporais. **Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala**. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/1263/1377>. Acesso em : 29 jun. 2016.

PIERREHUMBERT, J. **The Phonology and Phonetics of English Intonation**. Cambridge: MIT, 1980.

QUAREZEMIN, S. **A focalização do sujeito no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

_____. **Estratégias de focalização no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. 198 p.

_____. Foco e tópico nas línguas naturais. n: CRUZ, R. T. (org.). **As interfaces da gramática**. Curitiba: CRV, 2012. p. 99-117.

QUAREZEMIN, S.; TESCARI-NETO, A. Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco. **ReVEL**, edição especial n. 10, 2015.

RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In: HAEGEMAN, L. **Elements of Grammar**. Kluwer: Dordrecht, 1997.

_____. On the position “int(errogative)” in the left periphery of the clause. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). **Current studies in Italian syntax**: Essays offered to Lorenzo Renzi, Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 267–296

_____. **The structure of CP and IP**: the cartography of syntactic structures. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

_____. Topic, Focus, and the Cartography of the Left Periphery. In: LURAGHI, S; PARODI, C. (ed.). **The Bloomsbury Companion to Syntax**. New York: Bloomsbury Academic, 2013. p. 436-451.

_____.; BOCCI, G. Left Periphery of the Clause Primarily: Illustrated for Italian. In: **Blackwell Companion to Syntax**, II edition. New Jersey: Blackwell Publishers, 2017.

ROOTH, M. **Association with focus**. Tese. Amherst: University of Massachusetts, 1985. 227 p.

_____. Focus. In: LAPPIN, S (Ed.). **The Handbook of Contemporary Semantic Theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

SEARA, I. C.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. Metodologia para descrição da entoação na interface sintaxe-fonologia. **Revista Intercâmbio**, v. XVI. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2007.

SOUZA, E. F. R. **Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil**: uma abordagem funcionalista. Dissertação (mestrado). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2004. 174 p.

SWERTS, M.; KRAHMER E. Facial expression and prosodic prominence: Effects of modality and facial area. **Journal of Phonetics**. v. 36, n. 2, 2008, p. 219-238.
Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0095447007000241>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

T'HART, J. Differential sensitivity to pitch distance, particularly in speech. **Journal of Acoustical Society of America**, 1981.

XU, Y. In defense of lab speech. In: **Journal of Phonetics**. n. 38, 2010. p. 329-336. Disponível em:

<http://www.homepages.ucl.ac.uk/~uclyyix/yispapers/Xu_JPhon2010_author_version.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

ZUBIZARRETA, M. L. **Prosody, focus and word order**. Cambridge: MIT Press, 1998.

Anexo A – Parecer do comitê de ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE ACÚSTICA, AERODINÂMICA E ARTICULATÓRIA DA FALA

Pesquisador: IZABEL CHRISTINE SEARA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53753516.5.1001.0121

Instituição Proponente: Centro de comunicação e expressão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.619.768

Apresentação do Projeto:

FONAPLI: Análise acústica, aerodinâmica e articulatória da fala.

Objetivo da Pesquisa:

Obter conhecimento linguístico sobre o português brasileiro por meio da fala de diversos dialetos e sobre as línguas estrangeiras.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O desconforto poderá existir devido ao tempo das sessões de gravação dos dados de fala e/ou ao posicionamento dos equipamentos necessários para a obtenção dos dados. A participação é voluntária e não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento sobre a produção de sons, de prosódia e entoação no português brasileiro e nas variações dialetais, além das línguas estrangeiras.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa, documentos e TCLE satisfazem as normas vigentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos e TCLE foram atendidos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências anteriores foram atendidas.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 1.619.768

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_658968.pdf	25/05/2016 21:44:35		Aceito
Outros	resposta_as_pendencias.pdf	25/05/2016 21:43:41	Michele Gindri Vieira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_FONAPLI.pdf	25/05/2016 21:33:09	Michele Gindri Vieira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	18/05/2016 22:07:56	Michele Gindri Vieira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_17_02_16.pdf	17/02/2016 22:18:38	IZABEL CHRISTINE SEARA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 04 de Julho de 2016

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
 Centro de Comunicação e Expressão – CCE
 Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin
 Laboratório de Fonética Aplicada – FONAPLI

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Nome do(a) participante: _____
 Data nascimento: ____/____/____ Cidade de nascimento: _____
 Endereço: _____
 Cidade onde mora: _____ Há quanto tempo mora: _____
 E-mail: _____ Telefone: (____) _____
 RG: _____ CPF: _____ Data da gravação: ____/____/____
 Escolaridade: _____

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Izabel Christine Seara

Demais pesquisadoras: Daise Ribeiro P. Carpes e Profa. Sandra Quarezemin

Prezado(a) participante,

Gostariamos de convidá-lo(a) a participar do projeto que apresenta as seguintes características:

1. *Título do projeto do FONAPLI:* **Análise acústica, aerodinâmica e articulatória da fala.**
2. *Objetivo principal:* Proporcionar mais conhecimentos linguísticos sobre o português brasileiro (doravante PB) falado por meio de uma caracterização do modo de falar dos diversos dialetos e sobre as línguas estrangeiras.
3. *Justificativa:* Busca-se a ampliação de estudos a fim de contribuir para maior entendimento nas áreas de fonética acústica, fonética perceptual, fonética articulatória, fonologia, aquisição e desenvolvimento da linguagem, interfonologia, prosódia e entoação.
4. *Procedimentos:* Participar de sessões de gravações dos dados de fala em uma cabine acústica ou outro local silencioso e/ou responder a uma entrevista sobre aspectos relacionados à fala.
5. *Riscos e desconfortos:* Não existe risco previsível. O desconforto poderá existir devido ao tempo das sessões de gravação dos dados de fala e/ou ao posicionamento dos equipamentos necessários para a obtenção dos dados.
6. *Benefícios:* A participação é voluntária e não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará melhor conhecimento sobre a produção de sons, de prosódia e entoação no PB e nas variações dialetais, além das línguas estrangeiras. Servirá também para futuros estudos na área de Fonética e Fonologia e suas interfaces com outras áreas.
7. *Direitos do participante:* Pode se retirar deste estudo a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo e tem direito de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Para tanto, basta entrar em contato com a pesquisadora responsável ou outra das pesquisadoras do projeto.
8. *Compensação financeira:* Caso necessário, haverá compensação material, exclusivamente para despesas de transporte do participante e de seus acompanhantes.
9. *Incorporação ao banco de dados do FONAPLI:* Solicitamos que os dados obtidos, na forma de gravações em áudio e/ou vídeo, possam ser incorporados ao banco de dados do FONAPLI, cujos responsáveis zelarão pelo uso e pela aplicabilidade das amostras exclusivamente para fins científicos, apenas consentindo o seu uso futuro em projetos que atestem pelo cumprimento dos preceitos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos.
10. *Em caso de dúvidas:* o participante pode entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo banco de dados do FONAPLI (Profa. Dra. Izabel Christine Seara) pelo telefone (48) 3721-6591 ou no endereço Rua Salvatina Feliciano dos Santos, 235, ap. 905, Bloco B, bairro Itacorubi,

Florianópolis/SC, CEP: 88034-600. Ainda, pode entrar em contato com a pesquisadora Daise Ribeiro Pereira Carpes pelo e-mail daiseribeiro@gmail.com ou pelo telefone (48) 99103-6518.

11. *Garantia de indenização*: Diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa o participante será indenizado no valor de seu prejuízo.

12. *Confidencialidade*: Os resultados deste estudo poderão ser publicados em periódicos científicos ou apresentados em congressos profissionais, sem que a identidade do participante seja revelada.

13. *Contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH- UFSC)*: pode ser realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

14. O participante receberá uma via (e não cópia) do documento, assinada pelo participante de pesquisa (ou seu representante legal) e pelo pesquisador, e rubricada em todas as páginas por ambos.

Eu, _____, compreendo meus direitos como participante de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo e em ceder meus dados para o banco de dados do FONAPLI. Declaro que compreendo sobre o que, como e por que este estudo está sendo feito.

Local e data: _____.

Assinatura do participante ou do responsável legal

Assinatura do pesquisador